

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CORPO E JUVENTUDE:
A NOMEAÇÃO DO OUTRO NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Educação da
UFRGS, na Linha de Pesquisa Ética, Alteridade
e Linguagem na Educação, sob orientação da
Professora Dra. Rosa Maria Bueno Fischer

MARCELO SLOMKA

Porto Alegre, agosto de 2006

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	6
Reflexões sobre a evidência do corpo em tempos pós-modernos	
2. CORPO, SUJEITO E REPRESENTAÇÃO.....	14
2.1 CULTURA SOMÁTICA E O MERCADO DO CORPO.....	19
2.2 IDENTIDADES (DES) ENCARNADAS.....	24
2.3 CORPO, ALTERIDADE E EDUCAÇÃO.....	28
3. PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS	
3.1 UMA BREVE DESCRIÇÃO SOBRE A METODOLOGIA.....	37
3.2 O USO DAS IMAGENS NA PESQUISA.....	42
3.2.1. A FOTOGRAFIA.....	45
3.2.2 O CINEMA	48
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	
4.1 OS JOVENS E AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS.....	56
4.2 SOBRE A DISCUSSÃO.....	68
5. CONCLUSÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO 1.....	91
ANEXO 2.....	95
ANEXO 3.....	98
ANEXO 4.....	112

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha querida orientadora Rosa Fischer, que mesmo sem me conhecer, me acolheu como orientando. Obrigado por me estimular e abraçar quando precisei. Teus questionamentos e pensamentos foram vitais. Obrigado pela atenção e o cuidado. Serei sempre grato.

À Valéria, que me apoiou e incentivou nos momentos bons e ruins, vibrando e sofrendo comigo; sempre com amor.

À Jane, que, com calma e atenção abriu clareiras onde havia mato fechado.

À minha doce, artista e tia, Quica.

À Beatriz Kulisz, que me incentivou a realizar o mestrado e me ajudou a acordar. Sempre serei grato.

Ao Chico, que me ajudou na edição dos filmes. Obrigado amigo.

Ao Fabian, sempre amigo e irmão.

À Maria Claudia Dal Igna.

Aos colegas de mestrado; gostaria de poder ter passado mais tempo com vocês. Obrigado por terem me recebido com carinho. Sempre contem comigo.

Ao Carlos Skliar pela inspiração, olhar e carinho.

À Selene Lima Barbosa, que torceu por mim e me incentivou a procurar a UFRGS.

Agradeço ao meu professor de português Tadeu Rossato Bisognin, que, espontaneamente, abriu as portas do Colégio de Aplicação para mim. Também sou grato ao professor Paulo Ricardo que abraçou a idéia e me cedeu seu espaço de trabalho.

Aos jovens que participaram do grupo de discussão e acolheram a proposta.

Aos meus colegas de trabalho da KINDER, que todos os dias me fazem ver que a vida pode ser melhor. Obrigado pela torcida e a amizade.

Aos meus amigos.

À minha família, por me apoiar com amor.

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma temática específica: as formas e contornos que o corpo adquire na subjetivação de si e do outro, como lugar de identificação na contemporaneidade. O objetivo geral da pesquisa consiste em procurar compreender a relevância que o corpo assume atualmente nos modos de nomeação do outro jovem, e de que modo isso estaria afetando os sujeitos. Para tanto, realizamos uma análise de imagens sobre corpos jovens e um estudo sobre depoimentos de estudantes a respeito do tema, a fim de problematizar discursos e práticas diversas que se produzem e circulam relacionadas a esse debate. Em termos metodológicos, trabalhamos com dois grupos focais, de 12 alunos do Ensino Médio, na faixa de idade entre 15 e 18 anos, que discorreram sobre 28 fotografias de corpos jovens e sobre seqüências de dois filmes. Utilizando conceitos como alteridade, corpo, juventude, diferença e subjetividade, de autores como Jurandir Freire Costa, Francisco Ortega, Michel Foucault e Denise Sant'Anna, entre outros, pudemos concluir, mesmo provisoriamente, que a imagem do corpo parece estar regulando, em grande medida, as relações entre os jovens, de forma a qualificar, caracterizar e ordenar o outro, assim como definir seu respectivo pertencimento nas esferas sociais. Os depoimentos coletados indicam que as relações nessa sociedade e cultura parecem estar construídas em torno de um apelo fortemente idealizado sobre a imagem, em relação à qual os indivíduos se vêem entre a resistência e a submissão.

Palavras-chave: corpo, juventude, alteridade, subjetivação.

ABSTRACT

The present research deals with a specific theme: the shapes and outlines that the body acquires in the subjectivation of oneself and the other, as a place of identification in contemporaneity. The general objective of the research is to try and understand the relevance taken on by the body nowadays in the ways to name another youngster, and how this could be affecting the subjects. For that purpose, we have analyzed images of young bodies and a study about students' testimonies concerning the theme, in order to problematize discourse and various practices that originate and circulate related to this debate. In terms of methodology, we have worked with two focal groups, of 12 students from Secondary School, between the ages of 15 and 18, who talked about 28 photographs of young bodies and about excerpts of two films. Using concepts such as alterity, body, youth, difference and subjectivity, from authors like Jurandir Freire Costa, Francisco Ortega, Michel Foucault and Denise Sant'Anna, among others, we could get to the conclusion, even if not definitely, that the image of the body seems to be regulating, to a great extent, the relations among youngsters, qualifying, characterizing and arranging the other, as well as defining their respective belonging in the social spheres. The testimonies collected indicate that the relations in this society and culture seem to be built around a strongly idealized appeal about the image, in relation to which the individuals see themselves between resistance and submission.

Key words: body, youth, alterity, subjectivation.

1. APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a investigação de relações entre alteridade e corpo com os modos de nomeação do outro e seus possíveis efeitos. O objetivo desta dissertação é analisar como essa relação se dá nas práticas cotidianas dos jovens, a partir de uma experiência de “escuta” de um grupo de estudantes, colocados em situações de debate sobre imagens de corpos jovens.

As razões que me motivaram a realizar esta pesquisa passam por questionamentos a respeito de qual é, está sendo ou pode ser, o papel do educador e do psicólogo dentro de uma sociedade em que o corpo passa a ser o principal lugar de identidade, fato associado à força das imagens e do consumismo generalizado. Como o jovem se vê e se identifica com o corpo (seu corpo e o do outro)? Como o jovem pensa sobre o corpo e sua relevância na constituição das identidades? A partir dessas questões, procuro os fios condutores que unem jovem, cultura, identidade e imagem na contemporaneidade.

Meu objetivo é, portanto, escutar e identificar sentimentos, pensamentos e idéias nas experiências narradas, produzidas e expostas por jovens, relativos ao corpo e à imagem e seus efeitos, a partir do relacionamento com os colegas na escola.

A abordagem assumida nesta investigação é a de olhar o corpo como um continente de representações, através das quais são constituídas as relações humanas; trato do corpo como produção e produto de diversos campos de saber e poder, no âmbito da educação, saúde e cultura. O propósito foi pesquisar como o corpo está exposto a uma moral e a uma estética que estariam afetando as relações entre os jovens. O corpo, neste trabalho, será visto como um campo de significação que atinge cada vez mais força, como marca de um estatuto social e especialmente como modo e acesso ao outro e a uma identidade própria.

Ao desenvolver a discussão teórica desta pesquisa, analisei a relação entre os conceitos de *corpo* e *alteridade*, principalmente no âmbito da escola. Para tanto, relaciono as idéias dos seguintes autores:

a) Michel Foucault, filósofo que lançou um olhar para o corpo como uma superfície de inscrição da história. Foucault trata da questão de como o corpo é alvo de controle principal das relações de poder, saber e políticas, especialmente nas obras: *Vigiar e punir* (1975), *Os anormais* (1974-1975) e *Microfísica do poder* (1979).

b) Denise Bernuzzi de Sant'Anna, autora que trata de questões históricas a respeito do corpo: o corpo no passado e os usos que estamos conferindo a ele no presente. Em seus textos, ela nos questiona sobre as exigências que a “forma homem” (inventada no séc. XIX) vem trazendo ao “mercado da saúde” e do prazer;

c) Jorge Larrosa, teórico que me interessa principalmente ao refletir sobre o aplanamento dos corpos em nossa sociedade, bem como sua negação e diminuição, introduzido por ele em dois ensaios, no livro *Linguagem e educação depois de Babel* (2004): “O corpo da linguagem”, que explana sobre a questão de políticas do corpo; e “Diminuição e educação”, em que o estudioso fala a respeito do corpo e sua relação com a educação.

d) Jurandir Freire Costa, psicanalista brasileiro, que nos ajudou a tratar do tema do sujeito contemporâneo em relação às questões da personalidade somática de nossos tempos, a partir dos conceitos de “subjetividade exterior” e “cultura somática”;

e) Luis Henrique Sacchi dos Santos, estudioso do Rio Grande do Sul, que traz contribuições quanto às relações entre corpo, pedagogia e escola, bem como quanto às suas diferentes representações;

f) Carlos Skliar, estudioso que nos oferece amplo material sobre o tema da alteridade e sobre questões teóricas relativas à exclusão/inclusão, mesmidade, representação do outro, normalidade/anormalidade e pedagogias, políticas, filosofias e poéticas da diferença. Com ele, somos instigados a um olhar sobre o nosso olhar, ressignificando assim as formas habituais e familiares de existência e relação com os “diferentes”.

g) Francisco Ortega, que escreve sobre questões ligadas à ascese e à bio-ascese, que ele estuda a partir da obra de Foucault. Ortega trata de pensar sobre as bio-identidades contemporâneas, num tempo em que o corpo estaria “assumindo” uma auto-reflexividade que correspondia outrora à alma, e analisa como se processa essa prática moderna em uma operação de uniformidade, conformismo e egoísmo.

Através desses autores, analiso e problematizo meu objeto de pesquisa. Procuo compreender a representação e a relevância que o corpo assume atualmente, nos modos de nomeação do outro, e como estes afetam os sujeitos. Tenho como campo de investigação um grupo de estudantes em seu ambiente escolar, cujos depoimentos foram estudados buscando entender a repercussão dos ideais de corpo e imagem, bem como sua reverberação na educação e relação dos jovens.

Muito tem se falado sobre o corpo na modernidade. Costa escreve que o “mal do século é o mal do corpo” (Costa, 2004, p. 200). Já ouvimos e lemos sobre o culto ao corpo, a época do corpo, a corpolatria ou a voga do corpo. Os corpos historicamente têm sido investidos de poderes, tecnologias, ciências e éticas, mas nas últimas décadas talvez se possa dizer que há uma espécie de centralidade do corpo na vida e na cultura. Tais novidades geram novas experiências e afecções e, conseqüentemente, inventam e produzem novos modos de vida, fato que suscita uma intensa curiosidade e inquietação investigativa.

Nós nos relacionamos com o corpo de uma forma muito diferente do que o experimentado há pouco tempo. Jorge Larrosa, no ensaio “Corpo da Linguagem”, afirma que essa diferença atualmente se apresenta de forma doentia, como um problema. Revela que “o culto do corpo do mundo contemporâneo é tão doentio como o horror do corpo de outros tempos” (Larrosa, 2004, p.169).

Essa chamada obsessão pelo corpo, assim como sua produção e fabricação, como alerta Larrosa nesse texto, gera que mudanças de perspectiva referentes ao corpo? Ela torna as relações diferentes? Ela é necessariamente, ou unicamente, doentia? Apesar de o ser humano estar buscando cada vez mais a vitalização de seu corpo, sua “vitaminação”, um alcance performático e estético, o que acontece também é que estamos nos tornando mais conscientes de nosso corpo. Poderíamos pensar hoje em formas alternativas de usá-lo ou valorizá-lo, no contato com o outro? Ou será que nossos corpos sofrem algum tipo de pressão, no sentido de uma uniformização quanto aos padrões de beleza, de usos do próprio corpo, etc?

As formas de coação do corpo sempre existiram, mas hoje, por vezes, aparecem sob novas configurações em medidas talvez extremas, baseadas na beleza, na saúde, na *performance* e no espetáculo acima de quaisquer outras qualidades. Com isso, procuro justificar a pesquisa feita, já que nela busquei problematizar e desassossegar questões relativas ao corpo do jovem, na tentativa de tentar caminhar para além dos discursos dicotômicos que opõem a cultura somática e da beleza como lei e o discurso do corpo como corruptor da mente – já que ambos se caracterizam como formas de regulação e coação dos corpos jovens.

A análise do tema do corpo na educação se faz necessária, já que o ambiente escolar tem produzido e reproduzido, segundo uma expressão de Larrosa (2004), um “aplanamento dos corpos”, fato que talvez ainda não tenha sido discutido tão abertamente. Acredito que Larrosa (2004) se refere ao aplanamento dos corpos como

sendo uma forma ou prática de tornar os corpos sempre parecidos, jovens, belos, cuidados, saudáveis e “normais”.

Nessa perspectiva, Louro (2000) realça o disciplinamento dos corpos como uma condição fundamental na educação, no engendramento das estratégias e das práticas pedagógicas. O disciplinamento dos corpos é também o disciplinamento das mentes, como nos ensina Foucault (1975), que descreveu a modelagem do corpo e sua docilização por meio das tecnologias disciplinares, que, desde a dita modernidade, otimizaram as forças do homem.

De acordo com Larrosa (2004), a educação ergue uma história das operações de marcação, configuração e distribuição dos corpos: a escola se configura como uma instituição cujas regras se reconhecem pelas formas e pelas distribuições corporais que produz e exhibe. Penso que Larrosa (2004) se refere às divisões produzidas pela escola, tais como as divisões por idade, inteligência, classe, tempo e espaço. Nela, nada parece ter chances de estar fora do lugar.

Atualmente, a colonização, a exclusão e a docilização do outro estão sendo exercidas sob novas formas de poder, como o do *marketing* da imagem e do individualismo, que Costa (2004) denuncia como sendo a moral do espetáculo e do narcisismo. Em relação a outras novas formas de apropriação dos corpos, Pelbart (2003) afirma que nunca, tanto como agora, nossos corpos foram tão sujeitos do capital, que penetrou nossos genes, nosso imaginário, nosso psiquismo e nossa inteligência. Nossos corpos estão, ao que parece, sendo comprados e artificializados. O corpo é representado de acordo com o que o mercado dita como ideal de consumo e beleza em uma determinada época.

Diante dessa *realidade metamórfica ambulante*, procuro “olhar”, como Skliar (2000) sugere: com o desassossego, e não com a total compreensão. Não pretendo esgotar toda a discussão sobre o corpo; entretanto, procuro nesta dissertação aprofundar algumas idéias relativas à discussão e à articulação entre corpo, juventude e a nomeação do outro, abrindo, talvez, mais um caminho em relação à reflexão ética e à ação de novos olhares e alteridades quanto a esse tema.

Por que hoje, mais do que em qualquer época, o culto ao corpo, principalmente desde a liberação dos costumes, na década de 60, vem chegando ao seu extremo? Essa mudança provoca novos e outros sujeitos? Essa obsessão empobrece outros aspectos que abarcam nossa existência? A obsessão por uma estética da beleza produz novos

sintomas, define modos de vida, cria necessidades, qualidades e valores? Acredito que o corpo identifica, normaliza, regulariza, vende, produz, singulariza, subjetiva e atravessa o outro. De uma maneira invisível, incorporamos objetos que estão no mercado para termos uma determinada qualidade, valor ou estilo, pertencer a uma comunidade, estar dentro dos paradigmas estéticos. Acredito que esses objetos são ilusões e, muitas vezes, frutos de uma política hiper-capitalista articulada pela mídia, pela propaganda, pelos modelos representados na televisão, sobre imagens de sucesso, aparências de felicidade. Vivemos a cultura da imagem, da pose e da beleza como uma forma de obter saúde, alegria e bem-estar. As pessoas, ao que parece, estariam mais preocupadas em perder seus “excessos” ou preencher suas “faltas” físicas do que em viajar ou em desenvolver algum talento (como tocar um instrumento musical), em se apaixonar ou em olhar-ver o outro.

Esse complexo modo de ser de nossos corpos, hoje, teria sido desencadeado, segundo Sant’Anna (2000), a partir da década de 60, quando uma preocupação cada vez maior foi sendo revelada em relação à saúde e ao bem-estar do corpo. A autora revela que, não só na mídia como em tantos outros espaços sociais, inclusive nas universidades, milhares de imagens e de discursos sobre a beleza corporal, assim como sobre o cotidiano sexual e alimentar de jovens e idosos, foram sendo expostas. Apostou-se na liberação do corpo em face de antigos pudores morais. Sant’Anna revela que “valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse importante como outrora havia sido a alma” (Sant’Anna, 2000, p. 51).

Ora, houve muitas mudanças dos anos 60 para os dias atuais; entre elas, destaca-se a que se refere a uma quase instituição da valorização do corpo, como forma quase exclusiva de linguagem, de expressão de pensamento, afeto e identidade.

Tudo indica que novas formas de exclusão foram inventadas: parece que para um jovem estar “dentro” precisa mostrar um excessivo cuidado de si mesmo, corporal. Muitas vezes, esse excesso de cuidado de si mesmo, de tempo reservado para olhar somente para si acaba prevalecendo sobre o envolvimento com o outro ou mesmo sobre o cuidado com habilidades afetivas ou intelectivas.

Esse novo modo de se tratar o corpo pode ser identificado, segundo diversas pesquisas e estatísticas, em lugares e épocas diferentes. Na Itália, em 1976, 33% dos homens queriam emagrecer, contra 47% das mulheres (Fischler, *apud* Stenzel, 2002). Nos Estados Unidos da América (EUA), trinta e três mil mulheres afirmaram a

pesquisadores que preferiam perder de cinco a sete quilos a alcançar qualquer outro objetivo (Wolf, *apud* Stenzel, 2002). Um estudo sobre comportamento alimentar anormal, realizado com mulheres jovens de Porto Alegre, demonstrou que 45,8 % das mulheres tinham o desejo de pesar menos. O mesmo estudo traz dados da literatura referindo que 70% das mulheres americanas e 48% das mulheres espanholas querem ser mais magras, enquanto que 50% das australianas querem pesar menos sete quilos (Nunes, *apud* Stenzel, 2002). No Brasil, segundo Cohen e Cunha (2004), estima-se que existam 10 a 15 milhões de obesos. Cerca de 40% da população têm excesso de peso; e, paradoxalmente, hoje são inúmeras as exigências feitas ao corpo: é preciso ter um corpo mais saudável, jovem, cuidado e belo. Ressalte-se que o Brasil está, em comparação com outros países, nos primeiros lugares em relação a cirurgias estéticas, emagrecedoras e “corretivas”. Esse dado revela a relevância e o estatuto dado aos imperativos morais de saúde e de beleza na vida dos brasileiros, entre outros.

Apesar do *boom* do corpo na atualidade, constato que poucos estudos se propuseram a analisar a constituição que a cultura somática provoca na juventude. Em relação a esse tema, coloco-me inúmeras questões, como: que tipos de sujeitos, que novas morais, que estéticas e discursos a cultura somática produz? Que relações esses novos modos produzem? Elas excluem os que não estão dentro dessa nova condição?

Através deste estudo, busco perguntas que complexifiquem os enunciados do “culto ao corpo”, e tratarei dos efeitos que esse discurso e essas imagens produzem na contemporaneidade. Penso que tais estados provocam sobre a juventude um modo diferente de se relacionar com seu corpo e com o corpo do outro. Acredito que, em grande parte, o corpo aparece submetido a modismos uniformizantes; então, quem não está no padrão não é acolhido, é muitas vezes é humilhado¹, diminuído ou excluído.

A questão que a presente pesquisa se propôs a responder é: como um grupo de estudantes de Ensino Médio, em situação escolar, interage com imagens fotográficas e filmicas, relacionadas a modos de existência de corpos jovens em nossa cultura? A partir dessa questão central, busquei discutir sobre os discursos e as práticas que se dão no cotidiano escolar sobre os corpos dos jovens que estão fora dos modelos vigentes. No decorrer da investigação, surgiram outros questionamentos, quais sejam: como são vividos esses modelos imperativos no *outro da beleza*? Para a juventude, quais são os

¹ Muito se tem comentado atualmente sobre o *Bullying*, que não passa de uma forma de humilhação do outro através do corpo, acredito que o bullying sempre existiu, talvez, agora com uma nova composição dos modelos de corpo e de saúde houve um aumento desse tipo de violência, já que o ideal aparece dentro de uma média cada vez mais reduzida dentro de uma suposta curva de Gauss.

rituais de passagem ao grupo e de acesso ao outro e de exclusão? Como essa aceitação se dá através do corpo e, indo mais além, da imagem consumista do corpo? Que atributos um corpo deve possuir segundo esses jovens? Que valor tem o corpo para eles?

Para tratar dessas questões e dos dados que serão levantados, estabeleci articulações entre corpo, juventude e alteridade e a nomeação do outro, tratando de dar visibilidade a como esses estados e essas condições podem constituir formas de subjetividade jovem. Penso que a educação não pode deixar de tratar dessas inquietações e dos modos pelos quais os referidos temas se imprimem na condição de juventude, no caso, e de como eles formam julgamentos, se relacionam e se identificam, baseados em características físicas.

Uma das hipóteses do estudo é a de que a esse corpo é dado o valor máximo de identidade, uma nomeação baseada em um modelo *a priori*, físico. Qualquer diferença, em meio ao aplanamento do corpo, é nomeada como uma marca que se cola sobre a imagem de uma pessoa. Um jovem com o peso acima do padrão estabelecido vai ser chamado de “gordo”, “bola”, “baleia”; alguém com os dentes diferentes do normal vai ser chamado de “dentinho”; outro com estatura inferior a considerada mediana, de “baixinho”; e assim por diante, ressaltando a diferença, e, nesse caso, explorando e identificando o outro com um nome ou apelido que marque esse lugar da diferença (ou identificando a diferença com um nome). Tento, nesse estudo, entender como os jovens resistem e se posicionam frente a tais nomeações no sujeito. Utilizo, para tanto, o que afirma Foucault (2004) sobre o *discurso*. Os discursos, segundo o autor, não devem mais ser tratados como um “conjunto de signos [elementos significantes que remetem a conteúdos ou representações], mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2004, p. 55).

Tendo como base toda essa discussão, aqui iniciada, realizei minha pesquisa a partir de grupos de discussão e questionários baseados em fotos. Procurei descrever como as relações na juventude se vinculam às questões da imagem. Quis ver também como a diferença é fonte dessa mesma nomeação, já que, ela pode determinar o lugar do outro no grupo.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo contém a apresentação inicial; o segundo capítulo é dividido em quatro partes, a primeira, apresentará a tríade: corpo, sujeito e representação. A seguir, desenvolverei a

articulação entre cultura somática e o mercado do corpo; depois tratarei de discutir sobre a formação de identidades na sociedade atual, analisando como o lugar da identidade parece estar basicamente nos corpos e finalmente a quarta parte versará sobre as relações entre corpo, alteridade e educação. O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos, e de como foram feitos os levantamentos de dados em busca dos principais enunciados que circulam entre juventude, corpo, alteridade e nomeação do outro. Após esse capítulo, apresento a análise dos dados e as conclusões.

2. CORPO, SUJEITO E REPRESENTAÇÃO

“Quero romper com meu corpo, quero enfrentá-lo, acusá-lo, por abolir minha essência, mas ele sequer me escuta e vai pelo rumo oposto” (Carlos Drummond de Andrade).

Quem, no poema de Carlos Drummond de Andrade, deseja romper com o corpo senão o seu próprio corpo? O corpo segue o rumo oposto do seu desejo segundo ele, mas, que rumos segue o corpo? Podemos pensar na morte, é claro, esse é o rumo final do corpo. Que acusações poderíamos, hipoteticamente imaginar, que Drummond faria a seu próprio corpo? Acusá-lo de sua fraqueza, sua fragilidade, talvez? Suas paixões, sua preguiça ou seu desfalecimento?

Romper com o corpo, tornar-se imaterial, fluido, leve, quem sabe? O corpo é posto pelo poeta como um traidor, uma mentira, um inimigo, algo que aprisiona nossa essência e vai pelo rumo oposto. Mas será que podemos acusá-lo de tamanha crueldade? Será que é ele o causador ou portador dos males que nos afligem? Será que não é essa a representação que tem perdurado durante séculos acerca do nosso corpo?

Drummond parece que vê como essencial o que está escravizado em nosso corpo, provavelmente a alma ou o espírito. Podemos supor, em seu poema, que ele deduz um fato: nossa alma está separada e ao mesmo tempo presa a nosso corpo. Talvez o poeta quisesse alertar sobre a importância do que deveria permanecer selvagem e genuíno em nós: a poesia, o gesto, o olhar e o toque – em oposição ao que parece cada vez mais diminuído dentro de um sujeito mecanizado, globalizado, mercantilizado. Um corpo/sujeito que, de acordo com Sarlo (2000), é representado por ícones da cultura, estampados nas capas de revistas, nas páginas e imagens da moda e da publicidade, e que passa a ser sempre mais sonhado e desejado por nós.

Carlos Drummond de Andrade expressou essa complexidade do corpo, através de uma divisão filosófica milenar entre o corpo e o ser, o corpo e a mente, entidades “inseparáveis”, mas, ao mesmo tempo, distanciadas pelo ser humano. Criam-se, entre um e outro, fronteiras de conflitos intermináveis: ora o corpo se submete ao ser, ora o ser se submete ao corpo, numa tentativa de uma constante busca de equilíbrio. Devido a essa condição de mistério e gangorra, Denise Sant’ Anna lembra que “a tarefa de investigar o corpo é infinita, um constante caminhar no escuro, destinado a enfrentar inúmeros paradoxos [como é o caso desta pesquisa], o que contribui, em grande medida,

para confirmar o caráter inesgotável dos estudos sobre o corpo, assim como a sua constituição sócio-cultural” (Sant’Anna, 2000, p. 52).

Trato, neste estudo, daquele corpo que é constituído por diversas formas de discursos, entre eles, o que reproduz uma lógica nominal determinante, em que um sujeito é nomeado pelo seu tipo físico ou pelas roupas ou adornos que veste; aquela lógica que defende o discurso de que, para ser amado, desejado, olhado, e para além disso, ser feliz, ter sucesso e saúde, é preciso ter um corpo belo (magro, forte, modelo) e “igual” a todos.

Parece que fomos nos transformando em produto de uma certa beleza imposta e de determinados atributos físicos julgados necessários. Tornamo-nos seres submetidos aos discursos que produzem novos corpos e, muitas vezes, controlados por eles em nossos pensamentos, ações, modos de vida e relações como o outro e conosco. O corpo parece que está escravizado por uma indústria que o promoveu a um lugar antes impensável, que o destituiu de sentimentos e de expressões para além da pura imagem.

O corpo torna-se, cada vez mais, um meio de a sociedade controlar, dividir e mecanizar o sujeito; entretanto, o corpo, assim como o sujeito, sempre carrega consigo uma condição diferente que resiste à manipulação social humana e à imposição de modos educados e gestos sutis. Drummond revela um de seus verdadeiros sentidos: ele é surdo a nós e “vai pelo rumo oposto”.

Assim, o corpo emerge como o resultado entre o poder de nossa vontade e os efeitos do tempo, das forças da exterioridade, das paixões, do destino e da possibilidade. Passamos a vida tentando enfrentá-lo em sua queda, decifrá-lo em seu mistério, rompê-lo para tornarmos-nos essência, subvertê-lo para ser quem “realmente” somos, mas o corpo envelhece, adocece, entra em erupção, sofre, morre, se adapta e sente. Somos e estamos com ele e nele, durante esse tempo; claramente não queremos sofrer. Mas sofreremos. E a ilusão de sermos imortais, jovens e belos para sempre morre. Alguns morrem sem saber dessa verdade fundamental para a existência, a de que somos mortais.

Em sua história, o corpo já sofreu a ação de inúmeras forças, seja filosófica, ideológica, cultural, biológica, política, industrial ou midiática. Para Nietzsche, segundo a interpretação de Eagleton (1990), a fonte de toda a cultura é o corpo humano, se ele não encarasse o próprio corpo como uma expressão efêmera da vontade de poder. Nietzsche via o corpo como responsável por todas as verdades que podemos alcançar; é

o corpo que interpreta o mundo. Segundo a leitura de Eagleton, “o que ‘conhece’ são os nossos múltiplos poderes sensoriais, que são não só artefatos neles mesmos” (Eagleton, 1990, p. 173).

Nietzsche (1973) denominou o corpo como “o sábio desconhecido” ou a “grande razão”. Temos em Nietzsche a idéia do corpo como uma “razão” natural de uma força inevitável, incapturável e maior que nós mesmos. Hoje, a “sabedoria” do corpo está se tornando conhecida, cientificizada e acessível. Apesar de, com essa afirmação, Nietzsche dar ao corpo um ser e um poder selvagem encoberto em seu tempo, hoje o corpo voltou a ser um corpo quase capturado, obturado e encoberto, que precisa ser resgatado como afirmação e potência de vida, frente ao seu modelamento e capitalização.

Descartes, a partir de uma lógica de existência que prioriza a racionalidade, “separa” o corpo da mente em nossa existência. Seu “penso, logo existo” dissociou o corpo da mente e separou duas forças que nunca, então, voltaram a formar uma unidade ontológica. Descartes desprezou o corpo e suas paixões; o que não podia ser pensado não poderia existir. A cultura, portanto, era a do pensamento racional e assim era julgado o valor de um homem, por seus ideais.

Segundo Foucault, o corpo é um produto da história:

(...) os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo, estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvo de ataques microbianos ou de vírus: mostraram até que ponto os processos históricos estavam implicados no que poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar deveria se conceder na história das sociedades (Foucault, 1975, p. 25).

Diante disso, Foucault esclarece que o corpo também está imerso num campo político e, assim, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, o sujeitam a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Segundo o autor:

(...) este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (idem, p. 25-26).

Durante toda a história do homem, o corpo vem sendo pensado, manipulado, estudado e redescoberto. De alguma forma, chegamos hoje a uma realidade em que podemos, não mais ilusoriamente, tentar transformar nossos corpos. Vivemos de um modo diferente do que foi exposto por Carlos Drummond de Andrade. O corpo atualmente pode cada vez mais nos escutar e não ir pelo rumo oposto em grande medida. Podemos fabricar nossos corpos e escolher nossos sexos, além de outras tantas possibilidades. A medicina, a biologia e a estética podem prometer a fantasia de uma possível futura e eterna (hoje estendida) juventude e beleza, tornando, assim, o corpo o principal alvo de valores e ideais.

Todas essas mudanças acarretam transformações nos sujeitos, dentre as quais a de que podemos, aparentemente, ser o que ou quem desejarmos, a de que podemos habitar o corpo que quisermos. O corpo tornou-se fonte de identidade, escolha, mercadoria e sinal. Hoje, podemos imprimir no corpo qualquer objeto, idéia, linguagem ou expressão. O corpo agora fala dos sujeitos e os enquadra. Entretanto, a linguagem do corpo talvez esteja se tornando, pela globalização e pelo hipercapitalismo, por demais massificada. A ciência diz que podemos hoje ser o que quisermos, desde que estejamos dentro do paradigma vigente. Estamos enquadrados ou sujeitados a uma sociedade que prioriza a produção e o consumo. Estamos regulados e formados pelo espelho e pelo olhar do outro sobre o nosso corpo; chave de acesso ao outro ou a uma tribo. Para sermos vistos e incluídos, devemos ter corpos bonitos, magros e jovens. Rápidos, econômicos, estáveis, equilibrados e dinâmicos.

Os meios de comunicação afirmam repetidamente que a busca do corpo perfeito vem ganhando o *status* de religião em nosso mundo ocidental. Discursos sobre a qualidade de vida, saúde, entre outros, vêm afetando e construindo modos de vida e subjetivando sujeitos. Os jovens são os principais alvos desse bombardeamento ideológico que dita o que é certo e errado em termos estéticos e da moda, já que eles representam o ideal a ser seguido. Torná-los sempre jovens é o objetivo desse sistema.

Através desses modos e ideais corporais de ser, analiso como os jovens vêm sendo afetados, formados e nomeados; entendendo como esses processos caracterizam e regulam suas relações e modos de vida. Mais especificamente, busco entender os enunciados sobre a relação dos jovens com os seus corpos e com outros corpos. Pretendo, a partir da análise dos dados, abrir uma possibilidade de se pensar e se olhar de outra forma a relação entre corpo e juventude.

A seguir, tentarei explorar possíveis formas de representação do corpo na sociedade pós-moderna, a qual denomino – a partir de Jurandir Freire Costa -, neste trabalho, de *cultura somática*, e na qual predomina o *mercado do corpo*. Além disso, pretendo examinar a dominância que o corpo vem exercendo na representação simbólica de si e do outro, da alteridade, bem como da diferença/diferenciação.

2.1 CUTURA SOMÁTICA E O MERCADO DO CORPO

As diferentes modalidades da humanidade são diferentes formas de ser corpo, de fazer corpo (Larrosa, 2004, p. 171).

A concepção de corpo, segundo Alex Branco Fraga durante toda uma tradição histórica do pensamento ocidental, foi construída a partir de diferentes paradigmas. Entre eles, está o dualismo, baseado principalmente no ideal platônico, que acreditava na existência da “alma humana como soberana das ações humanas” (Fraga, 1999, p. 213). O pensamento cartesiano moderno definiu a separação entre corpo e razão, reduzindo o corpo a um esquema simétrico e previsível. Em outro momento, de acordo com França, o sonho iluminista do século XVIII determinou que todos os objetos devem ser vistos, objetivando o homem e seu corpo, que agora havia perdido “o direito de não ser visto, sob o pretexto de oferecer o bem-estar ao indivíduo e às populações” (França, 1998, p. 206). Esses diferentes momentos ajudam a refletir sobre como as culturas produzem as representações do corpo e suas relações com os sujeitos.

Os modelos de representações dualistas dividiam o sujeito em razão e pensamento. Essa cisão entre as duas instâncias produziu a noção do corpo como um corruptor, uma incontável e desconhecida força, às vezes maléfica, já que, provavelmente, destituída de razão, justificativa ou lei. Portanto, nenhuma lei comportaria os corpos. Esse caráter misterioso ou perigoso do corpo gerou a necessidade de conformá-lo, discipliná-lo e reprimi-lo. Segundo Foucault, além de natural, o corpo é também político, já que sobre o mesmo, se exerce um

(...) conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objeto de saber (Foucault, 1975, p. 27).

Esse é um poder que sempre se fez presente. Se por um período o corpo foi negado ou escondido por ser algo incompreensível, lugar das paixões, dos sentimentos e dos pecados, por outro, o corpo hoje é uma afirmação de poder, caráter, identidade, qualidade e valor do sujeito. Essa nova natureza do corpo é o efeito de uma tecnologia investida na vontade de desejá-lo, entendê-lo e, conseqüentemente, discipliná-lo e controlá-lo, ampliando, então, os horizontes da propriedade humana. Entre essas novas

possibilidades, uma perigosa está se desenhando: a de nos tornarmos réplicas, modelos encarnados da noção contemporânea que se concebe de sujeito.

Se durante séculos o corpo em nossa cultura foi negado ou esquecido, hoje, segundo Sant'Anna (2002), a cultura “exige” do corpo e o reforça a ser cada vez mais saudável e jovem. A cultura denomina o corpo como um produtor infatigável de prazer e, com isso, permanece adulando-o, protegendo-o e fornecendo a ele quase o mesmo cuidado antes concedido à alma. Essas mudanças ocorreram, principalmente, devido aos interesses do mercado, através do *marketing*, equivalendo sua imagem como um produto de consumo. As novas descobertas científicas no campo estético, farmacêutico, biológico, bio-tecnológico e genético também fazem parte desses poderes que tentam manipular os corpos aplanando-os de acordo com um modelo criado, produzido e fabricado.

A biologia, a bioética, o *marketing* e a qualidade de vida fazem do corpo seu objeto de poder e significado; o corpo representa, nestes campos de saber, um ideal de homem a ser alcançado e produzido. Busca-se continuamente aperfeiçoar e criar um homem perfeito e imortal. Talvez estejamos procurando produzir nosso *Frankenstein*. Vivemos um tempo em que o corpo é exaustivamente falado, invadido, investigado e ressignificado, interferindo nas formas pelas quais vemos, conhecemos, falamos e nos relacionamos com essas novas culturas de nossos corpos e identidades.

Costa (2004) denomina essa atual obsessão pelo corpo como sendo fruto do narcisismo: uma marca de nossa contemporaneidade. Em sua obra intitulada *O vestígio e a aura*, Costa nos apresenta os conceitos de “cultura somática” e da “moral das sensações” para pensar esse novo modo de nos relacionarmos conosco e com os outros. Segundo o autor, isso ocorre a partir do declínio e do enfraquecimento das tradicionais instâncias doadoras de identidade (escola, família, religião, entre outras), restando então ao sujeito basear-se principalmente no narcisismo e no hedonismo.

A esse respeito, Costa também refere que a cultura somática imprime o assédio sobre o sujeito em seu narcisismo, ao fazer do corpo o “reflexo” da alma. Conforme o autor, “o corpo se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassadas pelo olhar do outro anônimo” (Costa, 2004, p. 198). Os efeitos desse assédio têm sido constatados por inúmeras pesquisas, entre elas uma realizada com crianças de seis anos de idade: ao descreverem e definirem crianças obesas, as crianças as denominaram como preguiçosas, feias, burras, sujas e mentirosas. Já as silhuetas esguias foram descritas de forma positiva pelas mesmas crianças

(Stenzel, *apud* Wadden e Stunkard, 1985). O modo mais eficiente, então, de não se fazer humilhar, invadir, corrigir é ser como todo o mundo.

Para o sujeito “ser como todo o mundo” é necessário se submeter a inúmeras forças controladoras, a fim de que elas determinem, limitem e construam o corpo. Paralelamente a essa delimitação dos corpos, ocorrem, também, diferentes modos de punição àqueles contrários às forças controladoras. Durante toda a história do homem ocidental, diversos saberes, técnicas e discursos científicos se formaram e se entrelaçaram como práticas de controle do outro através do corpo, seja pela exclusão ou pela humilhação. Novas táticas de poder e técnicas punitivas são ativadas pelo poder da ordem estética e somática de ser. São práticas, na maioria das vezes, mais sutis, quase invisíveis, representadas pela ilusão de sucesso e de felicidade, ligada a um produto e a uma imagem.

Parece que somos atualmente “livres” para desenhar nossos corpos, segundo uma moral estética e globalizada de sujeito. Essa moral consiste em satisfazer a vontade de prazer, visibilidade e sensação, a qualquer custo. O corpo hoje é um produto; sua fabricação e espetacularização provêm da indústria das sensações e da beleza. O corpo tornou-se submetido ao dever do prazer imediato em si. O mercado acompanha essa tendência, tentando nos fazer acreditar que a felicidade está relacionada a uma poderosa ilusão e idealização narcísica de imortalidade e de beleza.

Todas essas mudanças sofridas no corpo são efeitos, além das tecnologias, de uma moral narcísica, que avalia um sujeito pela forma e pela aparência de seu corpo. O narcisismo consiste em uma condição na qual o sujeito consome a si próprio como objeto de satisfação ou prazer, preso à imagem de si próprio e afastado do outro, considerado insuficiente². O mercado, então, vende objetos que suprem esse desejo de plenitude e perfeição. São objetos que podem oferecer-nos ilusões, incluindo a de nos tornarmos sempre outros e, simultaneamente, réplicas daquilo que hoje é considerado moda: juventude, beleza e qualidade de vida.

Santos (1999) aponta que a mídia oferece sonhos, promessas de bem viver, de refazer partes perdidas do corpo, de ter um filho de quem já morreu, conceber corpos artificiais. Diante dessas afirmações, pergunto-me: quais serão os limites do corpo? Até onde as fronteiras entre o vivo e não-vivo, entre o humano e não-humano, fato e ficção,

² Assim como Narciso, adormecido em si mesmo, para si mesmo, inacessível ao outro.

cultura popular e ciência, podem ser borradas? O poder do homem sobre a dor e o prazer tem limite? Ou continuará sendo uma eterna vontade de se livrar dos sofrimentos físicos e da morte?

Considerando nossa corrida pelo bem-estar, pela qualidade de vida e à felicidade, Costa (2004) remete à situação na qual quanto mais falamos em minimizar o sofrimento e otimizar o prazer, mais nos privamos de prazer e mais nos atormentamos com os sofrimentos que não podemos evitar. Tornamo-nos corpos e sujeitos anestesiados, cronicamente ansiosos, diante da perspectiva do sofrimento. Hoje, o corpo é torturado pelos próprios sujeitos, donos desses corpos; violentam-no sob todas as formas. Faz-se de tudo para fugir do fim, da dor, da exclusão, do envelhecimento, da idade, do tempo e do olhar maléfico do outro. A cultura somática está submetendo o sujeito a um certo tipo de controle, exercido “como se” fosse de dentro para fora, como se o desejo de se transformar, mudar ou reformar fosse dele próprio.

De acordo com Sarlo, mercado, cultura e, a meu ver, a ciência também se aliam, e então:

(...) sonham-se objetos que transformarão nossos corpos, e este é o sonho mais feliz e aterrorizante. O desejo, não tendo encontrado um só objeto que o satisfaça nem ao menos transitoriamente, encontrou na construção de objetos a partir do próprio corpo o *non plus ultra* onde se reúnem dois mitos: beleza e juventude. Numa corrida contra o tempo, o mercado propõe uma ficção consoladora: a velhice pode ser adiada e possivelmente – não agora, mas talvez em breve – para sempre vencida (Sarlo, 2002, p.31).

Como esclarece Sant’Anna, a economia de mercado aposta na transformação de todas as práticas cotidianas do sujeito, em experiências de busca de prazeres ilimitados. Além disso, a autora expõe que os poderes que investem no controle e na estimulação constantes dos corpos tornam “o próprio prazer uma ordem sem exceção” (Sant’Anna, 2002, p. 104). Onde há ordem, não há desejo nem frustração. Atualmente, as sensações estão supervalorizadas, em lugar dos sentimentos e dos desejos, que requerem outro tipo de investimento. Parece que essa nova realidade é decorrente da anestesia invocada pela dificuldade de se afetar, de entrar num devir revolucionário, de fugir de um enquadramento ou de tornar-se outro e diferenciar-se. As práticas culturais de nosso tempo parecem não propiciar o encontro e o contato dos corpos. As velocidades tornaram-se estonteantes; os espaços, divididos e segmentados; o tempo obtém um valor

capital; e o outro se torna apenas uma ponte para um retorno a si próprio, um espelho para o “eu”.

Quanto a esse aspecto auto-erótico, Costa refere que “o interesse pelo corpo exacerbou a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade, e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados” (Costa, 2004, p.192). A partir somente da sensação ou da sensorialidade, não se estabelece vínculo com o outro, um parece não precisar do outro. As coisas, produtos e objetos estão aí para, virtualmente, satisfazerem essas necessidades sem o outro.

Estamos aprisionados no que Costa denomina de “a moral do espetáculo”. O traço mais saliente dessa moral é o peso dado ao desempenho sensorial do corpo na construção de ideais de felicidade, como o autor revela: “Cuidar de si, satisfazer-se com a imagem que se tem de si, passou a significar trazer o corpo para o nicho dos ideais, desalojando ou espremendo em um recanto os seus antigos proprietários: os ‘grandes’ sentimentos, pensamentos ou ações” (idem, p. 94). A cultura do corpo, em suas inúmeras manifestações sobre os sujeitos, ao mesmo tempo em que idealiza esses corpos e os representa como meio de acesso à felicidade e ao outro, também os torna intocáveis, inacessíveis e anestesiados à experiência com outros corpos. Vivemos enclausurados em nossa própria imagem, envoltos nessa preocupação sobre como nosso corpo vai estar nos olhos do outro, deixando de lado o que realmente fazemos com eles em sua expressão. O que sentimos, afetivamente, parece ficar em segundo plano. O importante é não perder a pose, a maquiagem, a roupa e a máscara.

Corpos que a cultura venera como ideais, belos e jovens, muitas vezes não passam de réplicas estáticas, bonecos de plástico enxertados e implantados num corpo que já não quer se expor nem se enxergar aos próprios olhos do tempo. Com isso, um questionamento importante a ser feito é a respeito da construção da identidade dos sujeitos dentro dessa *cultura somática*. Nós nos vemos e nos definimos através de nossos corpos, ao mesmo tempo que os mesmos parecem “plastificados” e meras cópias do padrão vigente; então, quem somos? A próxima sessão abordará esse tema.

2.2 IDENTIDADES (DES) ENCARNADAS

A personalidade somática tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade (Costa, 2004, p. 195).

A subjetividade do homem é atravessada pela relação da cultura com o corpo, fazendo-o uma fonte de identidade e marca, de pertencimento a uma sociedade, grupo ou tribo. Segundo Louro, “O *locus* da construção de identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos” (Louro, 2000, p.71). Cada época valoriza um aspecto ligado ao corpo, sua postura, retidão, estética ou imagem, sua forma ou uso. Apesar de cada época valorizar diferentemente as marcas ligadas ao corpo, ele sempre foi sujeito desse tipo de identificação (“na carne”). Hoje essas identificações se multiplicaram. Quando se trata de nossos corpos e, em última instância, de nossa felicidade, a moda diz que devemos ser iguais a todos; a mídia diz que devemos usar um determinado produto para sermos uma determinada pessoa; a saúde dita que o certo é exercitar e dominar o corpo; e a educação diz que o corpo deve ser dócil e obediente.

As velhas identidades estão em declínio, atualmente fragmentadas, divididas, deslocadas, descentradas. A cena cultural, com relação às questões de gênero, sexualidade, raça, etnia e nacionalidade, no final do século XX, perdeu seu contorno. Frente a essa instabilidade e desintegração, o corpo em sua aparência se tornou o lugar de identificação e nomeação do outro. Essas novas conformações culturais produziram diferentes formas de subjetivação onde o eu se encontra em posição de privilégio, como expõe Birman:

(...) o que está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com a exterioridade. Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica (Birman, 2003, p. 23).

A pós-modernidade produz as identidades e os corpos, muitas vezes também de maneira violenta ou perversa, tentando apresentar certos modos de alcançar ou pertencer a um *status*, seja de sujeito, de beleza ou de ser saudável. O sucesso é a beleza, e a visibilidade se dá como algo imprescindível. Se um sujeito não é visto, não existe. Vivemos sob a lógica vigente do olhar, atravessados por discursos e aparatos que ditam o que é mais importante, o que é certo e o que é errado.

Existem diversas fórmulas, receitas, religiões, viagens, medicações, ervas, exercícios, *spas*, que podem tornar você quem você sempre sonhou ser. São normas e práticas que estão a um passo de seu alcance, não exigem nenhum esforço; basta apenas discar um número, desde que você tenha um cartão de crédito e se sinta bem, porque hoje isso é o mais importante: sentir-se bem consigo mesmo. Todo esse aparato surge para nosso bem-estar, para a qualidade de vida e para nossa longevidade. Se eu me amo e se eu me sinto bem, o outro, conseqüentemente, me amará: vivemos sob essa lógica narcísica. Eu me amo, logo existo. Onde estará o outro nessa ordem? Estará, unicamente, num lugar para olhar para mim.

O corpo há muito tempo é objeto do olhar do outro. O que muda agora são as possibilidades técnicas de ele ser “corrigido”, esticado, sarado. Existe todo um aparato que acompanhou esses novos modelos de identidade e que possibilita a construção de si como se fosse resultado de uma obra do desejo (ou de arte?). Somos hoje a imagem e a semelhança, não de Deus, mas das instâncias que tomaram o seu lugar, ou seja, o mercado, a mídia e a publicidade.

Cada vez mais, o corpo tem se tornado objeto de nossa vontade, e nossa vontade cada vez mais se torna objeto do mercado e das possibilidades que este oferece. Existe um jeito de caminhar, de falar, de se vestir, entre outros, que remete a múltiplas possibilidades de identidades e escolhas de ser. Ao definir nosso estilo, podemos nos tornar parte de um determinado grupo, sendo incluídos e visíveis. Esse apelo invade o cotidiano de jovens sob discursos que acentuam as transformações corporais como projeto de mudança e diferença que, então, se atrelam numa intrincada teia de significados, que conferem coerência e sentido às necessidades de mudanças e visibilidades desses mesmos grupos. Tais necessidades existem para que haja a possibilidade do jovem ser visto e ser reconhecido (e se reconhecer) como alguém: alguém de determinado grupo, alguém com determinada identidade.

Por que, hoje, os sujeitos precisam ser aceitos e encontrados, acima de qualquer fim, pelo olhar do outro, pelo corpo do outro? Que vazio é esse produzido em nossa existência e que nos coloca numa posição de dependência excessiva? A dependência excessiva do olhar do outro, segundo Louro, gera diversos processos de investimento no próprio corpo, em forma de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas e adornos. Nós nos adequamos aos modelos morais dos grupos as quais pertencemos. Inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. A autora aponta que

(...) treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (Louro, 1999, p. 15).

Com relação a esse aspecto, Sarlo, aponta que as identidades quebraram e em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. Segundo Beatriz Sarlo,

(...) quando nem a religião, nem as ideologias, nem a política, nem os velhos laços comunitários, nem as relações modernas da sociedade podem oferecer uma base de identificação ou um fundamento suficiente para os valores, ali está o mercado, um espaço universal e livre, que nos dá algo para substituir os deuses desaparecidos (Sarlo, 2000, p. 28).

A dignidade e a identidade de um sujeito, atualmente “vazio”, parecem ser dadas pelas qualidades que seu corpo “carrega”. Segundo afirma Costa, nunca antes “havíamos imaginado ser possível que a forma corporal pudesse ser garantia de admiração moral” (Costa, 2004, p. 192), valor antes dirigido à alma. A respeito desse aspecto, o autor esclarece que

(...) o cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. Inventou-se um novo modelo de identidade, a *bioidentidade*, e uma nova forma de preocupação consigo, a *bioascese*, nos quais a *fitness* é a suprema virtude. Ser saudável, longo e atento à norma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade (p. 190).

Os critérios de beleza, qualidade de vida e saúde abarcam hoje as preocupações do sujeito pós-moderno. Precisamos ter corpos saudáveis, duráveis e bonitos, e a isto se associam o bem-estar, o sucesso e a felicidade. O corpo, segundo a cultura vigente, calcada na imagem, deve ser exposto: capas de revistas mostram rostos de pessoas famosas e de sucesso dizendo: “eu fiz aborto”, ou seja, o corpo “é meu”. O corpo, que viveu tanto tempo desencarnado e exorcizado, apartado do sujeito, voltou a ser apropriado em nossa subjetividade, reencontrou o sujeito, o que durante séculos não havia experimentado. O homem reivindicou seu corpo de volta. O corpo é do sujeito, e ele readquiriu o direito de vivê-lo e dele fazer o que bem entender. Entretanto, o que estamos experimentando hoje parece ser o oposto: agora é o sujeito – e sua identidade, espírito ou alma – que está sendo encarnado pelo corpo. O corpo torna-se a lei dos

sujeitos. Parece que o que foi esquecido, agora, foi o sujeito. Seriam corpos sem sujeitos?

Estamos permanentemente numa vitrine, à exposição do olhar do outro. O outro nos dá visibilidade, nos dá nossa identidade. Nós nos tornamos objeto do olhar viciado do outro. Isso quer dizer, também, que nosso olhar está condicionado, já não vibra mais e nem percebe as diferenças. Somente o que aparece (na vitrine) é valorizado. Pautado pelas formas, os jovens estão se tornando caricaturas, réplicas, ao mesmo tempo que o outro é acolhido de acordo com sua forma, e a partir dela é identificado, caracterizado, ordenado e, muitas vezes, humilhado e diminuído.

A segunda parte deste trabalho aprofundará a discussão a respeito dessas questões, ou seja: como o jovem, hoje, é visto pela e na educação, como um “outro”? Como a educação maneja os novos valores vigentes da atual cultura somática? Se a identidade se dá a partir da forma, como a educação trata dos “deformados”?

2.3 CORPO, ALTERIDADE E EDUCAÇÃO

Para iniciar esta sessão, uso um trocadilho empregado por Roland Barthes, em que se misturam saber e sabor. Um não existe sem o outro; todo saber passa pelo sabor e vice-versa. O sabor de saber é vital para que se instalem a experiência e o conhecimento em nossos corpos e em nossas vidas. Entretanto, o pensamento racional até hoje parece continuar privilegiando o saber, em detrimento do sabor.

O sabor pertenceria predominantemente ao corpo, à sensação, à percepção, ao gosto. O saber, por seu turno, remeteria à razão, ao conhecimento e à ciência. Segundo Barthes (1977), a ciência seria de certa forma grosseira. Em oposição, o sabor seria da ordem do sutil, subjetivo, poético e singular. São duas instâncias opostas, porém intercambiáveis: o sabor remete ao que há de singular e louco em cada um, e o saber remete ao geral, pertenceria à lei e à estrutura. De qualquer forma, seguindo Barthes, há um sabor no saber; para saber, é necessário experimentar: é a partir do caos da sensação e do sentimento que surge o conhecimento. Então, pergunto: será que a educação permite aos sujeitos que pensem essa complexidade? Penso que a junção, indispensável, entre saber e sabor, parece estar esquecida pela escola.

Apesar de haver sabor no saber e vice-versa, os processos pedagógicos, em sua história, separaram essas duas instâncias, colocando o sabor como um fator menor no processo da educação. O corpo na escola, na maioria das vezes, foi tratado como um perigo à educação, porque ele tem suas próprias leis e instintos, ele é selvagem, ao mesmo tempo que é cultura. Fazer a pedagogia falar sobre o corpo é uma das tarefas mais complexas, a meu ver, que a escola poderia desenvolver. Porque a pedagogia que está aí opera no sentido de definir o outro, obcecada em configurar essencialidades, tornar visível o gesto, definir a presença questionadora do outro, compreendê-lo e nomeá-lo. A pedagogia está aí para acabar com o mistério do outro, classificando-o. E o corpo tem sua própria gramática, é pura diferença, superfície de contato, de relação com o outro, uma ponte para o outro. O corpo é o outro da educação.

Ser educado, em muitos casos, significa conter as paixões, a cólera, a raiva, o animal em si, para, então, ser passível de uma capacidade racional, humana, e também a de adestramento e aparelhamento. O corpo é violentado ou humilhado³ muitas vezes

³ Aqui a palavra humilhado, como definido pelo Dicionário Aurélio, refere-se a “rebaixamento moral”, coisa “vergonhosa”. O verbo humilhar tem os sentidos de: “referir-se com menosprezo”, “submetar”, “ultraje” e “sujeitar”.

pela e na educação, porque ele é esquecido, negado, aprisionado e mecanizado. Esquecido em seu movimento e expressão; aprisionado em um uniforme (real ou imaginário); mecanizado em sua estrutura e em sua forma.

O método e as estratégias pedagógicas de avaliação, disciplina, regulação e constrangimento foram, de certa forma, o modo mais fácil de tornar os sujeitos educados. O corpo foi durante séculos entendido como algo a se esconder e de que se envergonhar, e foi isso que a escola prioritariamente nos ensinou. Se o corpo estiver adestrado, exposto e comportado, ele não representa perigo ou ameaça. O corpo dos estudantes é dividido, assim como as matérias, as classes, os espaços, os tempos. O conhecimento se dá desincorporado-o de seu sabor e de sua experiência, neutralizando-o em sua capacidade e pertencimento singulares.

Segundo Santos, o corpo dos professores e das professoras estaria igualmente submetido a um “regime de esquecimento”, que implica “uma negação, um ocultamento do corpo docente, um processo de descorporificação e desencarnamento” (Santos, 1999, p.196). O autor indica que o corpo dos professores(as) se faz desprovido ou proibido de sua materialidade, por exemplo, em sua qualidade de sentir, rir, ser espontâneo e suave. Ao contrário, as tecnologias de condicionamento e disciplinamento dos corpos vão-se dando como formas de anestesia e correção do outro, que sucedem desde o olhar até a aplicação de castigos diversos. Entre elas, está a definição dos sujeitos pela avaliação, reforma, recuperação, aprovação, reforço e comportamento. O outro está aí para ser formado ou anulado em sua singularidade.

A respeito dessa operação, de acordo com os apontamentos de Louro, a história da educação mostra que a preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas.

O disciplinamento dos corpos acompanhou o disciplinamento das mentes. Todos os processos de escolarização sempre estiveram, e ainda estão, preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres (Louro, 2000, p. 60).

O discurso escolar produz inúmeras “verdades” sobre o corpo. Segundo Santos, isso se dá porque não cabe ao currículo “incorporar outras representações culturais como importantes para o estudo do corpo: as de beleza, de corpo malhado, de moda, de saúde estética, de sentir-se bem consigo mesmo/a, entre outras” (Santos, 1999, p. 207). A escola, segundo o autor, poderia discutir representações acerca do que é ser atraente, feio/a, gordo/a, magro/a, doente, “gostoso/a”, entre outras. Foi esta, justamente, a

proposta desta pesquisa, ou seja, realizar um “levantamento” entre os jovens, mesmo que limitado, quantitativamente, considerando que muitas dessas respostas já estão inscritas no mercado – o qual, em grande parte, ocupa também o lugar da escola.

A escola poderia, a meu ver, tornar-se um espaço de reflexão e pensamento sobre o que a cultura somática faz com os corpos dos sujeitos-alunos. Ao invés disso, as pedagogias parecem também elas alinhar-se às práticas do mercado e da publicidade, ditando e reproduzindo modos de ser dos corpos na cultura. E como a escola não discute abertamente esses temas, cada vez mais, acaba por formar corpos de acordo com o que o mercado propõe.

Como instância produtora e reprodutora de realidades, a escola poderia abordar de diferentes maneiras o estudo do corpo e de suas representações com os estudantes. Se pudermos debater e entender o que os corpos estão enunciando (ou podem anunciar), quais as políticas a que estão assujeitados e o que a cultura somática tem de força na criação de estilos de vida dos jovens, talvez pudéssemos refletir com eles sobre como isso afeta seus encontros, suas relações e, inclusive, seus pensamentos a respeito do que é oferecido e legitimado como a verdade dos corpos.

As diversas ciências sobre o corpo, endurecidas pelas verdades essenciais, medidas e absolutas, terminam por diminuir o sabor e a intensidade da vida dos corpos dos sujeitos. De acordo com Santos, “os discursos dessas pedagogias do corpo pela biomedicina, através da forma como nos representam (no presente ou no futuro, assentados em uma narrativa de progresso iniciada no passado) estão, mais do que simplesmente falando como somos (ou como queremos ser), produzindo ativamente nossas identidades” (idem, p. 208) e passivamente nos assujeitando ao poder que subjetiva nossos corpos e nos torna anestesiados em relação aos sabores.

Nós nos produzimos e somos produzidos por diversas formas de consumir e escolher diante das ofertas do mercado e dos nossos próprios desejos. Acredito que as possibilidades quase intermináveis de opções de reformar o corpo não são todas malélicas ou desprovidas de “humanidade”. Mas penso que deveríamos, no mínimo, saber por que estamos fazendo uma determinada escolha em relação à transformação de nós mesmos e de nossos corpos; entender o quanto o nosso desejo está marcado pelo olhar do outro, esse outro que pode estar na mídia, no mercado ou mesmo numa relação amorosa; entender, também, que somos tratados não apenas pelo modo como somos

vistos, mas pelo modo pelo qual nos colocamos, a partir de nosso próprio corpo e do olhar do (e para o) outro.

Formas diferenciadas e novas de representações acerca do corpo e da cultura somática certamente não serão tratadas na escola, enquanto as experiências, modos e afecções do outro forem consideradas como algo fora do saber, do conhecimento e da própria educação. Enquanto não questionarmos as formas de corpo-padrão, continuaremos cerceados por modos ditados pela televisão, pela propaganda, pelas promessas de sensação e de melhor qualidade de vida, propiciada pelas chamadas biotecnologias, pelas novas máquinas de fazer o outro desejar uma imagem que corresponde a uma aparência ou a um arquétipo.

A escola produz e reproduz as realidades que compõem nosso mundo, nossa cultura e nossa moral. Ela produz modos peculiares de relação com o corpo; modos de nomear e mapear o corpo do outro, de normalizar esse corpo e docilizá-lo. Entretanto, esse tratamento está sempre em relação com o que é produzido no “corpo” social mais amplo. Ou seja, a escola vive um processo de retro-alimentação no qual a cultura atravessa a escola e é por ela atravessada.

Se a educação se configura como um campo de produção e de subjetivação, que legitima modos de ser e de conviver, sua função, a meu ver, poderia ser também a de desterritorializar a normalidade e propor novas formas de ser sujeito na contemporaneidade, dando visibilidade e existência ao outro que está aí. É necessário discutir com o corpo, acolhê-lo em seu silêncio revelador e deixá-lo ser, para então desestabilizar as formas vigentes e modelos de ser sujeito desse e nesse corpo.

Larrosa complementa: a educação pode experimentar mais: basta “suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, cultivar a arte do encontro” (Larrosa, 2004, p. 160). Penso que o autor está nos falando sobre o encontro com o outro; o encontro indispensável para o saber (e, por que não, para o saber com sabor). E eu pergunto: como está sendo feito, na escola, esse encontro com o outro? Qual é o espaço do outro nesta cultura somática?

Alteridade: o corpo como ponte para o outro

Não há causas e efeitos entre os corpos: todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros (Deleuze, 1969, p. 5).

Relacionamo-nos através dos corpos: entre olhares, toques, cheiros, adornos, gestos e linguagens. A identidade do sujeito é baseada em sua diferença e constituída pelo modo como cada um expressa seus desejos, suas necessidades e seus temores. É no corpo que tudo isso está presente. Ora, ao que parece, atualmente o outro está aí para a afirmação da identidade dos sujeitos, o que reflete uma forte característica narcísica de nossas existências hoje. Ou seja, a diferença existiria principalmente para alguém se afirmar, no ato de nomear o outro.

Parece já não haver espaço para as diferenças, apesar de todas as conquistas de grupos e movimentos sociais nesse sentido. Tudo é classificado, identificado, nomeado e regulado, permanentemente, ao mesmo tempo que acontecem inúmeras formas de resistência. O objeto desse poder normalizador se dá fortemente sobre o que fazemos com o nosso corpo. O que foge ao normal, hoje, logo é denominado “alternativo”: nada escapa à classificação. Skliar (2003) expõe que o conceito do “normal” é uma construção da modernidade, que sugere a conformação do não desviante, do tipo comum, *standard*, regular, usual. Isso quer dizer que a normalidade seria sempre uma construção cultural. Os efeitos dessa construção de normalidade e anormalidade produzem e subjetivam os modos como nos relacionamos com o outro e os modos pelos quais e aos quais somos subjetivados; trata-se de uma espécie de ditadura que atravessa os tempos e que talvez hoje se apresente mais poderosa do que nunca, pelo fácil acesso a tantas e tão variadas tecnologias, que nos permitem transformar e tratar nossos corpos, através de operações, dietas e remédios. Outra fonte de normalização estaria nos próprios processos mais amplos da chamada globalização, no interior da qual nos vemos diante de numerosas práticas de colonizar os corpos e os sujeitos, agrupados em “comunidades” ou tribos reconhecidas internacionalmente. Essa filiação a um determinado grupo constituiria, a meu ver, uma forma de agressão, de exclusão e de humilhação do outro. Uma menina acima do peso estará “condenada” a ser colocada como parte integrante da “tribo das gordinhas”. Não resta mais nada para ela, a não ser enquadrar-se como “mais uma gordinha”. A imagem ou a forma estereotipada aparece como marca de identificação antes mesmo de o sujeito se apresentar, de dizer como é, o que deseja. A ponte para o outro, então, é rompida. A “gordinha” só é “a gordinha”: não

se sabe seu nome, nem se conhece mais nada a respeito desse outro que, para os parâmetros atuais, é considerado fora do normal.

Como Foucault (2001) aponta, o normal como efeito de uma classe, de uma ordem e de um poder, se instalou através das mudanças econômicas e políticas a partir do século XVIII, quando passou a exigir-se outra constituição e a distribuição tecnológica de controle social na organização das forças produtivas. Segundo França, essa nova ordem ocorreu no momento em que “a ordem de mando não poderia mais ter um lugar, um princípio de onde derivar, como a figura do rei, mas precisava fazer circular efeitos de poder” (França, 1998, p. 205) e, conseqüentemente, de assujeitamentos, por meio de estratégias que chegassem aos corpos dos indivíduos e interviessem em seus desempenhos cotidianos, de forma contínua e individualizada. Criaram-se assim tecnologias e táticas de constrangimento e repressão, compondo, favorecendo, permitindo e produzindo sujeitos, objetos e saberes.

Essa nova gestão administrativa dos corpos é o que Foucault denomina de “bio-poder”, ou seja, um tipo de hegemonia que se exerce sobre a vida dos corpos, designando sua entrada nos cálculos explícitos do poder, do poder sobre a vida. O “bio-poder”, segundo França (1998), engendra um ordenamento crescente de todas as esferas da sociedade: a saúde, a educação, o trabalho, o processo biológico, a linguagem, encarregando-se de geri-las, valorizá-las, multiplicá-las ou constrangê-las.

O poder de um corpo, quando calculado, medido e dirigido, torna-o fonte de produção, de capitalização e de normalização. O corpo, então, vem sendo o lugar de um adestramento repetitivo e ritmado. A educação do corpo é uma operação que passa pelos modos de usar esse mesmo corpo e de expressá-lo (com um sentido pré-determinado). Criou-se uma gramática do corpo em suas diferentes posturas ou gestos, ou seja, o corpo foi exposto, silenciado e colonizado por diferentes forças normativas. Atualmente, tal operação se concentra fortemente nas práticas do mercado; a identidade está de alguma forma colada ao corpo através do mercado da saúde e sua globalização. A mídia e todos os meios de reprodução da sociedade estão voltados a produzir ou fabricar um tipo específico de corpo. Esses modos de produção atravessam os sujeitos em suas subjetividades, alterando suas imagens e relações com o outro.

Entre essas mudanças, as imagens do outro, como escreve Skliar, acabam transformando-se em refêns do outro; “que os sentidos do outro acabam por quebrantar nossas rígidas mãos até convertê-las em carícias, até transformá-las e transformar-nos

em rostos que às vezes se aproximam, é verdade, mas que muitas outras vezes se ignoram em racismos e rizomas de diferenças” (Skliar, 2003, p. 22). Novamente, a ponte para o outro é obstruída. Conforme Larrosa, essa discriminação se dá devido ao tão falado retorno do corpo que, segundo ele, “convive (e às vezes coincide) com o aplanamento geral do corpo produzido pelos discursos e pelas práticas nas quais os indivíduos tratam de se ajustar aos modelos corporais que lhes impõem desde os imperativos morais da saúde e da beleza” (Larrosa, 2004, p. 169). O aplanamento que Larrosa expõe acaba por intensificar cada vez mais o anestesiamiento das diferenças, ou seja, do outro que chega em e com toda a sua diferença.

Os corpos sofrem os efeitos que esse modo de vida produz. A singularização (e a diferença) dos sujeitos, que em outro plano é derivada ou chamada de alteridade, está ameaçada, já que o sujeito, assim como o corpo, está sendo normalizado, banalizado, disciplinado, ordenado. O corpo, como aponta Fraga, está se tornando um produto, “fabricação de anatomias de consumo” (Fraga, 1999, p. 217). Pergunto: até quando o corpo irá suportar ser objeto de uma nomeação paralisante? Até quando será matéria de pressão, de comparação, de medida, matéria de abuso do outro (a seu serviço), do mercado, da indústria, da moda e dos bons modos? Até quando ficaremos assistindo a essas leis perversas que ditam o que representa estar “por dentro”: ser *sexy*, atraente, saudável, alegre?

Segundo Costa, outros novos efeitos rompem a subjetividade dos sujeitos para, de maneira invisível, aprisionar seus desejos, imprimindo em seus corpos uma ética das sensações, muitas vezes perversa. Como ele aponta:

Para muitos indivíduos, o desejável então é o que pode ser sensorialmente experimentado como agradável, prazeroso ou extático; o indesejável é o que pede tempo para se realizar ou que, ao se realizar, não excita ou traz gozo sensorial esperado. O outro, como observou Bauman (1998), atrai não por ser uma chance para a ação, mas por ser uma promessa de sensação (Costa, 2004, p. 194).

É o corpo que carrega essa promessa. E o outro já é descartado de antemão; ou humilhado por sua condição de diferença, extravagância, falta ou excesso. A esse outro não é permitida uma aproximação, um contato, um acesso. Costa revela que

(...) em muitos casos, o cuidado de si, centrado na forma corpórea e no gozo das sensações, vem desgastando a importância emocional do outro humano. Todavia, continuamos a precisar do reconhecimento do outro para estar seguros do valor de nossos ideais de eu (idem, p. 197).

Essa segurança se dá através da comparação, do outro como um espelho que reflete o quão bem se está. Muitas vezes, a humilhação se dá por essa comparação pois, ao diminuir o outro, um se coloca acima do outro. Nesse sentido, Sant'Anna aponta que

(...) o apagamento das fronteiras entre beleza, saúde e bem estar refletem uma nova constituição nas relações e na composição do sentido do outro, como seu efeito, nunca tivemos tanto medo das doenças e tanta aversão ao mal-estar como agora; quando isto ocorre, queremos relações de amizade e amor somente sob a garantia de que o outro não provoque estresse, procuramos estar em lugares somente quando acreditamos que esses lugares não fazem mal à saúde, queremos estar junto de nós mesmos unicamente quando estamos nos sentindo supersaudáveis e bem dispostos (Sant'Anna, 2002, p. 105).

Esse modo de vida enquadra, compara e normaliza o corpo em um jogo de poder que, através da ditadura da imagem, produz identidades que vêm sendo classificadas pelo tipo de corpo, lugar, roupa ou marca que vestimos ou consumimos. Devido a essa condição, é preciso refletir sobre o que vem acontecendo com os sujeitos, identificados como belos ou saudáveis antes pela imagem e a aparência. Segundo Hall “é apenas por meio da relação com o outro – da relação com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo – que o significado positivo de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído” (Hall *apud* Louro, 2000, p. 70). Se uma identidade, segundo a autora, é sempre definida em relação à outra, quer dizer que depende da outra. Ou seja, na afirmação da identidade está a diferença. Sendo assim, penso que não está havendo espaço para o sujeito em sua alteridade, porque toda diferença está sendo banalizada, patologizada, medicalizada, classificada pela imagem.

Skliar adverte, nesse sentido, que o outro deveria estar aí para nos fazer vibrar, e não para multiculturalizá-lo, encaixá-lo, alinhá-lo. Segundo o autor, essa vibração serve “para não continuar acreditando que nosso tempo, nosso espaço, nossa cultura, nossa língua, nossa mesmidade, significam todo o tempo, todo o espaço, toda a cultura, toda a língua, toda a humanidade” (Skliar, 2003, p. 20).

Parece não haver espaço nem tempo para o outro. Precisamos, então, criar outro tempo e espaço para esse que chega em sua diferença. Atualmente, tentamos nos livrar do olhar do outro quando não nos sentimos bem com o nosso corpo. E o contrário acontece quando estamos nos sentindo bem com ele. Essa sensação de “bem-estar”

sempre é frágil, já que o outro pode, sempre em comparação conosco, estar melhor, mais belo ou forte.

Sobre essas marcas que os corpos sofrem, Louro afirma que é esperado o enquadramento de alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo: masculino e feminino, branco ou negro. “O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações” (Louro, 2000, p. 62). Pretendemos reconhecer a identidade, ou seja, aquilo que o sujeito é. E, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é, ou seja, a diferença. Desejamos afirmar quem é o sujeito, de onde vem e se representa perigo. Aqui aparece outra característica da cultura narcísica: a necessidade de o sujeito desprezar tudo aquilo que não é (como) ele ou, então, é “menos” que ele. Trata-se de uma forma de diminuição ou humilhação do outro. Então, é a aparência que definiria o outro. O corpo do outro seria o espelho narcísico do sujeito contemporâneo.

Esse jogo de identificação e diferenciação nos coloca sempre a questão do outro: o acesso ao outro se dá a partir de sua condição física, estética, gestual. Vivemos nessa condição, aprisionados ao olhar do outro. Nossas identidades estão impressas e expostas no que aparentamos ser ou no que apresentamos ao outro, e vice-versa. De acordo com um determinado corpo, somos enquadrados, agrupados, classificados e ordenados. Sendo assim, também enquadramos o outro em uma determinada categoria. Encaixamos nossa personagem “gordinha” no grupo – especial ou anormal – daqueles acima do peso “ideal” e, como foi dito antes, não sabemos mais nada, além disso, a respeito dessa pessoa. Aliás, seu apelido, ou pior, sua identidade fica rotulada ao “ser gordinha”. Isso dá margem para a humilhação, a exclusão ou a diminuição dessa personagem em inúmeros outros grupos em que ela poderá – pelo menos tentar – circular. Talvez essa sua condição identitária manifesta no corpo regule suas possibilidades de encontros, relações e pertencimentos na escola.

3. PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

3.1 UMA BREVE DESCRIÇÃO SOBRE A METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada com alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP)⁴. Foram realizados dois encontros com alunos, de ambos os sexos, e de idades entre 15 e 18 anos. O primeiro encontro com 12 jovens se deu no dia 07 de novembro de 2005; o segundo, com 11 jovens, ocorreu no dia 21 de novembro de 2005.

Esse grupo não foi constituído especificamente para realizar a pesquisa de campo. Ele já pré-existia e fazia parte de uma atividade curricular do Colégio, denominada “Grupo de Enriquecimento”. Essa é uma atividade em que os alunos escolhem uma disciplina, entre as diferentes áreas de conhecimento, e realizam uma atividade especial, pela qual são avaliados. No caso em questão, o grupo que me foi ofertado realizava a atividade especial para a disciplina de Português. A proposta dentro desse programa era a de assistir a filmes nacionais, de preferência, em aula; posteriormente, o professor levava textos literários em que eles debateriam temas tratados no filme. Os alunos, durante as discussões, começavam a rabiscar idéias e, na aula seguinte, deveriam entregar textos sobre o tema.

A proposta desse grupo, segundo o professor responsável, era a de aproximar os alunos de discussões sobre a realidade dos adolescentes. O CAP fez uma espécie de pesquisa ao final. O objetivo maior da disciplina era proporcionar ao aluno a possibilidade de debates variados, a partir de filmes. Segundo o mesmo professor, uma das grandes carências dos alunos está relacionada ao que denominou de “falta de leitura de mundo”, o que incide na “falta de conteúdo” das redações. Assim, o objetivo do grupo era o de levar subsídios para chegar a uma escrita mais complexa, mais rica.

O contato com o Colégio de Aplicação foi feito através de um antigo professor de Português com quem estudei: ele me apresentou ao seu colega de Departamento (coordenador do “Grupo de Enriquecimento”) para eu realizar a apresentação do projeto e fazer as combinações de datas e horários, bem como para levantar as disponibilidades e possibilidades. Foram combinados dois encontros com os alunos.

Desde o início, fui muito bem acolhido, assim como o projeto em questão. Não houve a necessidade de formalidades para obter o acesso ao grupo de professores e de

⁴ A inserção dos estudantes no CAP se dá por sorteio; assim, os níveis, classes ou quaisquer tipos de distinções sócio- econômicas mostram-se bastante variados.

alunos. Acredito que isso se deu porque minha proposta vinha ao encontro do objetivo da atividade, já iniciada e estabelecida para aquele horário do “Grupo de Enriquecimento”. Também pude perceber a abertura dos professores e da Instituição para os objetivos deste tipo de atividade – no caso, minha pesquisa e o envolvimento com os alunos.

Os grupos se constituíram em duas etapas:

- a. Primeiro encontro: apresentação de fotografias e aplicação de três questionários.
- b. Segundo encontro: discussão com o grupo, a partir da exposição de cenas pré-selecionadas de dois filmes.

Foram feitos dois encontros de uma hora e meia cada um. Estes aconteceram no Colégio e no horário disponibilizado para o grupo em questão. Os encontros foram gravados, filmados e posteriormente transcritos, com a autorização prévia da família, por escrito, e o consentimento verbal dos alunos.

Como o número de encontros combinado me pareceu pouco, senti a angústia de não conseguir obter todos os dados necessários. Assim, pensei realizar no primeiro encontro uma atividade um pouco mais dirigida, a partir de um tipo de questionário (em anexo) visando obter respostas escritas por parte dos alunos.

Para esse primeiro encontro, coletei e coleí 28 fotos de jovens, distribuídas em quatro folhas⁵. Com essas fotos em mente, realizei três questionários diferentes, usando-os como forma de obtenção de alguns dados mais objetivos sobre os alunos, bem como de suas percepções, idéias e julgamentos, baseados nas foto-imagens. Meu intuito foi o de inicialmente fazer com que aqueles jovens sugerissem qualidades para definir aquelas imagens, para de algum modo conseguir dados sobre elas, entender o quanto elas teriam ou não a ver com suas opiniões, preconceitos e diferenças e, até, formas de racismo.

O primeiro encontro também se deu como forma de produzir um material frutífero, que pudesse me levar a novas elaborações, “iluminando” o meu não saber; algo que pudesse ser um pouco mais palpável ou concreto, frente ao inesperado de um grupo de discussão, que constituiu a atividade realizada no segundo encontro com a turma. Mesmo havendo um foco de atenção, é difícil saber ou ter alguma idéia prévia de até que ponto se pode chegar com um grupo, sem contar com a angústia de tempo e as

⁵ As fotografias serão apresentadas no anexo 1.

incertezas quanto à eficácia dos recursos de captação das falas na discussão (gravador e filmadora).

No segundo encontro, minha idéia foi, seguindo a sugestão da banca de qualificação de defesa, a de realizar um grupo focal. O grupo focal foi sugerido como um modo de pesquisa que possibilitasse uma vivência com o tema a ser discutido, uma forma de pesquisa que tivesse a intenção de trazer elementos baseados em experiências cotidianas, propiciando a ocorrência de algum tipo de experiência pessoal no ato de discutir coletivamente um tema ou foco. Nesse tipo de proposta metodológica pode-se assistir a um filme e conversar sobre ele, ler um texto sobre determinado assunto ou debater um conjunto determinado de questões.

Acredito que o “grupo focal” tem essa característica mais aberta a acolher o que emerge da situação pois, apesar de existir um foco, o processo de construção de sentidos se dá na interação entre o pesquisador, o tema e os estudantes no “calor” de um debate, onde existem trocas de experiências e olhares que, como Carlos Skliar mencionou no seu parecer sobre esta pesquisa, nos levam porventura a lugares inusitados⁶.

Neste trabalho, não seguimos rigorosamente as exigências de um grupo focal. Na realidade, selecionamos um grupo de estudantes em torno de um tema, ou seja, de um foco para o debate: no caso, as relações entre corpo, imagem e juventude na cultura contemporânea. Nossa preocupação não foi definir se se tratava de um grupo focal ou de um grupo de discussão. Quanto a essa inquietação a respeito dos destinos do grupo, encontrei em Bernadete Gatti a afirmação de que “o grupo, embora focado, tem seus caminhos próprios e abre sendas inesperadas” (Gatti, 2005, p.68). A autora revela mais: que vê nessas características possibilidades e não limitações ao ato de pesquisa; assim, a atividade do grupo de discussão pode tornar mais ampla a “linearidade explicativa diante dos problemas em pauta” (idem).

O grupo de discussão, como uma atividade não dirigida para respostas objetivas e clínicas, implica que os estudantes interpretem imagens, textos, etc. à sua maneira e pensem como elas têm ou não relação com suas vidas. De acordo com o relato de uma pesquisa de Gatti, o uso de grupos focais funciona como uma técnica de coleta de dados que favorece, pela troca entre os estudantes, a discussão de experiências, permitindo, segundo as palavras da autora, “a emergência na interação grupal de valores básicos que subsidiam as opiniões” (Gatti, 2005, p.57).

⁶ Skliar, Carlos. Parecer sobre projeto de dissertação de Marcelo Slomka. Porto Alegre; PPGEDU, 2005.

Segundo Gatti, por meio do grupo focal, “é possível entender melhor, por exemplo, as diferenças ou as proximidades existentes entre o que as pessoas dizem e o que elas de fato fazem, o que permite articulações entre os múltiplos entendimentos e significados revelados pelos participantes” (idem, p. 68).

Como material para o grupo de discussão, apresentei dois trechos de filmes editados por mim. O primeiro foi “Aos treze” (2003), dirigido por Catherine Hardwicke, que trata de Tracy (Evan Rachel Wood), uma jovem discreta e tímida. Na narrativa, um dia ela se torna amiga de Evie (Nikki Reed), a garota mais “popular” da escola. O filme, no que toca ao meu interesse como pesquisador, mostra o modo como Tracy muda sua aparência, seu estilo, como uma forma de obter acesso aos olhares do mundo, dos outros, do grupo de garotas consideradas “populares”. Essa mudança provoca outras alterações no seu comportamento, na tentativa de ser igual às garotas consideradas populares, às que atraem os olhares e atenção da escola, como é mostrado no trecho do filme que recorto, em que Rachel tenta conversar com seu irmão e alguns amigos dele que estavam juntos e é desconsiderada, porque Evie e suas amigas estavam passando em torno deles.

O outro filme foi “Elefante” (2003), de Gus Van Sant, inspirado no conhecido massacre de Columbine, que aconteceu há quatro anos atrás quando dois alunos armados invadiram o seu colégio e instalaram o pânico, matando vários colegas e professores antes de se suicidarem. O filme retrata também trechos na vida de alguns jovens dentro da escola. Dentre eles, selecionei as cenas da personagem Michelle. Editei duas cenas do filme, tendo essa personagem como protagonista, para apresentar ao grupo. As cenas mostravam essa garota como, aparentemente, introvertida, deslocada, solitária, estranha aos outros alunos e discreta (seu corpo chamava a atenção por ser “desengonçado”).

O título se referia a uma antiga parábola budista sobre um grupo de cegos examinando diferentes partes de um elefante. Nessa parábola, cada cego afirma convictamente que compreende a natureza do animal com base tão-somente na parte que lhe chega ao tato. Ninguém vê ou sente o objeto na sua totalidade, mas todos arriscam um palpite totalizante – e, naturalmente, equivocado. Segundo o *site* “Cinema em Casa”,⁷ o diretor é consagrado por saber filmar os jovens sem deturpar seu universo, adotando um posicionamento inequívoco, “aquele de onde se vê tudo e nada ao mesmo

⁷ Acessado em 02/07/2006

tempo: o olho do furacão, o epicentro do evento trágico. Gus Van Sant optou por buscar uma realidade que ele reconhece entender somente em parte, fazendo um filme que substitui qualquer conceito a priori por uma mente totalmente aberta aos sons, às imagens, às frases, aos gestos, aos lazes, às fraquezas e virtudes, em suma, aos signos dessa juventude que retrata instantaneamente. Buscando se colocar o mais próximo que puder, mais especificamente a um palmo de distância do rosto ou da nuca de quem protagoniza aquele conjunto de situações”.

A questão a ser compreendida era como os estudantes percebiam as cenas do filme, como produziam interpretações e reagiam ao cenário social apresentado nos filmes. Desejava saber também que choque existe entre o cenário exposto na tela e os próprios cenários pessoais e escolares daqueles jovens com quem me encontrei. Enfim, busquei entender que efeitos produziam algumas imagens específicas sobre os jovens, e como estes se manifestavam a respeito delas.

As imagens, tanto nas fotografias quanto nos filmes, são dispositivos que, sendo bem usados, podem ser geradores de uma discussão e também desinibidores, já que tocam os jovens diretamente e os afetam, o que pode surtir efeitos em direção a uma atividade não dirigida para respostas objetivas e clínicas: eles poderiam interpretar aquelas situações e falar de como elas se implicam em suas vidas.

As questões que me nortearam durante o andamento do grupo de discussão foram pautadas pelos modos como os jovens olham as imagens, o que se passa diante delas, o que se destaca da tela em suas falas, quais as observações sobre as personagens, como se identificam com elas ou delas se diferenciam. Essas eram algumas possibilidades focais para o rumo do grupo, quanto às cenas dos filmes: na realidade, tratava-se de inúmeras idéias e desejos sobre os quais eu iria “viajar” com eles.

Objetivamente, minhas indagações aos jovens, antes da realização do debate em grupo, eram dirigidas a produzir falas, a partir do que, na visão deles, teria se passado no filme, como ou por que ocorrem fatos relacionados a mudar de aparência ou de estilo, para tornar-se igual aos outros, ou para ser “popular”; como eles acham que beleza, imagem e corpo interferem nos relacionamentos, na vida em grupo, na escola, etc.; como ocorre para eles a importância e a força da beleza, como forma de identidade, como algo de marcador identitário (Santos, 2002); também como percebem a exclusão do outro pelo corpo e a maneira com que assumem relevância esses temas em suas vidas.

3.2 O USO DAS IMAGENS NA PESQUISA

Nessa dissertação foram utilizadas imagens – fotográficas e cinematográficas - como recurso metodológico de investigação. O uso das imagens como dispositivo de pesquisa apresenta algumas particularidades, que serão discutidas a seguir.

Primeiramente, pode-se pensar sobre a centralidade que a imagem e o visual adquiriram na contemporaneidade, nestes tempos de cultura visual. Esta centralidade já é objeto de estudos de autores como Luís Henrique Sacchi dos Santos, que se interessou por “entender a idéia de visualidade que trata, segundo Rose, do modo como a visão é construída de diferentes modos: como vemos? O que estamos aptos a ver? Como vemos esse modo de ver?” (Santos, 2002, p. 6).

A partir do uso de imagens, pode-se verificar como se dá o olhar dos sujeitos, ou seja: quais as representações que eles constroem das imagens selecionadas; que leitura fazem de uma determinada cena de um corpo ou de um rosto; como nomeiam, descrevem e, até mesmo, julgam essas imagens ou se identificam com elas.

Sacchi, ao lembrar Mirzoeff, revela que

(...) a experiência humana é, agora, mais visual e visualizada do que em qualquer período anterior, não simplesmente porque as imagens são cada vez mais comuns, nem porque os acontecimentos sobre o mundo são, de forma crescente, visualmente articulados, mas sim porque interagimos mais e mais com experiências visuais totalmente construídas. (...) O mundo a partir de imagens não está apartado de determinados regimes de poder (visualidade), que organizam tais experiências, permitindo que se vejam algumas coisas e não outras em cada tempo (Santos, 2002, p. 121).

As imagens provocam sensações e evocam representações, ou seja, informam e formam simultaneamente o observador, que jamais é passivo ao olhar. A imagem é uma linguagem, uma superfície que “espera” um olhar que a signifique e a represente.

Como forma de pesquisa, as imagens foram pensadas como uma maneira de tentar traduzir o efeito que se dá na identificação do outro, na experiência dos jovens. A tentativa foi de fazer as imagens falarem por eles, através deles e com eles, bem como fazer eles projetarem suas próprias imagens e representações nas fotos (e cenas) e fazê-los falar pelas imagens; ou seja, fazer uso dessa via de mão dupla.

A relação entre sujeito, corpo e imagem é certamente múltipla e complexa. Parece que os sujeitos julgam outros sujeitos com base em imagens. Como já havia sugerido Foucault, a imagem é uma superfície de inscrição. Acrescentaria que o corpo também é, alguém da inscrição, uma superfície pré-escrita, pois quando chega ao mundo,

já está de alguma forma significado, “palavreado”, nomeado. Através de seus corpos, os sujeitos podem ser vistos como imagens. Muitas vezes, o primeiro encontro entre os sujeitos é visual: dá-se a partir da imagem que vemos em seus corpos. Qual é a imagem de sujeito que se apresenta? Pode-se perguntar “quem é esse sujeito?”, de diferentes formas, como: o que me diz seu corpo? Que imagem posso fazer desse sujeito (a partir de seu corpo)?

Segundo Saturnino (2003), as imagens, cada uma em seu tempo e em seu lugar, imersas em relações de poder, constituem discursos e, de uma certa forma, produzem sujeitos. Fonte de expressão e impressão, criação e ruína, o corpo já chega num mundo de conceitos formulados, por exemplo, sobre a origem, a raça, a cor, a língua e o estilo. Ao responder às perguntas formuladas no parágrafo anterior, nós os fazemos imersos nesse mundo, com pré-conceitos a respeito das imagens e dos corpos que elas representam. Por exemplo, ao vermos uma pessoa gorda, o que podemos pensar e, de certa forma, pré-conceber em relação àquela pessoa? Podemos dizer que é alguém que não se cuida? Ou seja, não faz nenhum exercício físico, não se alimenta direito? Poderia ser, por isso, uma pessoa preguiçosa, lenta, desleixada? Assim, podemos, muitas vezes “constituir” esse sujeito. Esses são modos nas quais as imagens operam sobre as formas de nomeação do outro.

Escolhi usar imagens como meio de pesquisa porque acredito que existe uma articulação direta entre sujeito, corpo e imagem, com o processo de construção de identidades do outro, e conseqüentemente de diferentes relações, papéis e lugares, no mundo. Com certeza, como nos diz Saturnino, “imagens nos informam. Mesmo com uma objetividade relativa, mas nos informam” (idem, p. 28). A relatividade da informação das imagens existe, pois o que a imagem nos informa é a aparência do objeto. A partir dessa aparência, passamos a construir todo o resto e acabamos “formando um todo”. Um exemplo disso, dado por esse mesmo autor, pode ser visto na hora das refeições: preferimos alimentos com uma aparência saudável, como se a imagem estivesse nos informando seu sabor, como na expressão “comer com os olhos” (idem).

Pois bem, a aparência pode indicar alguma qualidade de um determinado produto, ou melhor, assim é feita a leitura sobre as coisas e sobre os sujeitos no mundo. Também é assim com o corpo, moradia da imagem: ele expressa - antes que o gesto ou a língua possa denunciar - a origem, a raça ou o estilo de um sujeito. O corpo pode nos informar traços da identidade. Importante salientar, novamente, a relativização dessa

informação, propiciada pela imagem. Como foi dito: são traços da identidade. Segundo Alberto Manguel, “as imagens que formam o nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias” (2003, p. 29), as quais precisamos completar, talvez com o nosso desejo ou nossa experiência, para termos a noção de um “reconhecimento”. Um sujeito, ao oferecer sua imagem através do corpo, também nos oferece determinados traços que nos permitem “formar” a idéia de uma pessoa, com certas características, qualidades, defeitos, estilo, etc. As imagens, assim como as palavras (e, acrescento, o corpo), são as matérias de que somos feitos.

Com base nesses estudos, penso que o uso das imagens, como uma estratégia de investigação a respeito do modo como os jovens, hoje, percebem os outros e a si mesmos, pode ser interessante. Para tanto, é necessário especificar a metodologia utilizada, o que será exposto a seguir.

As imagens, em movimento ou não, envolvem aspectos composicionais que, segundo Rose (*apud* Santos, 2002) envolvem quatro aspectos importantes. Na fotografia, podemos avaliar os dois primeiros aspectos. Já, no cinema, os quatro aspectos podem ser investigados. São eles:

a) *mise-en-scène*, que trata da organização espacial da imagem, ou seja, o quê e como fotografar. Assim como as especificidades da câmera (enquadramento, planos, distância, foco, ângulo, ponto de vista, movimento de câmera, etc.).

b) *montagem*, que diz respeito à organização temporal da imagem e como ela é apresentada. Aqui, a edição é o aspecto mais importante a ser considerado.

c) *som*, que abarca o som ambiente (ou efeitos sonoros), a música (trilha) e narração (fala das personagens ou narrador). O som é crucial às imagens, afetando os significados visuais tanto quanto, ou possivelmente mais, do que a imagem (Butler *apud* Sacchi, 2002);

d) *estrutura narrativa*, que corresponde à história que o filme conta e o que acontece às personagens.

Passo agora a discutir as imagens selecionadas para esta pesquisa, primeiro nas fotografias e depois nas cenas dos filmes.

3.2.1 A FOTOGRAFIA

A fotografia não possui apenas um caráter de registro, de cópia do real. De acordo com Joly (1999), abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. Assim, um signo só é signo se exprimir idéias e se provocar na mente daqueles que o percebem uma atitude interpretativa. Temos, por um lado, a fotografia como réplica do real, e, por outro, a fotografia como uma interpretação do real ou de sua produção.

A utilização das fotografias nesta pesquisa teve como finalidade entendê-las como signos, que implicam interpretações, ou seja, podem suscitar diferentes leituras e significações. Para tanto, solicitei aos estudantes para atribuírem valores e qualidades aos personagens. Penso que esse julgamento foi influenciado por um conjunto de traços estruturais, culturais e simbólicos, previstos e prejudgados por uma dada ordem. Me refiro aos traços ou medidas considerados pelos jovens como adequados ou estabelecidos socialmente como belos, e que são inscritos no corpo.

Umberto Eco (*apud* Magli, 1991) insiste no fato de que os esquemas visuais – freqüentemente - não refletem as qualidades ópticas das coisas, senão as relações ontológicas: ou seja, as mensagens visuais não comunicam unicamente a aparência dos objetos (o que nós vemos), mas se apóia naquilo que sabemos sobre sua natureza imanente e através dos fenômenos de empatia representados por linhas, cores, ritmos e pelo som da voz. Assim, as figuras de um rosto ficam cristalizadas a partir dessa condensação simbólica.

Seguindo o parecer de Luis Henrique Sacchi dos Santos sobre o projeto desta dissertação, busquei referência no texto escrito por Patrizia Magli, intitulado “O Rosto e a Alma”, que resgata a antiga ciência da Fisiognomia. Segundo a autora, o pensamento ocidental, desde a sua origem, pensa nas práticas de reconhecimento do rosto, “esforçando-se em captar a visão de uma essência, de uma possibilidade de imanência, estabelecendo regras normativas que permitem penetrar no mistério de um semblante” (Magli, 1991, p.87).

Busco algo semelhante nesta pesquisa, ou seja, entender sobre até que ponto a nomeação e o reconhecimento do outro jovem se dá pelo corpo, atravessado por regras

normativas e culturais definidas pelas sociedades em determinadas épocas. A meu ver, essas regras fazem o rosto e o corpo perderem seu mistério, já que, em tempos de “narcisismos sombrios”, queremos apenas nos reconhecer no outro, no olhar do outro, naquela confortante paz da normalidade. Parece que cada vez mais só se vê aquilo que se é ou aquilo que se quer ser.

O campo de saber da Fisiognomia tem estreita relação com o que tento compreender nesta pesquisa. Segundo Magli, ela busca vislumbrar uma possível relação entre a alma e o corpo, entre a dimensão interior e exterior. A Fisiognomia, de acordo com a autora, participa daqueles signos definidos pelos antigos médicos como *tekmerion*, que significa “prova”, “indício”, “sintoma”.

Neste sentido, talvez o uso de fotografias nesta pesquisa tenha o intuito de refletir sobre quais sintomas estão implicados e como estão envolvidos na leitura (e no “juízo”) fisiognômica do outro atualmente.

Apresento a seguir as justificativas a respeito da razão de escolher determinadas imagens entre outras muitas, sem deixar de levar em consideração meus próprios preconceitos, envolvidos na escolha não tão aleatória das imagens fotográficas.

Algumas das fotos foram escolhidas através do *site fotosearch.com*, que disponibilizava inúmeras fotografias (imagens números 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 26, 27). Também foram utilizadas fotos de *blogs* (imagens números 4, 8, 13, 14, 20, 22, 23, 25, 28) de jovens brasileiros, com a intenção de aproximar as fotos de um cotidiano mais próximo da vida dos jovens com quem realizei a pesquisa. Tentei colocar a maior variedade possível de “tipos” de jovens: diferentes cores, raças, estilos, tamanhos, pesos, gênero, formas e tribos.

As fotos recolhidas do *site fotosearch* têm um caráter por vezes um pouco mais identificado com as marcas da linguagem publicitária. As retiradas de *blogs* parecem mais próximas do cotidiano dos entrevistados, por serem fotografias menos produzidas e menos técnicas (sem contar que algumas delas parece que são tiradas pelos próprios jovens, fotos de si mesmo).

É interessante observar algumas distinções entre as fotos do *site* e as de *blogs*. As fotos de *blogs* são tiradas muitas vezes pelos próprios sujeitos e revelam o uso de menos recursos ou noções técnicas, de *mise-en-scène* e de montagem, ou seja, de angulação e de edição. O contexto da fotografia é menos elaborado e a predominância é de *close-up*, assim como a preferência pelo olhar direcionado à câmera, dando uma maior ênfase ao rosto e menos importância ao cenário. Ao contrário do que pode ser

visto nas fotos do *site*. Aqui, a montagem do cenário faz parte do que aquela fotografia quer representar, inclusive a respeito do próprio sujeito em pose. Para isso, muitas vezes o plano está mais distante, possibilitando ao espectador ver mais o corpo do sujeito, assim como objetos ao seu redor (por exemplo: livros, mesa, espelho).

A escolha destas 28 imagens não foi aleatória, tendo como propósito mostrar a maior gama possível de diversidades jovens de diferentes tipos, formas, estilos ou tendências em ambientes variados. Algumas fotografias foram baseadas em um padrão visual do que tenho como o que hoje poderia ser chamado de “juventude”. Com isso, algumas perguntas surgiram: por que organizei as imagens desta forma? Por que essas imagens são mais importantes que outras?

Considero que as imagens que escolhi informam e existem alguns sintomas sobre a juventude, que é interessante de apontar e enxergar. Eles são visualizados a partir de um ponto de vista meu⁸, ao mesmo tempo em que sou parte desse sintoma. Coloquei propositalmente a foto de número 16, que mostra a imagem de uma garota dinâmica, magra e veloz, porque talvez, para mim, ela seja uma representação histórica e culturalmente transmitida, a respeito de um ideal da juventude contemporânea. Assim como a foto de número 6, de um rapaz olhando seu músculo no espelho, um tanto “narcisista”, característica que parece predominar nos dias de hoje, não somente a respeito da juventude.

Tentei, a partir de um número limitado de imagens, colocar o máximo possível de variações de sujeitos, sejam elas de gênero, raça, cor, estilo ou tribo. Jovens magros, obesos, discretos, simpáticos, sérios, calmos, com Síndrome de Down, sorridentes, modernos, discretos, altos. Imagens de jovens com livros, de óculos, com bonés. Jovem *skatista*, *punk*, roqueiro, rebelde, comportado, musculoso ou romântico.

⁸ Aqui me coloco como um ser sujeito a uma série de preconceitos e atravessado por uma cultura e uma história.

3.2.2 O CINEMA

O uso das imagens a partir de recurso cinematográfico fez-se com o intuito de oferecer aos estudantes situações parecidas com as que eles vivem e experimentar, ao mesmo tempo, um ponto de vista e um olhar de fora, no caso, o de um diretor. Esse ponto de vista, isto é, as escolhas das cenas e personagens, relaciona-se aos temas de que trato na presente pesquisa; procuro nesse processo não enquadrar ou estigmatizar a juventude dentro de paradigmas totalizantes e universais de consumo.

Foram selecionados trechos dos filmes “Elefante” e “Aos treze”, com o objetivo de analisar no grupo de discussão o que, na visão dos jovens, essas cenas representam, ou seja, o que pode ser dito e discutido a respeito delas. São filmes que apresentam dois retratos diferentes de jovens, em situação escolar, e que representam - a meu ver - um modo crítico sobre o que está se passando atualmente com a juventude.

Antes de apresentar as cenas destacadas para a discussão com os alunos, gostaria de apontar como alguns autores vêm estudando o cinema na educação e a sua importância como instrumento de pesquisa.

Elí Fabris comenta, em sua tese, que assistir a um filme “é uma prática incorporada de tal modo ao cotidiano de muitas pessoas que parece estar desde sempre aí. Porém, essa prática precisou ser aprendida” (Fabris, 2005, p. 20). A visão é algo que se aprende, ao mesmo tempo em que é um processo singular, quase inapreensível, um mistério. Por essa razão, considero o cinema como um instrumento interessante de pesquisa, já que a visão é de uma natureza paradoxal, algo que é aprendido cultural e socialmente e, ao mesmo tempo, algo de propriedade individual e singular. A linguagem fílmica carrega em si a possibilidade de inúmeras representações e signos, que dependem do olhar vivo do outro receptor e também das representações culturais na qual estamos inseridos. O encontro entre estas duas instâncias pode gerar debates interessantes.

Quando chamamos aquele que assiste ao filme de receptor, entendo receptor no sentido dado por Rosália Duarte, que escreve em seu livro *Cinema e Educação*, a de que “por trás do ‘receptor’ existe um *sujeito social* dotado de valores, crenças, saberes e informações próprio(s) de sua(s) cultura(s), que interage, de forma ativa, na produção de significados das mensagens” (Duarte, 2002, p.65).

Um filme, segundo Rosália Duarte, é construído por meio de concepções culturais que o orientam. O cinema, portanto, torna-se um instrumento valioso para

ensinar, discutir e questionar a respeito destas mesmas concepções, idéias, conceitos e visões de mundo que vigoram em uma determinada época, e que, de acordo com a autora, “orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades.” (idem, p. 90).

Que práticas orientam nossas vidas e o que vemos? Como operam dentro do sistema ou modo dos grupos? O que têm a ver com o modo que interagimos, amamos, comemos e nos vestimos? Perguntar sobre que práticas são estas, faz parte do trabalho do pesquisador.

O cinema vem sendo muito usado na educação, tanto na prática pedagógica como em pesquisa. Sua relevância nestes processos vem sendo estudada cada vez mais, já que a relação entre os sujeitos e os filmes pode ser um agente profundamente educativo e socializador. Segundo Duarte, “determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo” (idem, p. 19).

Portanto, o cinema pode ser educativo, quando usado como instrumento de pesquisa, já que possibilita o encontro entre diferentes personagens-identidades, situações e corpos, que nunca teriam a possibilidade de se encontrar senão através da interação áudio visual. Ao mesmo tempo, o cinema inaugura a possibilidade de identificação em um processo que é detonado pela imagem na tela. Vive-se por alguns momentos um “como se” que possibilita um estilo e uma vivência diferente, e nesse momento pode-se pensar sobre os modos de vida e as experiências próprias. Neste encontro e confronto entre as diferenças e as semelhanças das realidades criam-se hiatos e interstícios, onde o pensamento pode nascer e alterar a si e, talvez, ao outro.

Segundo Fabris, o cinema apresenta histórias que interpelam de um modo avassalador. “Elas mexem com nosso inconsciente, elas embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção” (Fabris, 2005, p. 21). Tentei, através da apresentação dos filmes, interpelar os jovens em busca dos modos como aquelas cenas que escolhi os atravessaram. Que diferenças e semelhanças há entre aqueles personagens e situações com as vividas na escola e em suas interações?

A mesma autora revela que, “nessas histórias, mergulhamos e vivemos como se nosso corpo estivesse lá, incorporado às vidas daqueles indivíduos que vivem na tela” (Fabris, 2005, p. 21). Segundo ela, naquele momento, ocorre uma simbiose entre o corpo dos espectadores e a história vivida na tela; o tempo e o espaço tornam-se os mesmos representados no filme.

Como a linguagem cinematográfica tem como princípio favorecer a identificação, o resultado é sempre muito interessante. Na maior parte das vezes, os estudantes são levados a considerar a possibilidade de uma mesma situação ser vista e compreendida de formas completamente diferentes. (idem, p. 90).

Foi com o intuito de poder possibilitar um encontro entre estes dois mundos recheados de crenças, opiniões, valores e visões, que surgiu o interesse de usar o cinema na pesquisa. O objetivo foi capturar um pouco do que se passa nesta interação de realidades e, desta forma, como as imagens foram recebidas pelos estudantes. O cinema, segundo Duarte, pode incutir atitudes, crenças, valores, opiniões, e produzir comportamentos. O cinema transmite valores éticos e morais que dependem dos preceitos do diretor, bem como de sua visão, a idéia ou história que relata, como os personagens se relacionam, reagem, cada ângulo da câmera ou uso de luz pode representar uma determinada mensagem, que de alguma maneira é transmitida ao observador. No caso dos filmes tratados a seguir, acredito que ambos os diretores transmitem um pouco do que, considero que identifique o mundo dos jovens na contemporaneidade, e de como a imagem e o corpo fazem parte de suas vidas.

Os dois filmes escolhidos trazem para o debate algumas “verdades” que circulam hoje sobre o mundo jovem, em linguagens e estruturas fílmicas bem diversas. Para melhor analisar os filmes, gostaria de trazer um relato, seguido por uma análise crítica das quatro cenas do filme “Aos Treze” e, posteriormente, sobre o filme “Elefante”. Farei primeiramente um relato, sob o meu olhar, das cenas escolhidas.

Descrição das cenas selecionadas de “Aos treze”

Primeira cena: A estrutura da narrativa é rápida, o movimento da câmera é histriônico e o som é alto (trilha musical de fundo). Há muito movimento e agitação de jovens no pátio da escola. É início do ano letivo. Rachel, personagem principal, e uma amiga se aproximam de um grupo de meninos, onde está o irmão mais velho de Tracy. Ela chega junto ao grupo, tentando contar um acontecimento ao irmão, mas ele e seus amigos dão mais atenção ao novo corte de cabelo do amigo do que ao que Tracy quer lhes contar. Tracy chama de novo e consegue a atenção do irmão. Ele a apresenta aos seus amigos e ela os cumprimenta timidamente. Os amigos dele a olham por um segundo, sem lhe dar atenção, porque Evie, a segunda personagem principal - e futura amiga de Rachel -, passa “desfilando” com um grupo de outras amigas, todas “produzidas” visualmente, vestidas do mesmo modo e caminhando do mesmo jeito. Os

meninos ficam impressionados e comentam sobre como essas jovens cresceram durante o verão e como estão bonitas. Decidem ir conversar com elas e, então, deixam Tracy e sua amiga olhando eles irem atrás de Evie e de suas amigas. A câmera foca em *close* os corpos delas “à mostra”: cinturas aparecendo e calça *jeans* e blusas pretas bem justas ao corpo. Posteriormente, vemos em *close* o rosto de Tracy, com uma expressão de não estar entendendo o que se passou ali. Podemos supor que ela tenha se sentido desprezada, invisível, humilhada, desrespeitada ou excluída pelos meninos.

Essa cena, no que concerne aos interesses desta pesquisa, retrata a importância da imagem no contexto dos jovens. Os meninos estavam mais interessados no corte de cabelo do amigo do que no que Tracy tinha para contar para eles. Depois, eles dariam atenção para a passagem ou desfile de Evie e de suas amigas. Tracy aparece nessa etapa inicial do filme como uma menina tímida, discreta e talvez introvertida. Isso é o que o diretor parece sugerir neste ponto do filme. Talvez Tracy não tenha nenhuma destas características. Talvez ela, ao ser contrastada com outras meninas vaidosas, adquira estes adjetivos por contraste. Acontece que, por seu visual, Tracy não tem a chance de “dizer a que veio”, ou seja, ela não atraiu o interesse do olhar dos meninos, e se isto não acontece ela deixa de ser notada pelos outros.

Segunda cena: Tracy está sentada no refeitório com duas amigas. Uma fala a respeito da linda pele de Evie e a outra diz que ouviu dizer que ela tem uma cicatriz no corpo, produzida quando salvou seu irmão menor de um incêndio. Tracy, não gostando dos comentários, diz que Evie não é a mulher maravilha, levanta-se indignada e sai. Ouve-se, ainda, um comentário de como Evie é esperta, pois fala alemão. Tracy, ao se afastar, encontra o grupo de amigas de Evie, que passa por ela e faz uma gozação a respeito das meias de Tracy, perguntando como haviam-na deixado sair do jardim de infância (referindo-se às meias como infantis). Corte de cena.

Terceira Cena: Tracy está na cama de seu quarto com expressão de desolação misturada com tristeza e raiva, talvez devido à crítica recebida. Olha para a meia em seu pé, tira e a joga numa cesta de lixo. Então, começa a jogar seu bichos de pelúcia no lixo também. A mãe aparece, achando que ela está arrumando o quarto, e dá graças a Deus. Então, pergunta se Tracy está com fome e diz no final da frase: *baby*⁹. Rachel grita com pesar e brabeza que não é mais seu bebê, com o que sua mãe concorda. Ela, então, pega

⁹ Quer dizer bebê em inglês e pode ser dito para qualquer um, não querendo representar uma referência necessariamente de filiação, nos Estados Unidos da América.

uma *Barbie*¹⁰ e joga no lixo. Tracy a olha neste momento com expressão de surpresa e brabeza. A mãe vê as meias jogadas fora e pergunta o que há de errado com elas. Tracy responde que não há nada de errado e acrescenta que precisa de roupas novas. Sua mãe pergunta o porquê e Rachel, com fúria, responde que é porque ela se parece estúpida. E diz *Hello!?!?!?*¹¹ Corte da cena.

Considerarei essas duas cenas importantes porque retratam o efeito que o olhar do outro (e a humilhação que o outro impõe àquele que não corresponde ao “padrão”) pode imprimir como efeito naquele que se sente humilhado ou diminuído. Tracy sentiu-se impelida a mudar ou “crescer”; aqui, crescer aparece associado a ser como os outros, adequar-se à moda. Ou seja, essa mudança é inicialmente uma mudança externa, de corpo e imagem.

Quarta Cena: No pátio da escola, Tracy caminha seguindo Evie. Tracy está, no que dá a entender, com roupas novas e usando uma pintura leve no rosto. Evie elogia sua camiseta e Tracy elogia seu cinto. Evie se vira e elas se olham literalmente dos pés à cabeça. A câmera foca em super *close-up* os tênis-pés, pulseiras-pulsos e elas se encarando olhos nos olhos. Tracy olha Evie e a câmera, que nessa cena funciona como o olho das personagens, foca novamente em *close-up* o pingente de cruz de Evie, depois seu *piercing* no umbigo e, finalmente, - nos pulsos -, as pulseiras. Tudo isso se passa em poucos segundos. Evie, sorrindo, diz para Tracy ligar para elas irem fazer compras depois da aula. Tracy, tentando conter o espanto e alegria, tenta agir com naturalidade e responde “ok”. Ela então pede à Evie que anote seu número. Evie escreve, olha para Tracy, sorri e vai embora. A câmera volta-se para Rachel novamente, que, ao ver Evie ir embora, não contém a surpresa e a excitação, dançando de alegria.

Essa cena é rica em velocidade e em imagens que detalham aspectos do corpo, de acessórios, roupas, e especialmente rica no que se refere às trocas de olhares entre as duas personagens. Tracy já parece mais descontraída e autoconfiante no caminhar e com seu corpo. Ela está diferente: mudou sua aparência e atitude, contrastando com sua imagem anterior. Esse conjunto de cenas nos mostra, ainda, a fragilidade de Tracy, sob a forma de sugestionabilidade, que teve como efeito a mudança, para vir a ser “outra” devido a críticas. Esse trecho representa como o visual e o corpo podem ser as chaves de acesso ao outro, pontes para o interesse do outro, do olhar do outro. Em questão de

¹⁰ Boneca clássica de crianças. É uma mulher com medidas de modelo de moda fotográfica ou de passarela.

¹¹ Como quem diz: “acorde”!! “se ligue”!! “olhe para mim”!!

segundos, o olhar capta os recados cruciais expressos pelo e no corpo, e faz uma leitura desses sinais e uma interpretação, antes mesmo de qualquer expressão verbal, podendo definir o lugar do sujeito para a opinião alheia.

Penso ser importante destacar mais uma observação, que deve ser exposta, mesmo que não esteja claramente manifesta nas cenas descritas acima, mas que, a meu ver, estabelece uma relação com o tema desta dissertação. O filme “Aos Treze” aborda a juvenilização da cultura e seus efeitos quanto à diferenciação e o reconhecimento dos jovens. Roselene Gurski trata deste assunto em sua tese a respeito da juventude contemporânea, ele revela que, no filme citado, a mãe de Tracy, assim como outros adultos cuidadores presentes na narrativa, são mostrados como velhos adolescentes, tipificados de forma muito semelhante aos jovens: eles fumam maconha, bebem em excesso, tatuam seus corpos, enfim, parecem tão jogados na dimensão imaginária do gozo ilimitado quanto os filhos. A autora, então, lembra a pergunta de Maria Rita Kehl: “como fazem os jovens para diferenciar-se e criar algo novo e próprio”? (Kehl *apud* Gurski, 2006, p. 7).

Para responder a esta pergunta a autora se apóia em Lacan, ao revelar que: “quando o sujeito não encontra, no tecido social, meios de se fazer representar, acaba, muitas vezes, buscando vias extremas de acesso ao reconhecimento. Nas palavras de Lacan, quando os laços sociais são reais, os atos precisam ser simbólicos a fim de garantir um lugar de representação ao sujeito” (Gurski, 2000, p. 13).

Frente ao desencontro do jovem com o velho, surge este vazio de lugar para que surja o novo, para que se forme a representação e a identificação do jovem, então o corpo torna-se o último refúgio de si, talvez o único lugar possível de (de)marcação, inscrição, certidão e identificação dos jovens.

Sobre este contexto de indiferenciação entre adultos e jovens, Maria Rita Kehl (2004) argumenta que o ideal de perfeição de nossa época reside no índice de juventude corporal e emocional que o sujeito porta. Tal situação acaba por produzir, no jovem, um estado de desamparo de valores e de parâmetros para se orientar minimamente na vida e no mundo, já que este ideal aponta para um excesso de presente, não balizando uma perspectiva de futuro. Seguindo Maria Rita Kehl (2004), parece-me que os jovens também sentem uma pressão maior do que antigamente para preencher estes ideais que os adultos ou a sociedade projetam sobre eles (ideais de felicidade, beleza, bem-estar, perfeição, etc...).

O desejo pela diferenciação e identificação, marcado pela necessidade de se ver reconhecido por outros olhos, torna-se uma questão existencial de primeira ordem ao se tratar dos jovens. Talvez por isso se dê um nome a qualquer diferença que se apresente no corpo e que destoe do (ou represente) os ideais de juventude.

A seguir, faço a descrição do segundo filme.

Descrição das cenas selecionadas de “Elefante”:

Primeira Cena: Vestiário feminino da escola: corpos expostos, nus. Ouve-se apenas o forte som dos chuveiros. Michelle vem caminhando de uma longa distância em direção ao seu armário. A câmera acompanha o trajeto. Ela está vestindo um abrigo da escola e uma calça de moletom, usa óculos e tem cabelo curto e encaracolado. Parece desconfortável com o próprio corpo, não sabemos ao certo se é devido ao lugar em que se encontra ou se ela apenas se sente deste modo “normalmente”. Caminha de maneira levemente curvada e o olhar é um pouco voltado para o chão. Quando chega junto ao armário, tira um moletom e põe outro. Um grupo de meninas perto dela comenta referindo-se a Michelle: “Lá está aquela esquisita que senta atrás de você na aula de Matemática”; outra retruca: “Aquele, bem ali?” e em resposta: “Isso mesmo, ela.”. A câmera não sai do rosto de Michelle, que permanece como se nada acontecesse. Mais alguns boatos e risos incompreensíveis ocorrem por parte do grupo. Michelle se levanta e as garotas a chamam de perdedora¹².

Segunda Cena: Diálogo entre a professora de educação física e Michelle:

Professora: “Michelle, nós temos que conversar sobre o problema de suas roupas de ginástica, não vai dar certo com essas calças compridas enquanto todo mundo usa *shorts*”. “Qual é o problema?”.

Michelle: “Não quero falar sobre isso”.

Professora: “E eu não quero te dar uma nota baixa, mas terei que fazer isso caso você não queira aparecer de *shorts* como é preciso. Eu não vou fazer nada dessa vez, mas amanhã eu quero te ver de *shorts*”.

Michelle: “Ok”.

Quando a professora sai da cena, a menina diz para si mesma: “Que coisa estúpida”. Michelle se separa do grupo em torno dela e caminha até uma quadra de basquete vazia. Corte da cena.

¹² Na tradução do filme, as personagens do filme teriam dito “babaca”, quando a tradução mais correta para *looser* é perdedor(a).

A personagem Michelle parece mostrar resistência às mudanças “exigidas” – de certa forma – pelo social ao seu crescimento, por exemplo: usar *shorts* como todas as outras meninas. Sendo assim, ela é qualificada e determinada como “a esquisita”.

Os recortes desses dois filmes apontam um contraste entre duas personagens (Rachel de “Aos Treze” e Michelle de “Elefante”) aproximadamente num mesmo período de vida: entrada na adolescência.

A cena do filme “Aos Treze” mostra o início da transformação da personagem, que passa por um processo de se transformar no ideal máximo de uma adolescente de 2003. Ela aprende a se maquiar, a se vestir, a “ter a atitude”, a usar os adereços “certos”. Será que neste processo de mudança ela adquire uma outra identidade? Por outro lado, Michelle parece estar indiferente a essas mudanças e exigências impostas pelo seu grupo e, até mesmo, salientadas pela professora.

Ao que tudo indica, no primeiro filme, as mudanças visuais caminham passo a passo com as mudanças de atitude. Como num ritual necessário ao desapegamento natural da infância, a personagem parece representar a forma atual de rebeldia possível, e que se dá ou se carrega no corpo, como, por exemplo: colocar um *piercing*, cortar a pele ou se tatuar. Essas marcas de identificação corporal permitem ao sujeito apropriar-se de uma nova identidade, expressar-se e inscrever-se no social. A personagem do segundo filme parece não querer participar desse ritual de passagem, pelo menos aos moldes previstos e determinados pelo social no qual está inserida. Com isso, pode-se observar que Tracy passa a ser aceita entre seus iguais e, mais importante do que isso, passa a ser notada. Michelle não deixa de ser notada, mas com a marca de um “estranho”, esquisito ao grupo e, assim, permanece à margem, não aceita.

A seguir, no próximo capítulo, apresento a análise do material fotográfico utilizado com o grupo de discussão.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 OS JOVENS E AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

As imagens filmicas e fotográficas foram os principais meios usados como forma de pesquisa na presente dissertação. A discussão em grupo e os questionários apresentados giraram em torno do que os estudantes observaram e como analisaram as imagens, tentando representar o que eles foram capazes de olhar, captar, traduzir e elaborar. Assumo aqui a importância do olhar e da imagem como instrumento, objeto e processo de pesquisa, apesar de usar esses elementos principalmente como instrumento de trabalho, para o levantamento de dados.

Carlos Skliar escreve que: “se voltarmos a olhar - o nosso olhar -, existe, sobretudo, uma regulação e um controle que define para onde olhar, como olhamos *quem somos nós e quem são os outros* e, finalmente, como o nosso olhar acaba por sentenciar *como somos nós e quem são os outros*” (Skliar, 2003, p.71). Os meios de pesquisa, que serão apresentados a seguir, representam o desejo e a intenção de que, talvez, seja possível vislumbrar um pouco sobre como opera a regulação do olhar e suas representações para determinar, classificar e nomear *quem somos nós e quem são os outros*. A seguir, farei uma descrição do uso das imagens como instrumento nesta pesquisa.

Foram realizados três diferentes questionários (ver Anexo 2) para cada jovem, com base em 28 imagens coletadas por mim (fotos tiradas de *blogs*, bem como de *sites* de fotografias) e apresentadas aos estudantes (ver Anexo 1). O primeiro questionário se dividia em 11 questões, que giravam em torno de, inicialmente, uma escolha aleatória solicitada ao grupo, de uma entre as 28 imagens. Posteriormente a essa escolha, foram propostas as seguintes questões: Se ele tivesse um apelido, qual seria? Quais as qualidades dele (a)? Por quê? Quais seus defeitos ou frustrações? Por quê? Tem namorado? Por quê? Qual seu maior medo? Por quê? É popular? Por quê? Tem amigos? Por quê? Que tipos de amigos ele (a) tem? Por que você escolheu esse jovem? Como poderia ser seu futuro? E sua vida pessoal e profissional?

Na segunda parte do questionário, apoiei-me em questões sobre qualidades ou possíveis valores, atribuídos aos jovens, de acordo com o tipo de imagem. Nesse questionário, pedi que eles elegessem os jovens mais e menos interessantes, bonitos (as), “legais” e inteligentes. Além disso, pedi que escolhessem uma imagem com a qual

se identificassem e que elegessem cinco jovens das imagens, que gostariam que fossem seus amigos. Todas essas questões foram acompanhadas de indagações sobre os porquês.

Na terceira parte do questionário, foi pedido que os jovens nomeassem cada pessoa das fotografias com apenas uma palavra.

Acredito que os três questionários, de formas diferentes, ajudaram a abordar a questão que é a principal nesta pesquisa e que talvez seja poder entender o quanto e como se dá a atribuição de qualidades, valores ou virtudes em torno das imagens. Em outras palavras: tentar responder à seguinte questão: de que modo a aparência e a superfície dos corpos contribuem para a problematização das identidades entre os jovens?

Tentarei examinar o que seria possível enunciar sobre uma determinada imagem; Como ela produz nomes no mundo social dos jovens. Acredito que essa é uma tarefa que implica um desejo de desconstrução do olhar ou a da visão porque penso que, como afirma Santos (2002), interagimos mais e mais com experiências visuais totalmente construídas. Somos atravessados por imagens plenas de discursos morais, científicos, religiosos da saúde, da biologia e de tantos outros campos de saber. Portanto, nessas tantas possibilidades de leituras de imagens, pergunto se não ficaria difícil experimentar um outro olhar ou representação sobre o corpo, um olhar que se afete com a diferença do outro. Aquilo sobre o que Skliar alerta: Olhar o próprio olhar. É nessa perspectiva que tentarei problematizar as observações dos estudantes sobre as fotografias. Será que, nesses olhares, e através dos olhares dos jovens, algo não previsto escaparia?

Apresentarei a seguir uma análise de seis imagens, as mais representativas na visão dos jovens, por terem sido bastante escolhidas por eles, e também por terem sido deixadas de lado na parte I dos questionários, na qual eles deveriam escolher um sujeito entre as imagens das fotografias. Escolhi três imagens tiradas de *blogs* e outras três de *sites* de fotografias¹³.

A primeira imagem é a número dois: ela foi retirada de um *site* e mostra a imagem de um jovem obeso, branco, com uma faixa branca na cabeça, vestindo uma camiseta branca com uma toalha ao redor do pescoço. Ela aparece da cintura para cima. No fundo da imagem há uma parede laranja. A expressão do rosto é séria. Podemos

¹³ Foi necessário fazer uma seleção de imagens a serem analisadas com mais cuidado, devido ao grande número de imagens (28) usadas, o que gerou um elevado número de informações e possibilidades, que, infelizmente, foram limitadas, devido às questões de tempo.

supor que ele estava fazendo exercícios físicos, devido ao uso da toalha ao redor do pescoço.



Na parte II do questionário, essa imagem foi uma das principais dentre as eleitas pelos jovens, ele foi sete vezes o escolhido “menos bonito”, três vezes o “menos interessante”, e três vezes o “menos legal”.

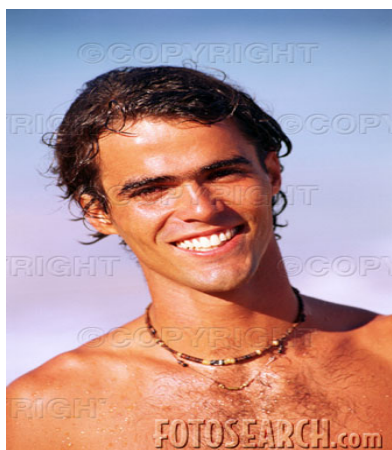
As justificativas para a escolha dele como um portador de características pouco interessantes, bonitas e “legais”, de acordo com alguns jovens, foram as seguintes: “porque ele é gordo”, “sua cara é de quem não demonstra afeto”, “é um pouco antipático” e “está com uma cara desinteressante”. Sua figura foi escolhida sete vezes a “menos bonita” porque, segundo alguns relatos, ele está em último lugar dentro dos padrões, porque tem uma “cara de morto e desânimo”, porque “seu físico não é legal”, “ele é muito sério”, porque não “faz o meu tipo”, porque “ele é feio e porque ele tem problema, o da obesidade”. Esta, segundo um jovem, “deforma o corpo das pessoas”. Entre os “menos legais” ele foi escolhido três vezes porque, segundo os dados, tem “cara de nojento”, “se acha melhor que as outras pessoas”, e “parece ser o menos legal”.

Na parte III do questionário, onde os jovens teriam que nomear com uma palavra cada imagem, essa foto foi nomeada com palavras como “esforçado”, “mal-humorado”, “revoltado”, “gordo”, “infeliz”, “esperança”, “antipático”, “preconceito” e “arrogante”.

Podemos perceber, já nesses relatos, a importância do corpo, da expressão e da fisionomia, no julgamento de valores e qualidades. O ser gordo aparece atribuído à falta de beleza e interesse: significa ser ou ter a qualidade de “chato”. Segundo um jovem, alguém com um problema que “deforma o corpo das pessoas”. Qual o enunciado que atravessa as afirmações dos sujeitos sobre a imagem do outro nos depoimentos? Parece ser o enunciado referente às bio-identidades. Conforme Ortega (2002) refere, as bio-identidades têm a ver com sintomas e processos contemporâneos; segundo ele, o corpo se torna fonte de auto-reflexividade. Através desse sintoma atual, o sujeito da imagem II

pode ser chamado de “infeliz”, “antipático”, “arrogante”, “gordo”, “mal humorado” e “revoltado”. Por que ninguém o chamou de “esportista” ou o escolheria como um amigo?

Uma imagem que foi das mais votadas (doze vezes no questionário II) entre os jovens é a de número 12. Esta foto foi retirada de um *site* de fotografias, e mostra um rapaz branco rindo para a câmara, em *close-up*. Seus cabelos parecem molhados, ele está sem camiseta, usa um colar e está bem bronzeado. Não é possível definir o fundo da fotografia, há apenas um fundo azul claro.



Ao contrário da imagem anterior, ele foi identificado com qualidades positivas, representado como o “mais legal”, “mais bonito”, por “ser feliz”, “alegre”, “simpático”, “surfista”, “carismático”, “forte”, “espontâneo”, “cara de ser amigável” e “popular”. De acordo com um dos relatos, essas escolhas se justificaram por ele “estar dentro dos padrões de beleza de hoje em dia”.

Acredito que as características identificadas nessa imagem foram dadas devido à relação que esta parece ter com o ideário jovem atual. Todas as qualidades atribuídas à figura foram baseadas no que aquele jovem aparentemente demonstra na situação e em sua expressão. Ele tem a pele bronzeada, parece ser magro, está sorrindo para a câmara, seu olhar sugere alegria. Além disso, está com o rosto bem iluminado, ao que parece, pelo sol. O que dá a sensação, juntamente com o fundo claro, de que está ao ar livre.

Essa imagem corporificou nesta pesquisa o padrão ideal que os jovens atribuíram para a condição de ser feliz, bonito, livre, alegre e simpático. São estas as características que os estudantes buscaram nele e que sugeriram como um padrão saudável e “normal” de juventude.

Nesse momento, algumas inquietações se fazem presentes em mim, como pesquisador, pelo fato de apresentar essas duas, e bem diferentes, imagens. São

perguntas que se fizeram posteriormente ao uso das próprias imagens e que dizem respeito a por que escolhi um jovem obeso com uma cara séria e um jovem magro sorridente. Será que essa escolha foi proposital? Com qual intuito se deu essa escolha? Possivelmente eu esteja falando da minha inserção nos discursos hegemônicos da nossa época, sobre corpo e felicidade.

Outra imagem que considero de relativa importância para esta dissertação é a imagem de número 6. Ela foi retirada de um *site* de fotografias, e apresenta um jovem branco e loiro olhando-se no espelho: ele está olhando e contraindo o bíceps, ao que parece, para ver o quão forte está. Essa cena está ligada também à imagem de número 16, que mostra uma mulher loira e branca se alongando e se olhando: a moça está usando uma roupa de ginástica e o corpo é musculoso.



A imagem deste rapaz (número 6) foi eleita seis vezes na parte II do questionário. Ele foi eleito duas vezes como o “menos interessante”, duas vezes como o “menos legal” e duas vezes como o “menos inteligente”. Dentre as justificativas que se apresentaram, podemos citar as seguintes: menos interessante porque “ele deve se achar superior sendo igual a todos e só deve falar de si” e “demonstra se preocupar com futilidades”. “Menos legal” porque ele “se acha demais” e “deve passar o dia inteiro na frente do espelho se achando o máximo e minimizando os outros”. “Menos inteligente porque só cuida do corpo e só quer usar a força”. No questionário III, que trata das respectivas nomeações para cada imagem, ele foi caracterizado como “metrossexual” cinco vezes, “vaidoso”, “forte” e “insatisfeito”.

Tanto na imagem 6 como na 16 eu quis dar modelos de dois jovens que se olham e que parecem preocupados e interessados com seus corpos. A diferença foi que a fotografia 16 recebeu menos críticas do que a imagem 6; por suposição, isso se dá por conta da presença do espelho nesta imagem.

Houve nas críticas a imagem 6 a suposição de que “ele não é legal”, “é fútil” ou “arrogante”, de que ele “humilha os outros porque ele se acha demais”. Então existe certa crítica dos jovens ao culto ao corpo e uma consciência de que isso efetivamente está acontecendo. Mas essa crítica aparece de uma maneira estigmatizada, já que enquadra o cuidado e interesse do corpo e da imagem como se o jovem da foto fosse obcecado pela própria imagem e só desse importância a isso. Aqui aparece uma dicotomia entre corpo e imagem e o sujeito empírico. Há um pré-julgamento porque ele cuida do corpo, ele deveria só querer usar a força e não usar a inteligência? Por que o preconceito? Apesar de os jovens claramente valorizarem um corpo bonito como parte crucial na constituição de um desejo ou interesse pelo outro, esse mesmo cuidado, quando explícito, é caracterizado como um marcador identitário negativo ou pejorativo.

A imagem número 13 foi uma das mais votadas no tópico de qualidades positivas. A imagem foi tirada de um *blog* e mostra o rosto em *close-up* de uma garota loira de olhos verdes, sorrindo e olhando para a câmera. Não há como precisar o ambiente em que ela se encontra. Ela foi treze vezes escolhida no questionário II. Algumas das justificativas para tal escolha foram que ela “parece ser legal e bonita”. No questionário III, ela foi nomeada como “festeira”, “popular”, “baladeira”, “simpática”, “popular” e “linda”. Na parte I do questionário, foi escolhida por uma estudante que a definiu com qualidades do tipo: “sincera”, “companheira”, “meiga”, “amável”, “gentil”, “legal”, “bonita” e “inteligente”, além de “festeira” e “feliz”. A estudante a escolheu porque a achou “bonita” e com “jeito de simpática”.



Como é possível deduzir, dessa imagem, todas essas características? Novamente observamos como o eu tem no corpo a fonte básica da identidade e suas respectivas tendências estigmatizantes; e como os modos de nomear, de certa forma, nos precedem como forças enunciativas; quanto a isso, Ortega, referindo autores como Robert Castel, enfatiza que nas sociedades ocidentais “a experiência identitária é calcada na

materialidade do biológico e referentes fisicalistas substituem referentes culturais” (Castel, *apud* Ortega, 2002, p. 160).

Esta intimidade exposta na superfície dos corpos é o que Ortega (2002) entende como a atual bio-ascese, ou seja, uma moral que valoriza os aspectos corpóreos e sensíveis do homem como um exercício prático que leva à efetiva realização da virtude, e à plenitude da vida moral. Como foi citado anteriormente, isso teria relação com a “subjetividade exterior” ou a “personalidade somática” referida por Jurandir Freire e Costa. Segundo Ortega, diferentes práticas ascéticas almejam determinadas formas, processos e fins de subjetividades, que Foucault chama de teleologia, “seja a constituição de si como sujeito moral da Antiguidade greco-latina, a auto-renúncia e pureza do cristianismo, a interioridade cristã e burguesa, ou as bio-identidades contemporâneas, onde o corpo possui a auto reflexividade que correspondia outrora à alma” (Ortega, 2002, p.142).

Uma das imagens identificadas fortemente por características negativas foi a do jovem da foto 22, ele foi visto como o “menos inteligente” quatro vezes, o “menos legal” duas vezes, uma vez como o “menos bonito” e duas vezes como o “menos interessante”. A foto foi tirada de um *blog* e mostra a imagem de um jovem branco, com uma expressão de seriedade; ele usa um boné rosa e camiseta preta, brinco e um colar com bolas pretas. A foto o mostra um pouco acima dos ombros, e o fundo é bege, sem nada que caracterize um tipo específico de ambiente. No questionário III, ele foi nomeado como “metido”, “largadão”, “hip-hop” (duas vezes), “marginal”, “malandrinho”, “ridículo”, “não culto” e “comum”. No questionário II foi dito que ele é o sujeito menos inteligente das fotografias porque parece não ter muito estudo e usar drogas.



Acredito que foram delegadas a essa imagem algumas qualidades bastante negativas; ao analisar a foto, penso que esses substantivos foram dados devido ao fato de ele estar com uma expressão de seriedade, não estar sorrindo para o observador. O que parece é que, se um sujeito não está exteriorizando alegria, felicidade ou tranquilidade, ele é diretamente caracterizado como alguém desinteressante. O sujeito em questão é consumido pela sua própria imagem. O outro parece que avalia o potencial daquele sujeito representado na imagem, em sua possibilidade de ser fonte de prazer ou desprazer. No caso da imagem em questão, o jovem não carrega consigo um convite ao prazer. Sua imagem, bem como outras usadas na pesquisa, foram alvo de críticas negativas, devido à expressão séria. Não ser ou estar feliz então é considerado por uma parcela de jovens como um aspecto que torna o outro antipático ou até mesmo marginal.

Retomando a discussão feita no capítulo I, o corpo aparece atravessado por discursos de caráter narcisistas, onde o corpo do outro é posto a serviço do prazer e da beleza. O corpo só é desejável, reconhecido ou notado quando traz em si a promessa de uma satisfação, de uma sensação prazerosa. O outro apenas se torna interessante quando não apresenta uma possibilidade de mal-estar, quando não incomoda ao olhar ou cause estresse. O outro não é bem-vindo ou tolerado quando não aparece trazendo felicidade, alegria, paz ou amor. Segundo Sant'Anna (2005, p. 123), “o imperativo de alegria *full time* abafa a melodia expressa pelas experiências pouco contentes”.

A imagem de número 4 foi tirada de um *blog* e mostra a imagem de uma jovem branca, magra, de cabelos escuros, olhando para a câmara. Ela está curvada, apoiando seus braços em cima de uma mesa, com o queixo encostado nas mãos sobre a mesa. Ela usa óculos e olha para a câmera. Não se pode dizer em que local ela está, já que o rosto está em *close-up* e ocupa toda a fotografia.



Ela foi três vezes escolhida a “mais interessante” e uma vez a “menos interessante”, uma vez a “mais bonita”, uma vez a “mais legal” e uma vez a “menos legal”, e uma vez a “mais inteligente”. Na parte III do questionário, foi identificada como “quieta” (duas vezes), “pensativa”, “estudiosa” (duas vezes), “tímida”, “caprichosa”, “caseira”, “esforçada” e “sentimental”. Na parte I do questionário, sua imagem foi escolhida quatro vezes. Esta jovem foi escolhida porque, segundo os estudantes, é “bonita”, “aparenta ser inteligente” e “normal”. Para eles, “ela parece ser interessante”, porque o “modo como olha é muito meigo”; gostaram da foto também pela jovem “parecer ser uma boa pessoa”. Ela foi identificada ainda como “ vaidosa”, “calma”, “doce”, “atraente”, “sincera”, “companheira” e “cuidadosa com a aparência”. Foi dito que, por ela ser bonita, deve ter amigos bonitos; e, por ser inteligente, deve ter amigos inteligentes; por aparentar ser normal ela pode ser legal e isso atrai amigos.

Na análise desta imagem, podemos associar algumas qualidades vistas nela como as qualidades consideradas e perpetuadas como “normais”, segundo a opinião de alguns jovens em questão. O que podemos avaliar sobre esse aspecto é que o normal, nesse caso, é parecer ser bonito, cuidadoso com a aparência, inteligente, ser calmo, doce, atraente, sincero, vaidoso e companheiro. Essas são as qualidades que se encontram personificadas na imagem 4. A moça parece carregar as promessas de prazer. Aí estariam os ideais de felicidade, para os jovens.

Outro aspecto que chama a atenção no relato sobre a imagem da jovem em questão é o de que ela, por ser bonita, “deve ter amigos bonitos”, e por ser inteligente “deve ter amigos inteligentes”, e por aparentar ser normal ela “pode ser legal” e isso atrai amigos. Há nessa lógica a manifestação do medo às diferenças, além disso, podemos entender que essa fala estaria relacionada a uma expressão de racismo: ser diferente não é legal, é desinteressante ou então é até mesmo repulsivo.

Gostaria de deixar um questionamento aqui. Onde estariam os indícios da lógica no processo de identificação e nomeação das fisionomias nesses jovens? Que paradigmas levam eles a definir um jovem como doce ou meigo? Estudioso ou tímido? Caprichoso ou caseiro? Esforçada ou sentimental? Normal ou marginal?

Magli, ao escrever sobre a ciência antiga chamada Fisiognomia, diz que, se o rosto possui uma dimensão (que segundo Lacan é evanescente, uma lógica flutuante que não conhece estruturas), a Fisiognomia tem a tendência de congelar a infabilidade do rosto em um sistema de equivalências rigidamente codificadas. A forma humana,

segundo Magli, se converte então em imagem e símbolo. Sobre a superfície completa do corpo se descola o código da linguagem moral.

Sobre cada detalhe devém um código esse numera todos os elementos como um lema, o define como significante e lhe atribui um significado preciso (...) ver um rosto significa produzir imediatamente um esquema simbólico que nos situa frente a uma experiência cultural complexa e antiga. Provavelmente não podemos perceber ou reconhecer nossos pares se não podemos captar o essencial e separá-lo do acidental. Parece como se desde sempre a percepção houvesse necessitado de universais. (Magli, 1991, p.90).

Se ver um rosto remete a dados culturais, não apenas essa visão está submetida aos paradigmas culturais, como também a interpretação ou leitura que se faz desse mesmo rosto, signo, expressão, gesto ou imagem num determinado tempo. Tempo esse que sofre a impressão do que nos remete ao que estabelecido como normal, belo e saudável nos plano dos ideais vigentes.

Quais foram, então, as impressões causadas por estas fotografias sobre os jovens? Quais foram os enunciados que nortearam suas decisões sobre o julgamento dos sujeitos das imagens? O que isso pode nos dizer sobre a época em que vivemos?

O uso das fotografias, a meu ver, representa a relevância que as imagens ganham na constituição do outro hoje. A minúcia de um olhar aparece como força que, por vezes, denuncia quem o outro é. A aparência como exposição e a forma revelada em sua potência estaria sendo adotada como “essência” dos sujeitos.

Através do questionário número 2, fiz um levantamento dos enunciados sobre as quais os jovens justificaram suas leituras, identificações e interpretações das imagens nos quesitos: “interessante”, “bonito” e “legal”. Segundo o depoimento deles, interessante é “estar feliz”, “sorrir”, “ser atraente”, “legal”, “mostrar expressão”, “se conhecer melhor”, “fazer escolhas”, “ser inteligente”, “ter assunto para falar”, “ter estilo de amigo”, “não ser gordo”, “ir com a cara de” e “não ter cara de retardado”. Beleza é “transparecer alegria”, “ter um físico bonito”, “não ser gordo”, “estar dentro dos padrões de beleza de hoje em dia”, “fazer meu tipo”, “não ser muito estranho”, “não ser muito sério”, “ser diferente”, “ter alguma coisa que chama a atenção” e “ser animado”. “Legal”, segundo os estudantes, é “usar *piercing*”, “ser amigo das pessoas”, “ser popular”, “extrovertido”, “não ser chato, esnobe, parado e triste”, “é expressar alegria”, “ser comunicativo e simpático”, “não se achar superior perto dos outros”, “não ser

‘mangolão’”, “estar disposto a ajudar o próximo”, “estar de rosto aberto”, “ser divertido” e “não ser exagerado”.

Estas foram as principais formas de qualificar as imagens (os corpos), que parecem ter caracterizado o ideal jovem, que diz respeito às qualidades que se busca no outro e que puderam ser identificadas através das imagens. É importante salientar que estes traços ou marcadores fazem parte de uma identidade a que os jovens estão sujeitos em nossa cultura.

O que parece saltar dessas enunciações é exatamente o corpo como superfície de inscrição, como nos lembra Foucault (2000) no célebre texto “Nietzsche, a Genealogia e a História”. A partir destes corpos parados, pedaços de corpos, destes rostos e olhares criam-se mundos visíveis, históricos, que falam de um determinado tempo, atribuíram-se valores e qualidades a partir das superfícies. Estes corpos buscam o olhar do outro e carregam um fardo, pesam sobre sua própria materialidade. Sem abrigo, o sujeito está exposto ao que aparenta, depositário de impressões fixadoras de lugares e identidades numa sociedade que valoriza a superfície: “sou o que a minha imagem mostra”, conforme nos apontam Francisco Ortega, Jurandir Freire Costa e David Le Breton.

O extremo contemporâneo erige o corpo como realidade em si, como simulacro do homem por meio do qual é avaliada a qualidade de sua presença e no qual ele mesmo ostenta a imagem que pretende dar aos outros. ‘É por seu corpo que você é julgado e classificado’, diz, em suma, o discurso de nossas sociedades contemporâneas. Nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si. É melhor construí-lo sob medida para derrogar o sentimento de melhor aparência. (Breton, 2003, p. 31).

Apesar do forte nível de auto-reflexividade que o corpo possui, fica um hiato neste jogo de olhar e nomear como ato de fixação do outro (e sua respectiva, e marcada, identidade). Muitas vezes, ao escreverem sobre as imagens, os jovens disseram, antes de identificá-las, “parece que”, “tem cara de”, “demonstra que”, “tem jeito de ser”. Abre-se aí um espaço para um pensamento diferente: a de que, talvez, o outro não seja um espelho direto ou uma representação total daquilo que vemos. Talvez o outro não corporifique completamente aquela classificação. Isso me parece fundamental para que o outro possa ser e parecer outro, para que tenha a oportunidade de ser outra coisa, diferente daquilo que é regulado pelo olhar e às vezes, impregnado por representações culturais e normatizantes acerca do que se deve ser ou desejar ser ao olhar da mesmidade.

Skliar reflete sobre este tema e parece sintetizar o que percebi diante das respostas dos estudantes:

Existe um olhar que parte da mesmidade. Outro que se inicia no outro, na expressividade de seu rosto. Talvez esta distinção seja uma forma de poder olhar aquelas representações, aquelas imagens que tomam como ponto de partida e como ponto de chegada o eu mesmo (...) -o refúgio do próprio corpo e do mesmo olhar-, e aquelas que começam no outro e se submetem a seu mistério, seu distanciamento, sua rebeldia, sua expressividade, sua irredutibilidade. Uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia e torna próprio; outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nomes (Skliar, 2003, p. 68)

Se, como Breton afirma, “o corpo torna-se emblema do *self* (e) sua interioridade (...) reduz-se à sua superfície” (Breton, 2003, p. 29), meus dados mostram que essa afirmação poderia ser relativizada. O corpo ainda permanece sendo um mistério irredutível e rebelde, que faz parte do tempo e do devir. Esses dados nos apontam que permanece sempre um jogo de relações e de forças entre o saber e o olhar, do encontro – e dos desencontros - entre o corpo e o ser, entre a aparência e a sua classificação. Mostram-nos os choques entre a cultura e o desejo: e de todos entre si. O corpo, realmente, permanece como um campo de batalhas, num jogo eterno de resistência.

No capítulo a seguir, passo a trazer a análise do grupo de discussão, realizado com a intenção e o esforço de entender como os estudantes se sentem e se vêem consigo e com os outros, nesse jogo de resistências e batalhas, travadas em torno de seus corpos e de imagens sobre esses mesmos corpos jovens.

4.2 SOBRE A DISCUSSÃO

Gostaria de apontar e discutir alguns enunciados que surgiram na realização do grupo de discussão com alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS, cujo tema tratou de aspectos relativos à nomeação do outro a partir do corpo e sua relevância nas relações entre jovens. Para iniciar o debate, apresentei cenas selecionadas de dois filmes: “Aos treze” e “Elefante” – já explicitadas no decorrer deste trabalho.

Durante todo o andamento do grupo focal, observou-se a presença de muitas divergências entre as colocações dos jovens, assim como contradições de opiniões a respeito de temas como, por exemplo, o corpo e a imagem, apresentados nos filmes. Os trechos das películas naturalmente provocaram polêmica, por tratarem de temas que fazem parte da vida e do jeito de ser dos jovens (corpo, imagem, diferença, preconceito). Talvez por isso seja difícil para eles falarem sobre tal tema; e, assim, eles acabam se utilizando de discursos politicamente corretos para, de certa forma, fugirem do aprofundamento desse debate. Une-se a isto o fato de a discussão sobre o corpo ainda ser um grande tabu na escola.

Observou-se que houve discrepâncias entre as enunciações dos jovens e a descrição do modo como eles agem em seu cotidiano. Alguns jovens no grupo julgaram a nomeação do outro através de critérios padronizados de beleza, corpo e roupa, como fúteis e relativas, mas a maioria do grupo entende, sofre e vivencia diretamente o corpo ou a aparência e seus adereços como algo de grande importância no julgamento do outro e de si próprio. Esse julgamento realmente parece ser bastante praticado na escola e entre os jovens, como foi exposto inúmeras vezes no decorrer das falas dos estudantes.

Houve ainda, no andamento do grupo, divergências de opiniões sobre a nomeação do outro relacionadas com a importância da imagem, da beleza e da aparência, no estabelecimento da identidade de um sujeito. Acredito que se estabeleceram dois pontos de vista diferentes: Uma visão mais ligada à aparência, relacionando-a a questões mais materiais, como: roupas, beleza (significando aqui ter um corpo bonito), dinheiro, companhias e popularidade; e a outra, relacionada à resistência quanto a essa posição.

Os jovens expressaram, explicitamente e em muitos momentos, a existência de relações mediadas e dependentes da imagem do sujeito em relação ao olhar do outro e ao padrão de mesmidade, revelando um indivíduo reconhecido e valorizado pelo que se vê dele; ou seja, antes de o indivíduo se apresentar e se comunicar, lhe é taxado um

qualificativo que parece vir inscrito em sua própria superfície. Nessa perspectiva, o outro estaria aí como uma projeção dos próprios preconceitos; ou seja, uma relação em que a nomeação do outro é especular, e é dada como forma de compará-lo, classificá-lo, idealizá-lo ou diminuí-lo. Um exemplo disso é o depoimento de um aluno, de que não se deve andar com um “gordinho” para não causar má impressão. Nesse caso, o “gordinho” tem suas relações mediadas porque parece que fica colado ou condenado a esse nome, devido à impressão que produz no olhar e no julgamento dos outros.

Vejamus uma opinião expressa sobre a personagem Michelle do filme “Elefante”: uma estudante revelou que o único jeito de a personagem mudar seria nascer de novo, como se dissesse que, depois de um sujeito ser marcado, não teria como escapar de seu corpo, de sua imagem e, principalmente, daquilo que o seu corpo e sua imagem falam sobre o próprio sujeito. Depois de nomeado ou identificado com determinada característica, só “nascendo novamente” para se descolar dessa representação; só trocando de corpo alguém poderia ser “popular”. Ou seja, a imagem da menina já não dependeria mais dela. Tipos de comentários como “só nascendo de novo para mudar” agridem o outro e fixam um nome em seu corpo.

Uma outra opinião, diferente dessa, parte da idéia de um sujeito que é nomeado pelo seu “jeito”, sua postura, seu “gosto”. O sujeito, segundo esse depoimento, seria mais responsável pela imagem que incide sobre o olhar do outro; a imagem que se daria como produção de um estilo próprio, calcado em sua expressão e no seu desejo¹⁴. Aqui entra em pauta o estilo demonstrado, por exemplo, através de expressões e modos de agir que remetem a uma leitura de si. Trata-se de um sujeito que, segundo os relatos do grupo, se produz e se faz. O indivíduo, segundo Sant’Anna, é como uma “espécie de ‘soberano de si’, liberado das coações familiares, geográficas, religiosas, morais (e mais recentemente, genéticas), (...) [um sujeito que segundo ela se] tornou um negócio de total responsabilidade de cada um” (Sant’Anna, 2005, p. 25).

A discussão também foi pautada pelo tema do “padrão”, que pode ser visto como uma forma de normalidade e que não se separa das questões anteriores. Trata-se do “ser igual aos outros”, tendo o grupo e o coletivo (também a moda) como legisladores dos registros de beleza – nova forma de coação e inclusão. A importância dada ao padrão foi o de este ser um passaporte para a visibilidade e para o acesso ao outro e uma possibilidade de pertencer a um determinado grupo e, assim, adquirir uma

¹⁴ Refiro-me aqui ao corpo como uma tela pessoal, obra de arte, local de inscrição do eu, de criação de uma identidade, de algo que escapa ao inato, herdado ou biológico.

identidade ou nome. Parece que o padrão é algo móvel, sempre inalcançável, e que depende do grupo e da moda. Esse foi considerado um fator importante para os jovens, pois é através dele que o sujeito pode obter um modelo de identificação que lhe diga o que fazer, vestir, como caminhar ou se portar. O importante é ser parecido (com o padrão), custe o que custar. Isso surgiu relacionado ao uso de uma roupa, quando “A”¹⁵ revelou que (...) “não tem como tu não andar aqui no colégio como os outros andam” senão, segundo ela, “tu vai te sentir meio mal, todo mundo vai te olhar meio ‘assim’”.

As falas apresentadas pelas estudantes vão ao encontro do que Ortega (2002, p.142) escreve sobre as práticas bio-ascéticas: “encontramos na maioria das práticas de bio-ascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando à procura da saúde perfeita e do corpo perfeito”.

As questões apresentadas até agora marcam a discussão acerca do tema proposto no grupo. Além disso, elas se atravessam entre si e parecem determinar, em grande parte, os destinos dos jovens em suas relações e no que se refere às nomeações dadas ao outro. É necessário deixar registrado aqui que os tópicos discutidos não são independentes nem apresentam fronteiras claras entre si. Se sugiro alguma divisão será com fins didáticos.

De uma forma geral, o que encontrei nesses jovens foi que a imagem e a aparência podem sugerir qualidades, diferenças e normalidades. Participam das práticas de nomeação do outro, de quem ele é, de onde vem, e principalmente a que grupo pertence ou não pertence. A beleza, o corpo e a imagem parecem determinar amizades, companhias, funções, olhares, estimas, identificações e desejos. A beleza interfere no ponto de vista das pessoas do entorno, ou seja, é algo que se busca como objetivo e que afeta a vida dos jovens de maneira efetiva.

Apesar de, a seguir, fazer uma divisão da discussão tratando do filme “Aos Treze” e do filme “Elefante”, uso alguns depoimentos que foram expressos na segunda parte da discussão (sobre o filme “Elefante”), na discussão teórica de “Aos Treze”, já que, no decorrer do debate, os estudantes “esqueceram” das cenas específicas dos filmes e falaram sobre suas realidades, opiniões e vivências pessoais. Considero tais depoimentos parte do debate, num *continuum*, e não os dividirei, para tornar mais ricas

¹⁵ Para preservar a identidade dos participantes, passo a nomeá-los como A, B, C, D, etc.

e claras as ligações entre idéias e teorias apresentadas. Passo a seguir a apresentar a análise da discussão do grupo.

“AOS TREZE”

As cenas selecionadas do filme “Aos Treze” mostram o endeusamento de uma garota chamada Evy numa escola norte americana. Ela aparece como popular entre os alunos e capta a atenção e os olhares dos meninos e meninas da escola. Por outro lado, Tracy sente-se deixada de lado, excluída, inicialmente pelos olhares dirigidos à jovem atraente. O filme trata do encontro e da relação que se estabelece entre as duas garotas e a transformação ocorrida em Tracy, que inicialmente não era tida como popular, mas que, ao aproximar-se de Evy, muda de estilo, roupas e comportamento, e vai tornando-se outra.

Ao iniciarmos a discussão em grupo, a primeira fala que surgiu, ao indagarmos sobre o que se passou no filme, foi a opinião de que existe uma diferença entre o que se passa nos EUA (local de origem do filme) e no Brasil, em relação à mudança do jeito de ser, como forma de ser popular e fazer amizades com os jovens ditos populares. “A” relatou, ao comparar o Brasil com os Estados Unidos, que no filme a personagem tenta mudar seu jeito de ser, enquanto que, para ela, nas escolas brasileiras, o que se passa é a tentativa de fazer amizade com essas pessoas populares; porém, o que se quer não é tornar-se igual a elas ou mudar o jeito próprio de ser para copiá-las. Ela traz como exemplo, no filme, a atitude que a personagem toma ao ser criticada pelas meninas populares, de mudar seu jeito de ser, já que joga fora suas meias “de criança” e seus bichos de pelúcia. Em sua opinião, isso não aconteceria aqui no Brasil. Acredito que, nesse depoimento, a estudante tenta referir uma certa independência do sujeito em relação a sua imagem ou jeito de ser (o que se “é”), e que a opinião dos outros não influenciaria em sua aparência ou em como se vestiria. Por outro lado, expõe a força da popularidade em relação à procura e escolha das amizades. Parece que ser popular é “ser visto”. Essa afirmação mostra o quão forte é a dependência do olhar do outro, pois refere que a popularidade define com quem se anda ou com quem faz amizades. Isso, em parte, não seria uma forma de imitação, a respeito de um jeito *pop*¹⁶ de ser?

¹⁶ Ao incorporar um jeito *pop* de ser os jovens, segundo os depoimentos, devem ser como as pessoas populares, ou seja, usar as mesmas roupas, escutar as mesmas músicas e ter o mesmo estilo.

A opinião manifestada não é totalmente compartilhada no grupo. Os relatos de outros alunos revelaram que existe uma constante pressão na escola para ser igual ao grupo, tanto na busca de amizades quanto na mudança de aparência, bem como no que se refere à posse de bens materiais, relacionada ao dinheiro e à consequente sociabilidade do sujeito na escola. “A” expressou bem essa diferença, ao revelar que “quando tu entra no colégio, tu vai perceber assim ó (...) todo mundo tem aquela roupa, como é que eu não vai ter se a maioria tem (...) porque aí tu vai te sentir meio mal”. Foi expresso que os jovens cedem a essas pressões, mesmo quando esses padrões não vão ao encontro com o desejo de ser ou estar como os outros. Como surgiu no relato de “B” e de “C”, “tu sempre vai tentar se igualar achando que tu vai tentar fazer alguma coisa diferente, mesmo sabendo que no teu interior tu não é aquilo” e “tu vai querer ser que nem aquele grupo de pessoas (...), tu sempre vai tentar ser assim”. Penso que, além de contrariar a opinião da colega, “B” e “C” expõem que a aparência serve como uma forma de pertencer e de ser igual ao grupo, além de definir quem se é e a que lugar pertence, assim como uma maneira de ser visto e aceito. Parece que a pressão para ser igual ao grupo, para não ser diferente ou não ser “olhada meio assim” prevalece sobre o que se é “internamente”¹⁷. No cotidiano da escola, segundo a opinião das estudantes, é preciso ter o que o outro tem, parecer-se com o outro, mesmo que “no teu interior tu não é aquilo”, mesmo que o desejo pessoal seja diferente. Nota-se, aqui, que as jovens se vêem como submetidas à nomeação do outro, ao olhar do outro em relação ao que aparece e parece.

Novamente trago Ortega (2002, p. 164) à discussão, quando ele descreve que a *aparência* é o que conta, e que “temos nos tornado ‘condenados da aparência’, sacrificamos sem pensar duas vezes o sentir-se bem pela ‘boa aparência’”. É quase um dever vestir o que “os outros” vestem, comer o que “os outros” comem, falar como “os outros falam”.

O relato de “B” e “C” expressa como as pessoas podem acabar se tornando aquilo que não “são” pela pressão de serem iguais através de suas aparências. O corpo e sua aparência podem ser um meio de mostrar uma singularidade ou personalidade, um modo de ser. No entanto, o que aparece nas falas é que a aparência está aí em função de uma uniformidade e mesmidade, ou melhor, uma adequação dos corpos sob a forma de uma aparência padrão. Isso pode acontecer através da troca de roupa ou do corte de

¹⁷ Entendo o relato desse “internamente” como referente à expressão de um desejo ou de uma vontade pessoal.

cabelo, por exemplo, para ser como o outro, tornar-se semelhante ou próximo ao padrão, com o objetivo de ser aceito, notado, e ser considerado, então, normal.

Será que o depoimento dessas meninas responde ao que Rosa Fischer se pergunta sobre a experimentação estética em tempos pós-modernos? Em suas reflexões, a autora se questiona se a experimentação estética estaria limitada à pura aparência ou ao mero espetáculo. Se respondermos a sua pergunta, pelas falas das meninas, a resposta seria que, infelizmente sim, e seguindo as palavras da autora, nesse caso o banal se sobreporia sobre o “fundamental” (Fischer, 2002, p. 5).

O discurso das jovens reveste-se de uma certa violência, expressa sob a forma da grande pressão exercida no interior/exterior delas para ser melhor ou igual aos outros. Como exemplo disso, temos a fala de “A”, quando diz que “tu vai querer ter um corpo legal, e mesmo tendo, tu vai te espelhar nos outros para ti te sentir bem, pra ti ficar legal” e “F”, ao dizer que “tu sempre vai ficar com medo que falem mal de ti, tem muita gente que vai falar”. Penso que isso pode, às vezes, representar o abandono de si, em nome de uma compulsão a uniformidade de identidade¹⁸. Talvez essa pressão exercida pelo grupo destitua o ser daquilo que Adorno referia como “identidade estética”, a qual “deve defender o não idêntico que, na realidade, é oprimido pela compulsão à identidade” (Adorno *apud* Hermann, 2002, p. 14). Segundo os dados obtidos, a compulsão à identidade está oprimindo a identidade estética.

Durante o andamento do grupo de discussão houve forte divergência de opiniões em a relação ao conceito de imagem do corpo: primeiro, como representante de algo que é definido pelo olhar e pelo julgamento do outro; e segundo, como a expressão de uma singularidade e de um desejo pessoal, que vai ao encontro daquilo que referia Adorno sobre a identidade estética, ou seja, a imagem como construção pessoal, obra de arte ou poesia.

Seguindo o primeiro tópico, a imagem pode ser, como disse “C”, “para os outros gostarem de ti”, (...) “qualidades que tu vê, que tu acaba te espelhando”. A aluna, em seu depoimento, revela que, para ser gostada, deve-se ver no sujeito um espelho que permita com que o outro se identifique e se reconheça. Essa opinião parece envolver aquilo que Costa (2002) refere como a atmosfera moral do narcisismo, que está regido pelo império da sedução, onde o outro está aí como avalista do que somos. Essa posição gera uma ansiedade e uma desconfiança persecutória frente ao olhar do outro, assim

¹⁸ Talvez essa identidade seja àquela referida anteriormente como o ideal de jovem: bonito, feliz, livre, etc.

como alimenta a dependência desse mesmo olhar: como expõe “B”, ao dizer sobre com que companhia ir a uma festa “tu não vai querer ir com uma pessoa feia, tu vai pegar uma bonita”.

Daí surge a indicação de que, dentro de uma aparente revolução de novas possibilidades bio-identitárias, frente a inúmeras novas tecnologias e recursos estéticos inéditos até hoje sobre o corpo (como *piercings*, *body buildings*, tatuagens, etc.), ainda reduz-se o corpo a uma identidade fixa ou a oposições binárias. Outras formas de aparência ou expressões diferentes ainda não são bem-vindas, ou, então, são enquadradas em modelos pré-estabelecidos. Os jovens, de acordo com os dados levantados nesta pesquisa, tendem a enquadrar ou reduzir uma experiência estética como sendo uma forma de mesmidade e não de uma liberdade ou singularidade. Como exemplo dessa forma, “B” expôs que “uma pessoa gordinha pode ser tri inteligente como eu acho que na maioria das vezes é (...)”. Parece que ainda há pouco espaço criativo no corpo nesta cultura somática e narcísica, que nomeia e identifica o outro, com base no que Costa (2002) denomina de uma uniformidade superficial compulsiva. Concordo com Denise Sant’ Anna, quando esta afirma que “de nada adiantaria fazer uma revolução dos padrões estéticos se com ela, junto dela, não fossem produzidas metamorfoses capazes de transformar o sentido da estética” (Sant’ Anna, 2005, p. 109).

Seguindo o segundo tópico, apesar de os jovens enquadrarem facilmente o outro em bases especulares e narcisistas, existem modos diferentes de nomeação do outro que resistem à mesmidade. Conforme exposto pelos jovens, o modo de caminhar, falar, assim como a postura, os gestos e os gostos fazem parte da identidade e constituem uma singularidade. Penso que esse processo de identificação do outro pode abrir maiores espaços de expressão e de criação de singularidades, já que parte do modo de “como é”, vindo antes do “quem é”, adiando assim, a nomeação do outro por características puramente superficiais ou materiais (pela marca do tênis que se usa, como no exemplo descrito pelos estudantes). Apesar de esse processo ser menos violento e nomeador, é preciso ser cauteloso, já que também pode ser usado como forma de classificar o outro, determinando o seu lugar, quando tomado como a verdade totalizante através de uma estigmatização dos modos (como mostrarei abaixo). O que sugiro é que, talvez, haja menos preconceitos envolvidos nesse modo do que no anterior.

Um exemplo positivo desse modo é marcado pelo relato de “B”, ao falar sobre as qualidades “para o outro gostar de ti”: o estudante refere que são aquelas ligadas ao modo de agir com as pessoas, assim como ao modo de conversar, ou seja, qualidades

que vão ao encontro de um contato maior com o outro. Nesta opinião, remete-se a uma maior aproximação e relação com o outro, ao invés de um olhar ou de um julgamento sobre suas qualidades.

Por outro lado, no caso da jovem do filme “Elefante”, a personagem foi considerada tímida e introvertida, porque sua postura física ou seu jeito era encolhida, “para dentro” (um jeito “corcunda de ser”). O jeito de ser representa, então, quem é o outro para os jovens, bem como a aparência ou a forma do corpo. Esse modo de nomear o outro é uma leitura corporal linear ou causal? Simplista ou preconceituosa? Até onde o corpo fala? Até onde a verdade do ser reside no corpo? Será que essas formas de leitura reduzem o outro ou o diminuem? Essas questões serão debatidas nas conclusões desta dissertação.

Como o corpo dos jovens resiste ao jogo entre a personalidade/ identidade e à pressão para ser identificado como igual/normal? Os jovens, segundo os relatos, parecem se fazer passar por algo que não são (ou não têm) para serem iguais aos outros e, com isso, mantêm sua “verdadeira personalidade” privada em casa? Essa é a opinião de uma estudante, ao dizer que na escola somos ou nos colocamos diferentes para impressionar, e que em casa não é assim. Talvez ela esteja dizendo que a aparência está aí como forma de esconder aquilo que “realmente” se é, passar-se por outra para ser igual a todos. Então, isso seria uma expressão de uma mentira ou falsidade?

Esse jogo de “ser quem não se é” ou “parecer ser” surgiu como uma forma de se mostrar diferente para impressionar os outros ou tentar ser como um determinado grupo de pessoas é? Como revela “A”, “tu sempre vai tentar ser assim”. Como ser diferente, se nas relações sociais aprende-se que se deve ser igual aos outros? Não estariam os sujeitos, na fala dessas estudantes, sufocados?

Faço uso de Foucault, no célebre texto *O sujeito e o poder*, e aplico sua reflexão sobre o conteúdo das lutas antiautoritárias a esta discussão, quando o autor explica que tais lutas giram em torno da questão sobre quem somos nós: acredito que os jovens precisam retomar uma luta, que segundo Foucault (1995, p. 235) é contra aquilo que o caracteriza, “marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele”. Segundo Foucault (idem), “É uma luta contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão)”. Acredito que as opiniões dos jovens acima revelam a necessidade dessa luta.

Segundo Foucault, acredito que, talvez, “o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste ‘duplo constrangimento’ político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno” (idem).

Em relação a isso, esses depoimentos mostram que a força do social aparece claramente como forma de poder normalizador e regulador sobre os corpos dos sujeitos. Segundo os relatos dos estudantes, ao serem perguntados sobre a pressão para se ter um corpo bonito, foi dito por muitos “todo mundo se compara por causa da competição”. Se as lutas antiautoritárias travadas por movimentos de liberação dos corpos tendiam à liberação dos mesmos, novas formas de poder foram criadas, no sentido de definir e capturar esse novo corpo exposto, de acordo com os novos ideais ascéticos, através de formas concebidas e aceitas como belas e boas. Segundo Foucault, não devemos encarar esse poder de forma fatalista, nem fazer dele uma substância misteriosa que se evita interrogar em si mesma; é preciso explicitá-lo. É preciso, a meu ver, questionar os ideais jovens ligados aos bens de consumo e ao corpo, tentar compreender como eles funcionam como “passaporte” ao outro ou como indicação de humilhação, marginalização ou ridicularização.

Foi considerado, em certo momento, pelo grupo, que usar um tênis falsificado para tentar se passar por algo que não se é ou tentar ser igual aos outros, seria uma atitude ridícula, porque se nota que aquilo é falso, que aquele material não é bom e não combina com a pessoa. Ao que parece, esse tipo de comportamento, aos olhos do grupo, apenas tornaria esse sujeito mais identificado como diferente, “ridículo” e excluído. Esse tipo de fala aponta que, por um lado, a mudança ou a busca pela identidade grupal através de roupas “falsas” denuncia ou escancara uma falsidade e que isso seria ridículo. Mas, então, me pergunto: e quando a roupa não é falsificada? Isso tornaria a possibilidade de inclusão genuína? Por quê? A falsidade parece que precisa ser sutil para se passar por genuína ou verdadeira ao olhar dos jovens, senão o outro é nomeado e identificado como ridículo.

No meu entender, a roupa ou a sua marca é uma extensão do corpo e sinaliza identidades, até mesmo a própria personalidade. É importante salientar essa questão, já que em muitos momentos tal tópico veio à tona, com grande importância e significação. A roupa, segundo os estudantes, pode revelar um *status*, expressar um modo de ser, definir um comportamento, um estilo.

Sobre esse tema, gostaria de voltar a “C”, quando a aluna falou sobre a pressão para “te igualar achando que tá fazendo alguma coisa diferente mesmo sabendo que no teu interior tu não é aquilo”. Aqui, penso que “C” se referia ao uso de roupas, ao falar sobre “fazer algo diferente”. Como no filme, Tracy começou a mudar o jeito de se vestir. Foi posto na discussão por outra jovem que a roupa é mais importante do que a própria personalidade, expressando assim que a imagem, para alguns do grupo, é mais importante do que o modo de ser e os gostos. A roupa ou a aparência, segundo “B”, permite que se possa mudar o comportamento. A roupa, como forma de marcação de identidades, define o grupo com quem se anda (como revelado no filme “Aos Treze”).

Foi dito também, como forma de resistência e essas opiniões, que a aparência nem sempre revela o que tu “curte”, segundo uma jovem do grupo, para quem as duas coisas não andam necessariamente juntas, permitindo assim algum espaço para o corpo respirar. Sobre as roupas e objetos de consumo, Sant’Anna (2001, p. 115) expõe que, “uma vez humanizadas, as coisas sabem dar o troco sem nenhum pudor. Tal como nós, elas sabem seduzir, prometer e ameaçar. A estas alturas da sociedade de consumo, seria o caso perguntar: ‘o que pode uma lata de palmito, uma calça Levis ou um Big Mac?’”. Ter uma determinada roupa para os jovens parece sugerir uma promessa de felicidade, popularidade, inclusão e de não ser olhado “meio assim”¹⁹.

Em relação à definição de quem se é a partir dos bens de consumo, houve algumas resistências dentro do grupo; um dos estudantes expressou que “deve-se aceitar a pessoa do jeito que ela é, pelo estilo, e não pela roupa”; ele também disse que gosta de pensar por outro lado, de que “se eles todos são iguais, porque eu vou querer ser?”. Segundo a opinião de “E”, “tem gurias que são esnobes, que se acham superiores e outras que se destacam pelo jeito de ser e não pelo que vestem ou com quem andam”. Outra estudante expôs que não havia nada de errado em usar coisas falsificadas, é apenas um recurso mais barato de ter uma coisa bem parecida com as coisas que os outros têm, sem que isso seja nomeado ou identificado como ridículo.

Depois dessas opiniões que escaparam do julgamento do caráter do outro, pela aparência, perguntei sobre o modo como a beleza, a imagem e o corpo interferem nos relacionamentos deles na escola. Os estudantes voltaram a expressar opiniões ligadas ao culto da imagem, do corpo e da aparência.

¹⁹ Depoimento de jovem usado, ao revelar que na escola não tem como não andar como os outros andam, porque “senão todo mundo vai te olhar meio assim”.

Novamente foi dito que, na escola, os jovens se preocupam em não andar com gente “gorda” ou com gente “feia”, para não causar má impressão, com medo do que os outros vão pensar. Foi exposto que a imagem interfere no ponto de vista das pessoas do entorno; que o olhar sempre vai ser direcionado para quem tem “bastante corpo” e que toda mulher gostaria de ter um “corpão”. Em seu depoimento, como já foi referido, uma estudante disse que “uma pessoa gordinha pode ser tri inteligente, como eu acho que na maioria das vezes é (...)” e, em sala de aula, essa pessoa é procurada por isso, mas fora da sala é “esquecida”.

Resistindo a estas opiniões, alguns jovens disseram que acham que isso não é verdade e que não existe modelo ou padrão para tudo. Eles questionaram o que é “ser bonito” e o “ser feio”, que isso é relativo.

O olhar do outro, segundo muitos relatos, determina em grande parte, com quem se deve andar, e a imagem parece indicar ou regular o lugar do sujeito no grupo. A impressão do olhar segundo alguns estudantes, determina uma certa “utilidade” das pessoas (a “gordinha” serve para “estudar com” e a “bonita” serve como amiga). Em relação a isso, uma estudante acredita que são esses os valores que legitimam as possibilidades de encontros e de amizades na escola; por isso, se preocupa com o olhar do outro e o que os outros vão pensar ao vê-la na companhia de um “gordinho (a)”. Esse jeito de pensar, talvez revele a maneira que o social representa os ditos “gordos”, ou seja, são pessoas “deformadas”, com as quais não se deve andar.

Aqui entra em pauta uma questão fundamental desta pesquisa: o corpo como ponte para o outro, como definidor de quem o outro é e seu respectivo valor na representação social do grupo. O indivíduo parece depender quase unicamente dos sinais que seu corpo transmite, das roupas (ou acessórios) que veste, e dos produtos que consome. O acesso ao outro parece que se torna possível de acordo com a verdade que o corpo sinaliza sobre o indivíduo e os encontros regulados por determinados critérios inscritos no corpo. A imagem do outro surge, assim, como uma forma extrema de violência ligada a uma condição física. Como revela Ortega, “o corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal” (Ortega, 2002, p. 165) e, sendo assim, “força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam a pessoa e condicionam suas ações” (idem, p.157).

“E” expressou que a “beleza e imagem interfere no ponto de vista das pessoas que estão em volta de ti”. Penso que não muda apenas as pessoas em volta do sujeito como disse o jovem, mas muda o ponto de vista do próprio sujeito sobre ele mesmo. Ao

falarem sobre a questão de roupas, “B” disse que se uma pessoa muda o jeito como se veste, vai mudar o seu comportamento; no caso, se vestir-se melhor, vai se tornar mais esnobe.

“B” relatou que “as pessoas excluídas ou diferentes não sei por quê, são lembradas só pela inteligência, na hora que tu saiu da sala de aula fica esquecido. Daí a pessoa pensa ‘bah agora tenho um amigo’, chega na hora do recreio, ‘bah vou andar com meu novo amigo’ e cadê o amigo?”. Dois aspectos são expressos nesse relato: o primeiro é o preconceito de que pessoas excluídas ou diferentes são inteligentes (corpo como identificação de uma qualidade), e o segundo é o do outro como fonte de uso.

Uma revelação explícita sobre o que vem sendo discutido até aqui e que tem estreita relação com a forma de poder exercida pela cultura somática de nossos tempos foi dita por “H”, ao expressar que “hoje em dia não tem essa de tu escolher quem tu vai ser, porque todo mundo sente a pressão, porque se o guri olhar para uma guria feia e uma bonita, vai querer ficar com a bonita, isso não é uma coisa que tu impõe, a sociedade que impõe, aí tu sente aquela pressão aí tu vai lá e muda”. Sua fala resume a violência de se submeter à mudança como forma de atrair o olhar do outro, de ser desejada pelo outro. Pressão tal que não permite a liberdade de poder fazer escolhas próprias. A ordem ou dever é ser como os outros, para obter acesso e aceitação entre os jovens. “H” revela em sua fala a fragilidade do ser humano ao ser sujeito de uma cultura ou sociedade que impõem leis da verdade sobre o outro, sobre o corpo do outro.

Complementando, “F” expôs a fragilidade do ser ao olhar avaliador do outro, quando afirmou que “a primeira coisa que tu vai ver vai ser a beleza física da pessoa, e se tu já é bonita tem mais chance de conseguir ficar, de conseguir a querer alguma coisa”. Como refere Costa, “tudo o que resta é correr atrás, sempre em atraso e de forma angustiante, do corpo da moda”; o corpo, segundo o autor “se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro” (Costa, 2002, p. 198). Afinal, como o mesmo revela ironicamente: “sem a boa forma, não teremos oportunidade nenhuma de ser *vencedores*” (idem, grifo do autor).

Diante dessa perspectiva e desse julgamento sob o olhar do outro, os jovens ficam expostos e seus corpos atravessados e constituídos pelo medo e pela insegurança, por conta de uma superficialidade que está no centro das preocupações que se refletem nesse modo de ser jovem. Isso é novamente dito por outra estudante, ao revelar que “a pior coisa que se pode falar de alguém, é chamá-la de ‘aquela gorda’”, assim como “A”, ao dizer que “tu vai querer ter um corpo legal, mas mesmo assim (tendo um) tu vai te

espelhar nos outros para te sentir bem, para ti ficar legal. Em resposta, “F” disse que “tu sempre vai ficar com medo que falem mal de ti, tem muita gente que vai falar”.

A meu ver, essas opiniões caracterizam o que Ortega escreve sobre “a interioridade”: ele revela que “a superficialidade, a eterna desconfiança do outro (paranóia) e o melindre são os correlatos do homem somático. Trata-se de um indivíduo frágil, inseguro e insensível para o outro, onde o controle e a regulação revelam à reciprocidade e à transformação” (Ortega, 2002, p. 169).

Segundo Ortega, nos relacionamentos atuais, “trata-se de uma forma de se relacionar com os outros como estranhos, pois usar uma máscara, cultivar a aparência, constitui a essência da civilidade, como modo de fugir da identidade, e de criar um vínculo social baseado na distância entre os homens que não aspira ser superada” (Ortega, 2002, p. 168).

Penso que as cenas dos filmes em debate fizeram os jovens refletirem a respeito das suas próprias máscaras e de como estas muitas vezes os fazem acreditar que elas são o que define suas identidades e o que define o outro. A seguir, no filme “Elefante”, temos em duas cenas a personagem Michelle: ela, por sua vez, parece não usar máscaras²⁰. Talvez por essa razão ela seja chamada, no filme, por outras garotas, de perdedora. Ela foi efetivamente nomeada ou identificada como perdedora. Parece, por vezes, não haver saída para os jovens. Penso que a busca de uma identidade própria, em muitos casos, seja vista no grupo como algo que diminui o outro ou o torna esquisito, estranho ou perdedor.

“ELEFANTE”

As cenas do filme “Elefante” mostram a personagem Michelle entrando no vestiário feminino e indo até seu armário, onde se troca por alguns minutos, enquanto um grupo de meninas perto dela fala sobre como ela é esquisita; ao sair do vestiário, chamam-na de “perdedora”. Na cena seguinte, são mostrados a discussão e o questionamento de Michelle a respeito do uso obrigatório de *shorts* durante a aula de Educação Física, com a sua professora.

Antes de iniciar a apresentação do filme, eu informei a turma sobre o título do filme. Instantaneamente, os alunos questionaram o porquê do nome “Elefante”. Eu não

²⁰ Ou pelo menos máscaras que sejam aquelas que a identifiquem junto a um padrão corporal dito normal na juventude contemporânea.

soube responder a essa questão naquele momento, mas a pergunta foi interessante e proporcionou uma hipótese que chamou a minha atenção. Durante os primeiros segundos da cena do filme, uma jovem do grupo, ao ver a cena de Michelle caminhando no vestiário, verbalizou que ela seria “o elefante”, e o nome do filme seria, então, devido a ela (houve risos dos alunos). Aqui já podemos perceber “ao vivo” como o corpo e a aparência realmente determinam o modo de nomeação do outro. Numa questão de segundos, uma estudante já havia definido e apontado que o nome do filme deveria ser por causa da aparência da personagem pela sua imagem. Acredito que a estudante a definiu de “Elefante” porque eles são animais “desengonçados”²¹ num primeiro olhar. Ou seja, Michelle, através do olhar da jovem, já foi classificada, julgada e apelidada; e por que não dizer, debochada, já que o comentário foi seguido de risos.

Houve um conflito de opiniões a respeito da causa, no filme, de Michelle ser diminuída pelas colegas de vestiário. Primeiramente, o que o grupo expressou foi que a própria personagem se excluía: segundo “E”, ela que se sentia inferior e rejeitada, (...) “no sentido de que ela mesmo se põe para baixo, ela mesmo se descuida, ela mesma se exclui, acho que foi isso que ela fez (personagem do filme), o jeito dela era meio tímida, não falava com ninguém, mas acho que se ela falasse, tivesse um papo mais aberto, ela ia se dar bem”.

Essa opinião de “E” representa uma visão de que o sujeito é responsável pela sua própria identidade ou imagem e, como referido anteriormente, soberano de si, ou seja, ela não se cuidava ou não tinha um “papo aberto”. A opinião de “E” contém um julgamento e um preconceito que é projetado em Michelle: por que ela diz que a personagem não se cuida? Novamente, vemos aí marcas da cultura somática, ao se apontar que ser diferente ou excluída é falta de cuidado pessoal. Cuidar-se é parecer ser ou ter o que os outros são ou têm? Ser igual a todos? Ser bonita? No filme, nada deu a entender que ela se descuidava ou que ela se “botava para baixo”, que não conversava com outras pessoas de forma aberta, ou que se excluía, como manifestou outro jovem do grupo. Por que será que “E” pré-julgou Michelle como uma jovem que não se cuida? Acredito que o olhar nomeador se deu unicamente pela imagem e pelas marcas da cultura narcísica que vivemos, onde um corpo ou um jeito diferente é tido como resultado de uma falta de vontade ou de interesse sobre si.

²¹ Talvez a expressão da estudante seja reflexo do desconforto causado pelo corpo de Michelle no corpo dela.

Ao serem questionados por mim se ela se excluía sem motivo, no filme, o estudante “A” relatou que, “mesmo os outros falando dela, ela não quer mudar o jeito dela porque ela se acha legal, se ela quisesse mudar o jeito dela ela já teria ido pra casa”. Ou seja, esse relato expressa (além do sujeito como soberano de si) um pouco de “ar” nesse sufocamento de julgamentos: que a mudança do corpo ou do ser depende do desejo (talvez Michelle gostasse do jeito dela, ou talvez outras pessoas gostassem dela assim), do gosto pessoal; quanto a sua aparência, entendi que, segundo a visão do estudante, “bastaria ela ir para casa”, no sentido de se refazer, trocar de roupa ou mudar de estilo.

Duas opiniões contrárias foram sugeridas em relação a essa exclusão: uma foi a de que ela se aceita como ela é (“se acha legal”), e não cede à pressão dos nomes que lhe são dados para realizar alguma mudança; e, por isso, ela se deixaria excluir ou então não se importaria em ser excluída. Outra opinião sugere que ela é excluída porque se esconde dos outros ou é tímida, e por isso era chamada de esquisita. Ao serem perguntados sobre por que ela se esconderia, apareceu uma diversidade de opiniões relacionadas ao tema da exclusão. “G” relatou que era porque falavam mal dela, porque não gostavam dela; “C” completou dizendo que não gostavam dela por causa do jeito dela; “B” disse que era pelo padrão que haviam escolhido. E “G”, por sua vez, disse que ela foi excluída porque parecia um homem e porque ela mesma se excluía. Ao serem questionados sobre em que ela devia mudar para ser aceita, uma pessoa do grupo disse que ela teria que “nascer de novo” para mudar.

Temos aí uma riqueza de opiniões diferentes, que podem nos levar a algumas conclusões a respeito de como os jovens lidam com as questões da diferença e da imagem, nas suas relações com o outro. Acredito que, novamente, podemos, com fins didáticos e de análise, dividir essas opiniões em três grupos. O padrão exposto em diferentes momentos da discussão parece estar presente e permeando o assunto como uma pressão:

A) No primeiro grupo, encontramos a idéia do sujeito como responsável pelo cuidado de si, entendido como cuidado com o corpo e a aparência. A identificação e nomeação dependem desse cuidado de si, que é mais voltado para uma atenção ao olhar do outro sobre si (paranóico), do que um olhar para aquilo que a pessoa considera melhor ou a faz sentir-se melhor para si. Trata-se da pressão de ser como os outros são, imposta pelos outros para serem iguais. Isso parece ter relação mais com a aparência do

que com a personalidade ou com o modo de vida. Poderíamos sugerir que talvez, neste aspecto, a personalidade estaria sujeita ao corpo, inscrita nele ou submetida a ele.

Este tópico apareceu também na pesquisa representando um aspecto positivo da cultura somática, com sua respectiva lógica dos cuidados com o corpo, como “*preocupação ética consigo*, se entendermos por ética a capacidade de optar por estilos de existência que nos façam viver melhor, concedendo ao outro o mesmo direito e o mesmo poder” (Costa 2004, p. 236). A opinião de “A” expressou que “ela não quer mudar o jeito dela porque ela se acha legal, se ela quisesse mudar o jeito ela já teria ido pra casa”.

B) Outro grupo de opiniões relaciona a nomeação do outro com o modo de ser, de falar, de olhar, de caminhar, uma postura, ser simpática ou extrovertida, etc. Essa forma também pressupõe uma leitura do corpo, do movimento do outro, mas talvez seja um pouco menos preconceituosa, visto que é uma visão que permite menos julgamentos, tipificações, já que parte da expressão do outro. É preciso considerar que, nesse caso, também estamos muitas vezes à mercê do modelo atual de beleza, felicidade e bem-estar.

C) O terceiro grupo de opiniões que aparece nos relatos refere-se ao corpo propriamente dito, o corpo como destino, que foi revelado pela jovem, como “essa coisa que só nascendo de novo” para se mudar. Esta é uma visão que coloca o corpo como uma prisão à qual se está condenado, da qual não se pode escapar ou diferenciar, que não permite sua criação ou outros modos de inscrição.

Os jovens, nesta parte da discussão, expuseram que talvez a personagem Michelle se sentisse mal com o fato de ser excluída, mas que isso faria parte do jeito dela; ela talvez não fosse extrovertida ou bonita, dentro dos padrões exigidos pela sociedade. Segundo eles, todos sentem a pressão para mudar e sempre buscar melhorar, estar mais bonito; que a primeira coisa que se olha no outro é a beleza física do sujeito. Então, como “A” expressou, “tu vai querer ter um corpo legal (...) “tu vai te espelhar nos outros para te sentir bem, para se sentir legal”. “G”, sobre este assunto, revelou que “nunca ninguém está satisfeito” com seu corpo; segundo ela sempre “falta um silicone”, e diz que se “chegou num nível de futilidade que sei lá! Não sei explicar”. Talvez Ortega (2002, p. 168) possa explicar-nos melhor isso: para o autor, esse nível de futilidade de que a estudante fala se dá porque “hoje, sou o que aparento e estou, portanto, exposto ao olhar do outro, sem lugar para me esconder, me refugiar, estou totalmente à mercê do outro”.

Segundo “F”, “tu sempre procura ser melhor do que tu é, porque tu quer sempre te sentir melhor, ou para a auto-estima ou para te sentir melhor que os outros (...) todo mundo fala que não, mas todo mundo já pensou isso, não adianta falar que não é verdade”. Nesse depoimento, a menina afirma que ocorre algo diferente com os gurus, que são mais “desleixados” e não se comparam tanto, e “a gurua quer ficar com o corpo perfeito, porque sempre reparam mais”. As gurias, segundo “G”, “ficam falando das celulites, da gordura, das espinhas, do cabelo”.

Parece que, pelo depoimento de “F”, existem duas oposições básicas ou modos de ser, atualmente: um modo onde não há tanta comparação ou preocupação em como vai se parecer ou estar aos olhos do outro; mas, nesse caso, se é “desleixado”, ou então, cronicamente preocupado com o julgamento do outro sobre si, olhando o olhar do outro, competindo, avaliando, comparando, classificando e julgando o outro.

Segundo o grupo, no Colégio de Aplicação as pessoas ainda convivem mais com as diferenças, porque o ingresso é feito por sorteio; não há tanta distinção entre cor, raça ou classe social. Eles afirmam que “ninguém é igual a ninguém”, mas, de fato, como foi enunciado, as pessoas ficam continuamente apontando para os “defeitos” dos corpos, quando estes são diferentes, talvez por “inveja”. Eles disseram que isso não acontece muito naquele Colégio, mas que em outros, os jovens são muito julgados pela aparência, excluídos, humilhados ou até “judiados”, como vários referiram.

Aqui fica a indicação de que o corpo é alvo de inúmeras formas de violência, de diminuição ou humilhação ao ser nomeado, identificado. O culto ao corpo divide a opinião dos jovens, como uma atitude relativa à saúde, à vida e também à preocupação, insegurança, ou obsessão. A seguir algumas conclusões que dizem respeito ao que foi levantado, estudado e pensado nesta pesquisa, e que geram inquietações, bem como a formulação de algumas novas perguntas.

5. CONCLUSÕES

Ortega (2002) menciona como importante dentro de uma sociedade o que chama de “políticas do espírito”, que teriam como principal objetivo a valorização do sujeito por suas ações e discursos, muito mais do que por seus corpos e imagens. Entretanto, os depoimentos citados nesta pesquisa indicam que, claramente, as relações nessa sociedade e cultura parecem estar construídas em torno de um apelo idealizado sobre a imagem, à qual os indivíduos parecem estar submetidos e amarrados.

O olhar do outro parece ser legislador, pois define quem se é (ou quem não se é), e quem se parece (ou não se parece), restringindo o espaço para o indivíduo criar ou buscar sua identidade. O sujeito passa a ser enquadrado em algum determinado nome e caracterização, a partir de um determinado ideal (padrão). O olhar está mais para a projeção daquele que olha do que como o que é olhado se apresenta ao olhar deste; ou seja, o sujeito não é definido somente a partir de como se apresenta, mas a partir de como o outro vê e o qualifica, ou melhor, classifica. O pré-conceito das imagens ideais não acolhe o outro em sua alteridade. Pelo contrário, nomeia-o de acordo com os paradigmas da mesmidade, regulado por um poder que não se sabe bem ao certo aonde está.

Gostaria de chegar ao fim desta pesquisa fazendo valer as palavras de Nadja Hermann, ao descrever a modernidade, a autora sugere “a ruptura da unidade da razão e a decorrente emergência de pluralidade, dos diferentes estilos de vida e da subjetividade descentrada, produzida pela experiência artística produzindo novas estéticas, [e que, segundo ela], a valorização da pluralidade é uma determinação da realidade da vida. Surge assim o espaço para a diferença, para o plural” (Hermann, 2002, p.12).

Tratando-se do corpo e da estética, penso, em parte, que as antigas razões se romperam e as verdades se relativizaram, bem como, por outro lado, e em parte, se reativaram numa nova configuração. Sempre que as verdades se rompem, há novas formas de saber e poder que buscam criar novas formas e modelos de verdades e razões. Acredito que é preciso estar atento a essas novas reapropriações das configurações da realidade e não deixarmos nos levar pela ingênua posição de que não existem mais verdades nem razões, como refere Nadja Herrman..

O que pretendi tematizar ou problematizar nesta pesquisa foi uma certa estetização da ética das sociedades contemporâneas, em que o governo de si está impregnado pela preocupação com o *glamour*, com a satisfação e com a aparência

peçoal. Penso que essa preocupação está diretamente relacionada a novas formas de narcisismo, presentes em nossa sociedade. Novas políticas do corpo são necessárias, políticas que nos tirem de nossa anestesia, gerada pela necessidade de sempre se buscar um outro admirável novo corpo, mais turbinado, mais bonito, mais parecido com aquele modelo apresentado pela mídia. Um corpo que Costa denomina “corpo-especular” ou o “corpo espetacular” (Costa, 2004, p. 230).

Os vivos estão sendo embalsamados, assim como eram os antigos egípcios ao morrer. Embalsamados pelo olhar do outro, pelos padrões de beleza, de normalidade e de mesmidade. Chego ao fim desta pesquisa sem saber a resposta para tal pergunta: Como desembalsamar nossos corpos? Como fazer o corpo, segundo Sant’Anna, se transformar “num território de ressonâncias destituído de todo seu autismo?” (2001, p. 99).

Desconfio que a resposta esteja no dilema que vivemos em nossa sociedade, muito bem posto por Debord: não mais o dilema entre “ser” e “ter”, e sim o dilema entre “ser” e “parecer”. O ser estaria embalsamado pelo parecer? Como podemos parecer cada vez mais aquilo que somos? Talvez, primeiramente, como foi citado anteriormente, faço uso das palavras de Foucault, recusando o que somos, desconstruindo aquilo que os outros fazem de nós, os nomes que nos são dados, para depois reconstruir novas possibilidades, pluralidades, novos devires.

Acredito, também, que outra resposta para a pergunta acima, esteja relacionada ao esforço em transcender as dissociações entre o ser e o parecer; inclusive penso que talvez esse dilema seja um falso dilema. Acredito que é possível a criação de novas estéticas em que o sujeito possa fazer uso de si e de seu corpo como obra de arte. Penso que um longo e penoso trabalho é preciso: o de descolar de nós os rótulos e as etiquetas que nos aprisionam, que nos imobilizam, especialmente quando se trata de nosso corpo.

A ampliação das fronteiras de nossa experimentação estética no sentido de conhecer o outro pela via da sensibilidade (corporal), é possível; quanto mais capazes formos de descolar de nossos corpos e olhares a marca de modelos “emboncados”, estigmatizados, perfeitos, “sarados” e *fashions*. Acredito que essas mudanças com relação a nossos corpos podem ser estudadas de diversos pontos de vista; não existe uma resposta definitiva sobre quais são os efeitos que tantas classificações operam sobre nós.

Por vezes, me senti como na parábola ilustrada pelo título do filme “Elefante”, onde várias pessoas cegas tocam uma parte diferente do corpo do animal e devem emitir

um nome para aquilo que tocam. Talvez a pesquisa seja um exercício na qual é preciso saber de nossas limitações, sem pretensão de tomar o todo através de suas partes, descobrindo que as partes talvez representem um pedaço do todo, mas que nem por isso deixam de ter valor ou relevância para formular novas perguntas.

REFERÊNCIAS

- BARTHES. **Aula**. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRETON, David Le. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- COHEN, Ricardo; CUNHA, Maria Rosário. **A obesidade**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. **A subjetividade exterior**. <http://www.jfreirecosta/subjetividade.html> . Acesso em maio de 2005.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FABRIS, Elí T. Henn. **Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Editorial: Experiência, estética e conhecimento. **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação/ UFRGS, v. 27. n. 1., p.11-26, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. **Microfísica do poder**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.
- _____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes. 1987.
- _____. O sujeito e o poder. In: Dreyfus L. Hubert e Rabinow, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FRAGA, Alex Branco. Anatomias de consumo: Investimentos na musculatura masculina. **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação/UFRGS, Porto Alegre, v. 25. n. 2., p. 135-150, 1999.

FRANÇA, Sonia Aparecida Moreira. Diferença e preconceito: a efetividade da norma. In: Aquino, Julio Groppa (org). **Diferença e preconceito na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 3ª ed., São Paulo: Ed. Summus, 1998. p. 203-215.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Série pesquisa em Educação, v 10. Brasília- DF: Editora Líber Livro, 2005.

GURSKI, Roselene. Crônica da adolescência contemporânea. In: **Narrar, construir, interpretar**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 30, julho de 2006. Porto Alegre: APPOA.

_____. **Juventude contemporânea e formas de inscrição de si**. Projeto de tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, fevereiro de 2006.

HERMANN, Nadja. Razão e Sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação/ UFRGS, v. 27. n. 1., p.11-26, 2002.

KEHL, M.R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LARROSA, Jorge. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. LOURO, Guacira Lopes (organizadora). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Corpos que Escapam. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 4., 2002, Florianópolis. **Na Contracorrente da Universidade Operacional**: [anais]. Florianópolis: UFSC/CED, 2002. 1 CD-ROM. 10 f. Mesa Redonda n. 58, Eixo Temático 7: Educação, Infância e Juventude.

MAGLI, Patrizia. El rostro y el alma. In: **Fragmentos para uma historia del cuerpo humano**. Parte segunda. Editado: Michel Seher, Ramones Natdass y Nadia Tazi. Espanha. Madrid: Editora Taurus, 1991.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. p. 139-173

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Descobrir o Corpo: Uma história sem fim. **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação/ UFRGS. v. 25. n.2, p. 49-75, 2002.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi do. **Biopolítica de HIV/ AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Pedagogias do Corpo: Representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luis Heron da (org). **Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?** 2ª ed. Ed. Petrópolis. Vozes, 1999, p. 194-211.

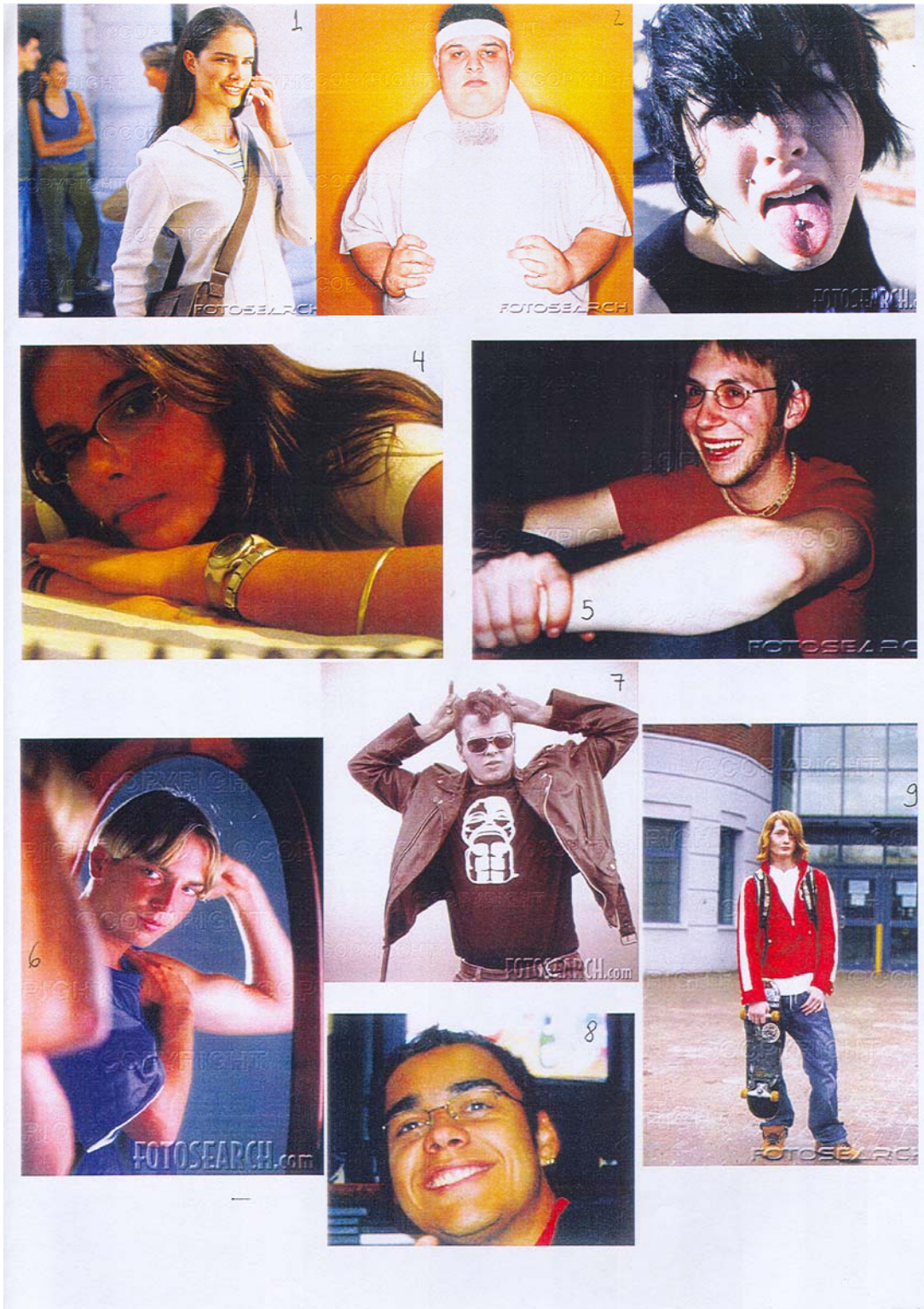
SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

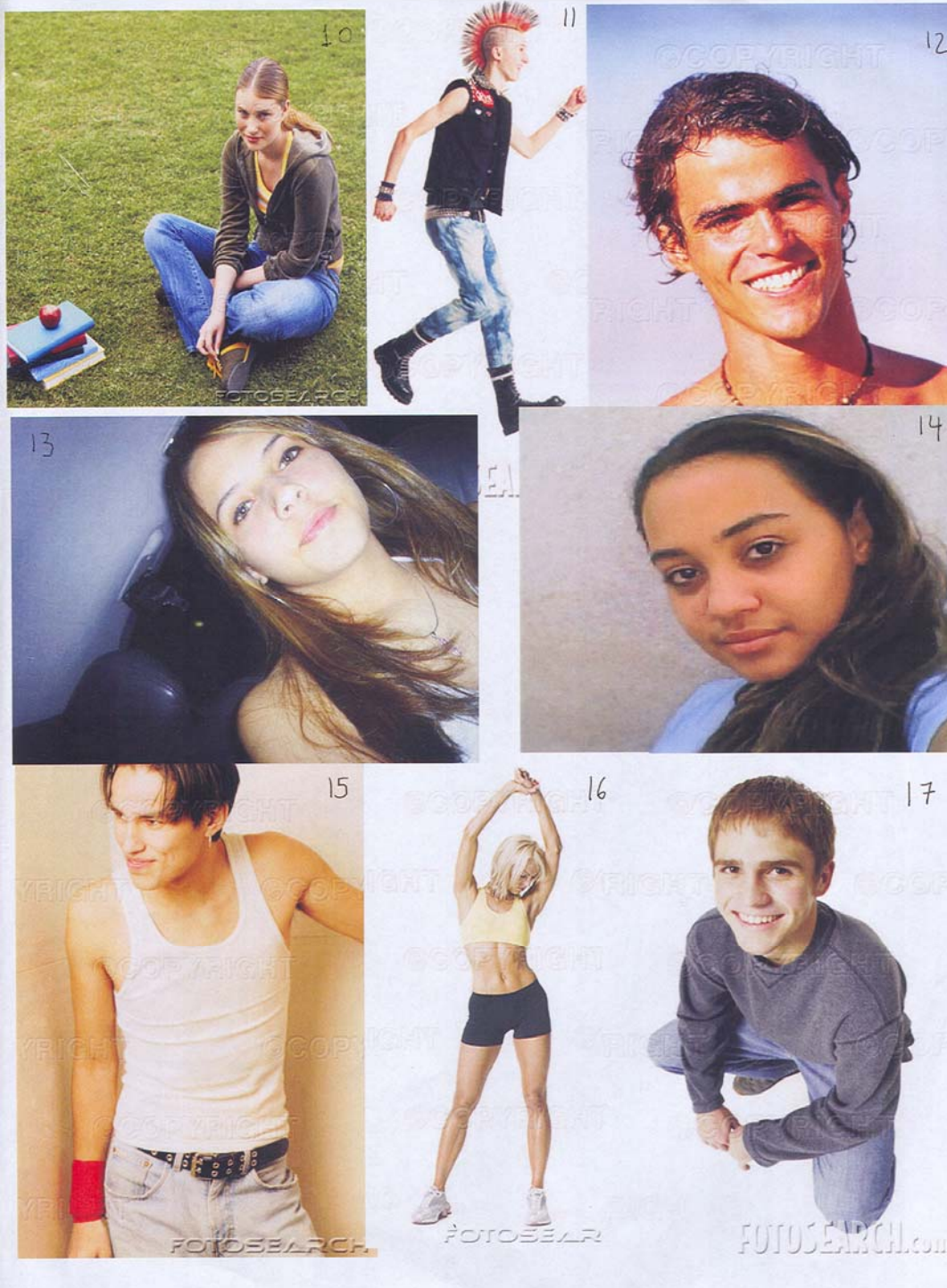
SATURNINO, Edison Luiz. **Imagens em Circulação: Produzindo modos de ver, lembrar e narrar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Proposta de dissertação de mestrado - Programa de pós graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

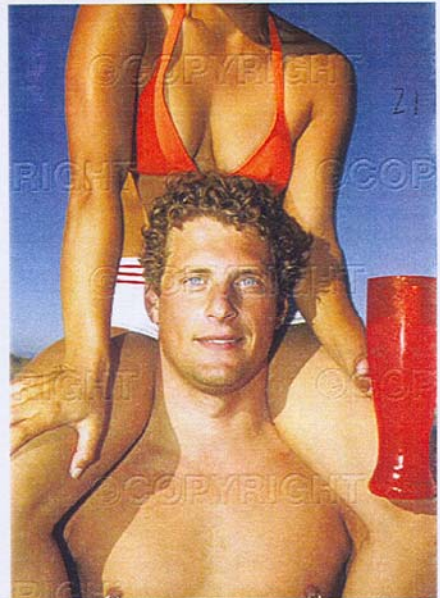
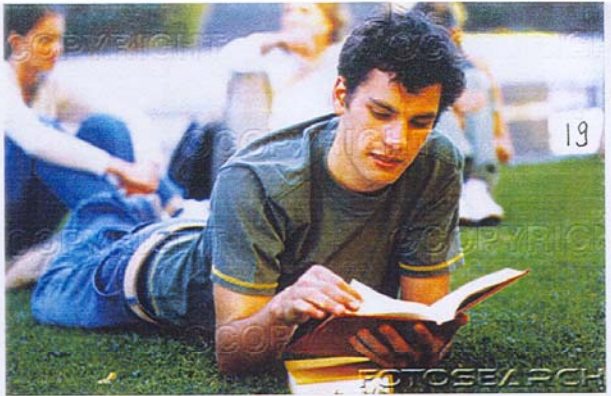
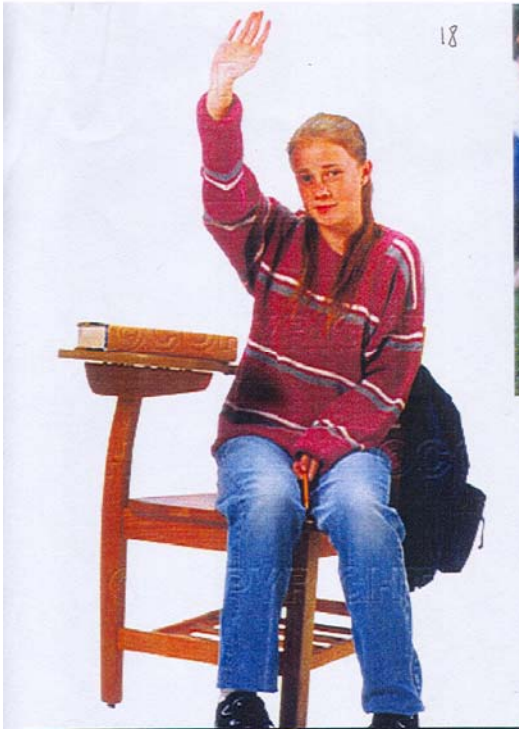
SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

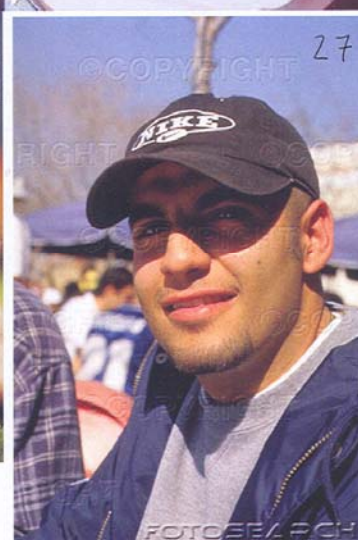
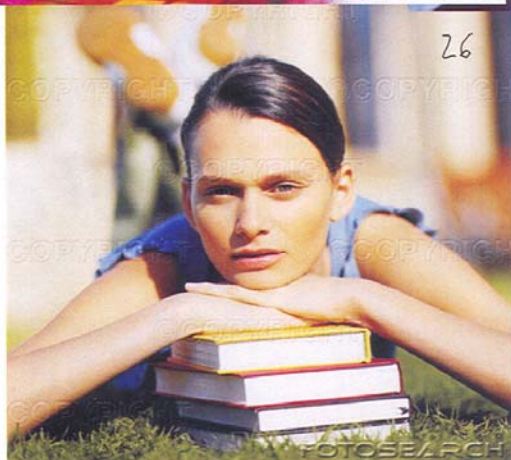
STENZEL, Lucia Marques. **Obesidade: o peso da exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXO 1









ANEXO 2

ROTEIRO DE TRABALHO

PARTE I

- 1- Escolha um sujeito entre as imagens:
- 2- Se ele (a) tivesse um apelido, qual seria? Porquê?
- 3- Quais as qualidades dele(a)? Porquê?
- 4- Quais seus defeitos/ frustrações? Porquê?
- 5- Tem namorado? Porquê? Quais as características do(a) namorado(a).
- 6- Qual seu maior medo? Porquê?
- 7- É popular? Porquê?
- 8- Tem amigos? Porquê?
- 9- Que tipo de amigos ele(a) tem? Porquê?
- 10- Porque você escolheu esse (a) jovem?
- 11- Como será seu futuro? Vida pessoal/ profissional?

PARTE II

- 1- Escolha o (a) jovem que você acha mais interessante. Porquê?
- 2- Escolha o (a) jovem que você acha menos interessante. Porquê?
- 3- Escolha o que você acha mais bonito(a). Porquê?
- 4- Escolha o que você acha menos bonito(a). Porque?
- 5- Escolha o que você acha mais legal. Porquê?
- 6- Escolha o que você acha menos legal. Porquê?
- 7- Escolha o que você acha o mais inteligente. Porquê?
- 8- Escolha o que você acha o menos inteligente. Porquê?
- 9- Você se identificou com alguma das imagens apresentadas? Qual? Porquê?
- 10- Eleja 5 sujeitos que você gostaria que fossem seus amigos entre as imagens presentes. Porquê?

Se você pudesse nomear cada pessoa com apenas uma palavra, qual usaria?

- | | |
|-----|-----|
| 1- | 23- |
| 2- | 24- |
| 3- | 25- |
| 4- | 26- |
| 5- | 27- |
| 6- | 28- |
| 7- | |
| 8- | |
| 9- | |
| 10- | |
| 11- | |
| 12- | |
| 13- | |
| 14- | |
| 15- | |
| 16- | |
| 17- | |
| 18- | |
| 19- | |
| 20- | |
| 21- | |
| 22- | |

ANEXO 3 RELATO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

AOS TREZE:

O QUE SE PASSOU NO FILME?

A) O que aconteceu no filme acontece aqui também, só que lá elas querem ser mais populares.

B) Eu acho que acontece aqui, tipo, com os guris que querem fazer um estilo que acha pega mulher, de machão na frente dos outros.

A) lá eles tentam mudar o jeito de ser para ficar populares e aqui eles tentam fazer alguma amizade com eles, mas não tentam mudar o jeito de ser. Por exemplo, se eu tenho uns ursinhos na minha casa e elas não tem, eu não vou tirar todos os meus ursinhos, já lá é assim.

B) eu acho que a tendência é que no colégio eles tentam fazer uma personalidade diferente para se mostrar diferente, impressionar os outros e em casa eles não são assim.

A) a questão do dinheiro, acho que isso está relacionado ao dinheiro, que umas tem mais e outras menos, mesmo tu não tendo dinheiro tu vai querer tentar ser que nem aquele grupo de pessoas, ah, eles tem tal roupa e eu também vou querer ou uma casa assim, tu sempre vai tentar ser assim.

C) mesmo tu sabendo que tu tem qualidades, que tu é alguém, tu é importante, tu te acha excluído, acaba te excluindo dos outros, do grupo e tu acha que tu vai tentar te igualar achando que tá fazendo alguma coisa diferente mesmo sabendo que no teu interior tu não é aquilo.

B) que tu tem qualidades pros outros gostarem de ti.

QUE TIPO DE QUALIDADES?

c) qualidades que tu vê, que tu acaba te espelhando

b) eu acho que no jeito de ser, no modo de agir com as pessoas, tem gente que conversa mais calmo.

a) no jeito de falar com as pessoas pode até parecer bem esnobe pra uma pessoa simples, uma coisa que pode ser bem normal. Com uma pessoa que é simples tu pode tentar ser até humilde, se tu tentar te ser como os outros tu vai te tornar uma pessoa esnobe, uma

peessoa que não dá valor pras coisas simples, uma pessoa que só dá valor pras coisas materiais, mais materiais mesmo.

EU QUERIA VOLTAR A ESTA QUESTÃO DE MUDAR PRA SER IGUAL AOS OUTROS QUE VOCÊS FALARAM...

D) têm pessoas que são mais populares, tem mais dinheiro que as outras, tem um estilo mais legal, tem umas gurias lá que usam umas roupas...não tem tantas condições, ela vai olhar, vai sentir vontade de comprar “ah, todo mundo tem”, não adianta tu tentar ser igual aos outros, se tu não pode não pode! Tem gente que fica aí ela tem eu não tenho, eu quero igual”, tem que ter o próprio estilo, não querer ficar copiando das outras.

TUDO MUNDO AQUI ACHA QUE ISSO TEM RELAÇÃO COM DINHEIRO?

E) Eu acho que não, acho que todo mundo tem que se respeitar, alguém achar que tem mais valor por causa do dinheiro, tem muitas pessoas no colégio que são assim, quem tem mais dinheiro só fala com certas pessoas, e é ridículo, cada um tem as suas qualidades e seus defeitos, e as pessoas são como elas são, não tem que ficar esnobando.

ISSO TEM A VER COM A IMAGEM OU COM O DINHEIRO? COM A APARENCIA OU COM O DINHEIRO?

D) Pra algumas pessoas com o dinheiro, pra outras com a aparência, algumas gurias nojentas pensam “aí não vou tratar porque ela não tem dinheiro, porque o jeito dela é estranho”, mas tem que ver as características, tu pode ser roqueira e ser uma pati, tu não pode julgar ela pela aparência, tem que conhecer ela primeiro, não pode julgar, se ela usa roupa de marca então eu não ando com ela, tem que conhecer, vai que ela seja tua melhor amiga.

MAS VOCÊS ACHAM QUE SE JULGA PELA APARÊNCIA? NA ESCOLA?

-Sim, aqui na escola muito. (3 ou 4 pessoas)

-Claro

-Obvio

-Não e tanto assim.

- a) é a realidade né, pois alguém tipo assim ó, as minhas amigas falam, não tem como tu não andar aqui no colégio como os outros andam porque, quando tu entra aqui no colégio, tu vai perceber assim ó, bah todo mundo tem aquela roupa ali, como é que eu não vou ter se a maioria do colégio tem, por exemplo se alguém tem a calça da zoomp então eu vou insistir, conversar com meu pai , porque ai tu vai ver que todo mundo tem, só eu que não tenho, tu vai te sentir meio mal, todo mundo vai te olhar meio assim...
- e) ...eu vou querer pensar por outro lado, se eles são todos iguais porque eu vou querer ser
- a) tipo assim, tu tá no corredor do colégio com um tênis diferente, todo mundo vai olhar pros teus tênis e falar “nada a ver”, ai quando tu falar dessa pessoa eles vão se lembrar daquilo, ela é aquela que usa tênis falsificado. Não tem nada de feio usar falsificado, se tu não consegue tu vai procurar recursos mais baratos para ter uma coisa bem parecida.

PRA PODER SER MAIS ACEITO COMO OS POPULARES?

B) é ridículo

- a) fica passando por ridículo
- c) eu prefiro não ter do que usar uma coisa que não é boa

EU ACHO QUE A GENTE TA FALANDO MUITO SOBRE ROUPA

- a) mas se tu pensar bem, tu não vai dizer que nesse negócio entra a questão de roupa,
- b) ate porque tu vai mudar teu comportamento, tu vai te tornar esnobe
- a) com certerza, se todo mundo andasse com uma calça laranja, não tem nada a ver tu querer usar uma calça verde-limão, tu vai querer ser igual, pra tu querer andar com eles tu vai ter que mudar a tua roupa, o teu estilo, estilo pra mim é roupa, nada ver com a questão da personalidade, pode ser personalidade pra ti, mas roupa é fundamental
- c) isso é uma característica, olha por exemplo, roqueiro anda sempre com roqueiro, tu não vê uma pati junto toda de rosa, eles são tudo preto parecem um

monte de corvo andando pela rua. Sabe, mas isso e por quê? É o estilo deles, eles se identificam, tem semelhanças, por isso que eles se unem.

VCS ACHAM QUE ESTILO TEM A VER COM ROUPA?

- d) Tem gente que jura que é pati, mas curte um roque, curte mesmo, e tem gente que se jura roqueira e anda que nem uma pati.
- b) o que mais importa é o jeito que a pessoa é, o que adianta ser que nem um roqueiro, andar com outro roqueiro e começar a escutar um pagode, um funk e gostar de se vestir de roqueiro para aparecer
- c) pra te mostrar diferente, mas no fundo tu não curte aquilo
- a) eu acho que tu tem que aceitar a pessoa do jeito que ela é, o estilo que ela é, não o que a vestiu.

COMO VCS ACHAM QUE A BELEZA, A IMAGEM E O CORPO INTERFEREM NO RELACIONAMENTO DE VOCÊS NA ESCOLA?

- D) eu acho assim, vamos dizer que tem um gordo, todo mundo vai começar a zoar dele, ele vai ter poucos amigos, porque ele já e uma pessoa, tipo, “não vou andar com gordo, pra não causar ma impressão”, é que nem com gente feia, “não vou andar com gente feia pra eles pensarem que eu só tenho amigos bonitos”, esses valores assim, as pessoas mais zoadas são os gordos, os deformados...
- a) tem vários gordinhos que são legais
- b) Tipo assim, se tu não pratica esporte, se tu é gordinho, chega na educação física com quem é que tu vai fazer, se tu pratica esporte tu vai querer fazer com quem pratica esporte... chega uma guria toda pati, toda isso toda aquilo, cheia das frescuras cheia de compras, quando tu quer ir no shopping: com quem tu quer ir? Com elas, mesmo que ela possa ter dinheiro e tu não pode ter. Tu vai numa festa, tu não vai querer ir com uma pessoa feia, tu vai pegar a bonita.
 - a) não, tu vai sair com uma pessoa feia, porque entre uma guria sequinha toda magrinha toda sequinha e uma guria com baita corpo, tri bonita, pra quem eles vão olhar? Pra guria q tem bastante corpo.
 - b) uma pessoa gordinha pode ser tri inteligente como eu acho que a maioria das vezes é isso, no colégio tem vários exemplos disso, e eles acabam sendo excluídas e são lembradas somente na hora do trabalho, ou as pessoas excluídas ou diferentes não sei porque, são lembradas só pela inteligência, na hora que tu saiu da sala de aula fica esquecido. Daí a

pessoa pensa “bah agora tenho um amigo” chega na hora do recreio,
“bah vou andar com meu novo amigo” e cadê o amigo?

VOCÊS TAMBÉM PENSAM ISSO? O QUE INTERFERE? A BELEZA? A IMAGEM?

- E) acho que isso interfere no ponto de vista das pessoas que estão em volta de ti.
No meu ponto de vista acho que nada a ver.
- F) depende de cada um, cada um acha uma coisa
- G) mas o que que é o feio o que que é o bonito? Não existe um modelo pra tudo, um padrão
- H) mas quem é bonito e quem é feio? Tu pode achar uma coisa e eu achar outra
- c) pode ser q pra pessoa q ande com o feio ou o bonito, pra ela vai ser aquela pessoa q ela gosta e o bonito da pessoa vai ser outra coisa, e o bonito de uma pessoa vai ser o feio de outra, ai por isso que tu fala mal de outra pessoa.

VOCÊS ACHAM QUE EXISTE PADRÃO DE BELEZA?

- F) umas pessoas dizem como perfeito um corpo perfeito, um rosto perfeito, tudo perfeito e não é verdade, pode ser até ser assim bonito de ver, mas tu vai falar com a pessoa e a pessoa tem uma cabeça de vento
 - a) e pra ti tentar ser que nem elas tu vai em busca, tu vai numa academia, tu vai fazer uma ginástica
- d) olha as atrizes que dão no fantástico, que aparecem como deusas, as vezes tem uma cara de demônio, porque é só fachada aquilo ali, passam um quilo de maquiagem e tá passando por bonita, mas vai ver na vida real ...
- a) tu vê a Juliana Paez antes, ela era toda caída, tinha celulite, de coisa, tu vai ver ela hoje nas propagandas da Antártica, ba tu vai ver q a mulher é tri bonita, com um corpão que toda mulher gostaria de ter.

EU QUERIA QUE OUTRAS PESSOAS PARTICIPASSEM, VOCÊS ACHAM QUE BELEZA INTERFERE NOS RELACIONAMENTOS, ACONTECE ISSO NO COLÉGIO?

- b) na amizade a imagem da pessoa não interfere tanto, porque o padrão de beleza, de achar uma pessoa bonita outra feia, é da pessoa, mas quando for achar um emprego, alguma coisa, o padrão tu já sabe, todo mundo tem que ter um padrão

universal, uma característica específica, por exemplo tu não vai achar um corredor, um atleta, tu não vai achar um gordo, por um exemplo um jogador de futebol, o patrocinador dele, um empresário, ele não vai querer investir num cara que é ruim, um baita de um modelo, eles falam pra eles, “ah esse aqui e bonito”...

c) esse aqui é alto, magro, sei lá, não vão botar numa passarela alguém anão com as perninhas tortas e negro ainda por cima, mesmo se for branco, tu não vai botar VAMOS PENSAR AQUI NA ESCOLA, COMO ISSO ACONTECE, COM QUEM VOCÊS SE RELACIONAM? QUEM VOCÊS BUSCAM?

G) acho que aqui na escola tem bem menos isso do que nas outras, aqui no colégio sempre tem, mas em comparação com outros colégios tem muito pouco disso, tem varias pessoas que são bem diferentes, e tudo misturado e elas se dão super bem

E) os colégios fazem contigo, indiretamente, desenvolvem nossa cabeça contra o preconceito, as diferenças, de aceitarem as pessoas como elas são, por exemplo, outros colégios particulares ou estaduais também convivem com eles, pessoas iguais a eles, pessoas que tem dinheiro, é o ambiente que eles vivem, aqui não, tem preto tem branco tem mulato, tem pobre tem rico tem classe media, tudo junto entendeu, então a gente aprende a conviver com os outros que são diferentes da gente, não com os que são iguais a gente.

VOCÊS ACHAM QUE ESTAS DIFERENÇAS AFETAM A IMAGEM DA PESSOA, SER RICO SER POBRE, SER FEIO SER BONITO, SER ALTO SER BAIXO, GORDO MAGRO, VOCÊS ACHAM QUE ISSO AFETA A IMAGEM?

g) Nesse colégio tu não pode dar um passo qUE todo mundo já sabe...

TODO MUNDO CONTROLA TODO MUNDO?

D) vocês não podem fazer nada que todo mundo já faz comentarios: “a fulana ficou com o fulano”, já ficam tudo assim de tititi, falando pra todo mundo como se fosse uma coisa nova, uma novidade

a) mas e nova

ESSA COISA DA IMAGEM E DA APARÊNCIA, ISSO AFETA VOCÊS NA VIDA DE VOCÊS?

(todas começam a falar ao mesmo tempo causando certo “caos” no grupo

h) na verdade ninguém tem moral pra falar que não

TU ACHA QUE TODO MUNDO JULGA ENTÃO?

g)Muito, muito

f) na verdade quando a pessoa, se ela é alta, se ela é bonita se ela é normal, nunca ninguém fala “eu não tenho preconceito”, mas quando tu não gosta da pessoa o primeiro defeito da pessoa tu já começa a falar da pessoa, todo mundo é assim, por exemplo, pra fude a gurria “ah aquela gorda”, alguma coisa desse tipo, a gurria pode ate não ser gorda, mas tu tem que achar um defeito nela, todo mundo fala que não mas todo mundo já passou por isso, já falou mal de alguém ,

g) inclusive dos professores (risos)

SOBRE O PERSONAGEM DO FILME, COMO VOCÊS ACHAM QUE ELA SE SENTE, NA PRIMEIRA CENA?

E) (sobre o filme) na verdade foi porque as gurias mexeram com ela, se as gurias tivessem passado por ela e não tivessem comentado nada ela não teria tido a reação que ela teve, ela poderia até admirar, tanto é que ela até falou aquela hora: ‘ah ela não é a super-mulher’, então acho que se ela não tivesse retrucado ela não teria tido aquela reação.

F) Não era inveja que ela sentia pela outra, era admiração, mas no começo quando ela começa a mostrar os defeitos dela ela começa a ter inveja.

ter vontade de ser que nem ela, ela se deixa influenciar

F) No filme até mostra desse jeito, mas aqui que se a gurria fosse popular, todo mundo ia querer botar defeito nela.

E) tem umas gurias que são esnobes, que se acham superior, que são conhecidas por ser assim e tem outras que se destacam pelo jeito de ser e não pelo que vestem ou com quem andam.

VOCÊS ACHAM QUE A MUDANÇA DELA FOI PELAS CRÍTICAS QUE ELA RECEBEU? E VOCÊS FALARAM AQUI QUE VOCÊS JULGAM TAMBÉM...

C) vai dizer que tu ia não ficar olhando se passa uma gurria com aquele tamanco assim com salto que faz uma volta aqui e com aquelas calças coiseadinhas aqui que dobram aqui, tu não vai andar com ela, por favor! Vai dizer que tu não vai ficar do lado das pessoas que só fazem o cochicho.

E)Eu não teria receio de falar. Se no caso pegassem no pé dela eu ia falar pra ela.

C) mas e se ela gostasse daquilo? Pelo que eu entendi (do filme) ela mudou porque falaram dela, mas ela foi demais e tentou se igualar as outras gurias.

ALGUÉM AQUI JÁ QUIS MUDAR O ASPECTO DA SUA APARÊNCIA PARA SER ACEITO NO GRUPO?

Duas levantaram a mão e houve burburinho.

F) Para tentar aumentar a auto estima, mas não para ficar igual as outras

C) Tem apelidos... ai tu vai tentar mudar aquilo

H) eu não vou fazer uma cirurgia p tirar meu sinal (possui um sinal no queixo, a apelidaram de feijão porque o sinal parece um feijão)

A) mas tipo assim, se tu tiver um apelido tu vai ficar conhecido através daquele apelido, tu vai começar a formar amigos com aquele apelido, mesmo se tu não goste depois tu vai começar a gostar, e todo mundo vai te chamar por aquele apelido, de repente não para te julgar

AQUI ENTRE VOCÊS ROLA ALGUM APELIDO?

Burburinho

A) começam a apresentar alguns pelo apelido:

bebeca, mortícia, bombom, (uruguai, maluco, castelhano, neyzito – todos de uma só pessoa)

UM APELIDO PRO CARA POR CARACTERISTICA FÍSICA?

A) “dente de leite” porque um dia na aula o meu dente caiu (risos)

SEGUNDO FILME

VAMOS PASSAR PRO SEGUNTO FILME, O QUE VOCÊS ACHAM QUE SE PASSOU NO FILME?

E) eu acho que quando as pessoa se sentem inferiores e rejeitadas, no sentido que elas mesmo se põem pra baixo, elas mesmo se descuidam, elas mesmo se excluem, acho que foi isso que ela fez, o jeito dela era meio tímida, não falava com ninguém, mas acho que se ela falasse, tivesse um papo mais aberto, ela ia se dar bem

C) pessoa bicho do mato e de mau-humor ninguém merece

G) não quer ser social é uma opção, depois não vem querer cobrar dos outros,

A) mas também tem pessoas que excluem do nada

G) daí tu não pode fazer nada por ela

VOCÊS ACHAM QUE ELA SE EXCLUI DO NADA NO FILME?

A) mesmo os outros falando dela, ela não quer mudar o jeito dela porque ela se acha legal, se ela quisesse mudar o jeito dela ela já teria ido pra casa

c) ela deixa, ela aceita

e) ela se escondia,

MAS PORQUE VOCÊS ACHAM Q ELA SE EESCONDIA?

g) porque falavam mal dela, porque não gostavam dela

c) por causa do jeito q ela é

b) pelo padrão que escolheram

g) ela parecia um homem, ela era excluída porque ela se excluía

c) existe uma diferença entre tu ser tímida e tu querer te esconder

h) mesmo se ela mudasse ninguém ia querer falar com ela, mesmo se ela chegasse em casa e jogasse todas as roupas fora, e quisesse comprar outras,

olha só jeito que as gurias tratavam ela, mesmo se ela chegasse a mudar, ela ia passar por ridícula

c)tem gente que se exclui. Tem gente que acha um amigo e se cola somente naquele ali, tem gente que não faz a mínima questão de conhecer outras pessoas, ai as pessoas falam que tem gente que é tímida, tem uma grande diferença entre ser tímida e ser bicho do mato, eles marcam terreno e dali tu não sai e ninguém te tira, o problema é de quem tiver fora dele

SE O PERSONAGEM DO FILME QUISESSE DEIXAR DE SER ESQUISITA AOS OLHOS DO GRUPO, O QUE VOCÊS ACHAM QUE ELA TERIA QUE MUDAR?

Indefinido: Mudar? Ela teria q nascer de novo

a) eu não digo nascer de novo, mas ela teria que mudar o estilo dela, tu viu ali o jeito que ela se vestia, se ela se vestisse pelo padrão, ou melhor, de repente ela poderia...

b) ta, mas tem gente que pode ser que seja do mesmo jeito que ela e se ela mudasse pros outros ela seria vista como ridícula no grupo dela, tem gente que é do mesmo jeito que ela e que goste do jeito dela e que talvez não fale nada, ai ela vai e mudar o jeito pros outros e acaba ficando idiota pros que achavam ela legal

d) mas se ela fosse, se ela tivesse dinheiro, fizesse um banho de loja, ela ia conseguir pros interesseiros.

VOCÊS ACHAM QUE ELA É EXCLUÍDA POR CAUSA DO CORPO?

D) acho que pelo jeito dela (faz uma expressão de corcunda e encolhida com o corpo)

COMO VOCÊS ACHAM QUE ESSA PERSONAGEM SE SENTE?

Mau

O QUANTO VOCÊS ACHAM QUE A APARÊNCIA ESTÁ LIGADA A QUESTÃO DO RELACIONAMENTO, A QUESTÃO DA INCLUSÃO, DA EXCLUSÃO, DE FICAR LIGADO NO OUTRO PELA APARÊNCIA?

Burburinho

VOCÊS ACHAM QUE A BELEZA É FUNDAMENTAL NOS DIAS DE HOJE?

C) sim, porque se passa um feio e eu tô conversando com uma amiga, eu sigo conversando e ainda falo mal, aí passa um outro (bonito), aí falo “olha aquilo ali!”, aí até de repente procuro um ângulo melhor pra ver e ficar cuidando... Eu falo de experiência de vida né.

d) só se for um Deus, só se for muito lindo, daí chama a atenção, mas tu olha pra um cara todo espinhento, todo torto? Tu não vai olhar pra ele.

g) tipo o Vicente , um guri todo sorridente, simpático, vai adiantar muito tu olhar pra um cara bonito e ele virar a cara pra ti, tá certo que tu não vai ficar com o feio, mas tu também não vai ficar com o bonito.

a) eu posso namorar o cara que ela acha feio, mas eu posso achar ele bonito

Professor: EM TEMPOS DE *ORKUT* VOCÊS NÃO ACHAM A FOTO IMPORTANTE PARA ACEITAR COMO AMIGO?

Todos: claro, muito

g) se botam uma foto bagaceira, tu não vai aceitar

c) se é um cara que tu já conhece aí tu vai aceitar, mas se é uma pessoa que tu nunca viu aí tu pensa: tá, se ele é bonito aí tu vai aceitar, se é uma pessoa feia, tu não vai querer colocar uma pessoa que tu nem conhece...

E FORA DO *ORKUT*? ISSO ACONTECE NA VIDA DE VOCÊS TAMBÉM?

- a maioria diz que sim;

g) não, sempre tem alguém que se presta

f) foto não dá pra confiar, qualquer pessoa que faz um *book* fica bonita, só se for muito feia, mas aí tu vai ver no dia-a-dia é horrível

g) mas tem uns caras que são feios, não tem papo e não fazem nada

c) como assim não fazem nada?

a) tipo, eu tenho uma amiga né, que não é a Josi, ela tem um *book*, arrumaram a cara dela no computador, bah! Ela tá tri bonita (risos), ela tem um baita de um corpão mas ela não tem peito, tem uns cadeirão, tá muito feia, mas arrumaram a cara dela...

f) eu tenho uma amiga que ela é tri bonita de rosto, daí ela põe a foto de rosto (no orkut) então pras pessoas ela é linda de rosto, mas de corpo ela é gorda

g) muita maquiagem no rosto

f) então eu acho que porque ela quer se passar por bonita se ela não é? Por que se a pessoa vai te conhecer vai vê que tu é diferente;

e também tem uma coisa, pra começar a se interessar, tem uma foto de um cara feio e uma foto de um cara bonito, claro que tu vai falar com o cara bonito, daí se o cara não é tão bonito e tu põe uma foto mais bonita, ele pensa, aí tu começa a conversar com ele , aí tu vê que a pessoa é legal, e mesmo se ele não for muito bonito tu vê que a pessoa é legal, pelo menos ele é teu amigo, se ele fosse feio, tu nem te interessava e nem ia conversar com ele, tem que primeiro chamar a atenção pra poder ser teu amigo

VOCÊS SENTEM A PRESSAO PARA TER UM CORPO BONITO?

g)todo mundo vai dizer que não, mas eu acho q sim, todo mundo se compara,

i)e por causa da competição

g)tipo, ai eu tenho mais gordura que tu, eu tenho mais pneuzinho que tu

e)a gente sempre acaba se comparando

g)pra todo pé cansado existe uma pantufa velha

VOCÊS SENTEM PRESSÃO?

H) todo mundo É competitivo, especialmente a mulher, a mulher encontra um defeito até na mais bonita, então daí começa a todo mundo ser melhor que o outro

E O QUE VOCÊS ACHAM QUE ACABA ACONTECENDO QUANDO TODO MUNDO QUER SER MELHOR QUE O OUTRO?

g)que adianta ter um corpo perfeito, se tu fala merda, não pode comer isso, não pode comer aquilo, não adianta

f)áí um guri, tem uma guria tri bonita e uma guria feia, só que a guria tri bonita se abre a boca não sai nada, e a guria feia tem um corpo legal e é simpática , aí tu vê a guria bonita competindo com ela, tu vê a guria feia com um cara bonito tu já se intimida

i)áí o guri termina com a bonita e fica com a feia porque ela é legal

h) hoje em dia não tem essa de tu escolher quem tu vai ser, porque todo mundo sente a pressão, porque se o guri olhar pra uma guria feia e uma bonita, vai querer

ficar com a bonita, isso não é uma coisa que tu impõe, a sociedade que impõe, aí tu sente aquela pressão ai tu vai lá e muda

f) ai tu vai numa festa e tu te arruma pra ficar bonita, e tu vai começar a olhar pra uma pessoa, a primeira coisa que tu vai ver vai ser a beleza física da pessoa, e se tu já e bonita tem mais chance de conseguir ficar, de conseguir a querer alguma coisa

VOCÊS FALARAM MUITAS VEZES QUE AS GURIAS BONITAS NÃO TEM O QUE FALAR, VOCÊS ACHAM QUE ELAS SÃO BURRAS?

G) não, mas pode acontecer

c) É, a maioria é fútil

e) o que que é fútil?

g) que acham porque dinheiro pode comprar os outros, podem se sentir superiores, mas tá num colégio público pra mostrar que tem dinheiro, não vai ficar falando pros outros: ah eu tenho dinheiro

h) se tu estuda aqui tu não tem tanto dinheiro assim, se tu é pobre de rico tu vai estudar num colégio melhor

d) só que não é obrigação dela estudar no Anchieta só porque ela é rica, ela estuda onde ela quiser, se ela quiser estudar num colégio público pobre, ela pode estudar

h) claro que sim, só que são exceções , porque a maioria que estuda aqui, vem porque não tem condições de pagar um colégio

VOCÊS SENTEM A PRESSÃO DA SOCIEDADE? VOCÊS SENTEM ISSO? A PRESSÃO DA SOCIEDADE POR TER UM CERTO CORPO OU UM CERTO PADRÃO?

J) sim, porque tem muita gente que tem dinheiro dos pais, e tem um jeito de ser, aí tem que andar só com gente assim, só andar com pessoas que sejam daquela classe

a) tu vai querer ter um corpo legal, e mesmo tendo tu vai te espelhar nos outros, tu vai te espelhar nos outros pra ti te sentir bem, para ti ficar legal

f) tu sempre vai ficar com medo que falem mal de ti, tem muita gente que vai falar

QUEM DE VOCÊS SE PREOCUPA EM ESTAR COM O CORPO BONITO

6 de 8 visíveis (total de 12) levantaram a mão,

a) antes eu era a pessoa mais seca do mundo, ai todo mundo na rua olhava, me chamavam de Olivia Palito, daí eu comecei a comer, comer, ai me chamavam de gorda, foi legal que me chamaram de gorda, porque ai eu gostava que me chamavam de gorda

QUEM ESTÁ COMPLETAMENTE SATISFEITO COM O SEU CORPO?

3 de 8 visíveis levantaram a mão

g) (levantou a mão) tri que se acha né! (risos) (tom irônico) nunca ninguém esta satisfeito, falta um silicone (tom irônico, coloca as mãos nos seios), chegou num nível de futilidade que sei lá, não sei explicar

f)tu sempre procura ser melhor do que tu é, porque tu quer sempre te sentir melhor, ou pra auto-estima ou pra se sentir melhor do que os outros, é sempre assim, ou tu pode fazer isso pra te sentir bem contigo mesma ou pra tentar te sobre-sair , pra tentar te sentir melhor, todo mundo fala que não mas todo mundo já pensou isso, não adianta falar que não mas é verdade

f) e na nossa idade, os guris sempre desenvolvem mais tarde, a gente tá com corpo, pode até estar magrinha, mas quer exigir um corpo perfeito, e muito guri vai ter corpo só no terceiro ano, e olhe lá!, as gurias já na oitava serie, já tem um corpo, guri é sempre desleixado, é tipo “ah eu to bem, eu to sempre bem, eu acho q eu to bem” e não quer nem saber pros outros, já a guria quer ficar com o corpo perfeito, porque sempre reparam mais

g) as guris ficam falando das celulites, da gordura, das espinhas, do cabelo

OS MENINOS: VOCÊS FICAM FALANDO SOBRE A CELULITE, SOBRE O CORPO DAS MULHERES?

B) eu não

3 meninas fazem ironia (ah não, fala sim)

e) reclama que o menino a chama de gordinha

b)ah mas é de brincadeira!

f) eles falam de brincadeira mas as gurias levam tudo a sério, são meio neuróticas, eles falam : ba tu tá muito gorda, e as gurias falam: serio?

A SENSIBILIDADE DAS MULHERES POR ESSA PRESSÃO QUE ELAS SENTEM, TALVEZ NÃO SEJA A MESMA QUE AS DOS HOMENS, O CORPO PERFEITO, E NUNCA SE TA SATISFEITO COM O CORPO QUE SE TEM, ISSO MEXE COM VOCÊS?

F)balança cabeça afirmativamente, ninguém gosta de falar dos defeitos, ninguém gosta que falem mal da pessoa, todo mundo tem defeitos

g)isso gera brigas, porque aí uma fala mal da outra, ninguém e perfeito 1’16’’

AQUI NA ESCOLA FICAM APONTANDO E MOSTRANDO OS DEFEITOS?

F)não só aqui, em todos

MAS AQUI?

g) aqui todo mundo se conhece

MAS O FATO DE SE CONHECER NÃO QUER DIZER QUE NÃO ACONTECE,
PORQUE SERÁ QUE ACONTECE?

a) Porque são diferente deles

g) ninguém é igual a ninguém

f) porque todo mundo é um bando de invejosos

g) todo mundo tem inveja do outro

f) um defeito que eu tenho ela não tem, mas ela tem um defeito, que a outra não tem,

VOCÊS ACHAM QUE É ASSIM QUE FUNCIONA?

H) muito muito eu acho que não, mas tem colégios que bah! Tá louco, tem colégios
que judiam, não é nem excluir, é judiar

ANEXO 4 TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA :

“Corpo e juventude: a nomeação do outro”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL : Marcelo Slomka

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Rosa Maria Bueno Fischer

Informações gerais:

O projeto de pesquisa “Corpo e juventude: a nomeação do outro na escola” trata de uma temática específica: questionar as formas e contornos que o corpo ganha na subjetivação de si e do outro, como lugar de identificação na contemporaneidade. O objetivo geral da pesquisa é procurar compreender a relevância que o corpo assume atualmente nos modos de nomeação do outro jovem, e de que modo isso estaria afetando os sujeitos. Especificamente, o objetivo é, através de encontros com jovens de Ensino Médio, a análise de imagens sobre corpos jovens, e a problematização de discursos e práticas diversas que se produzem e circulam sobre esse tema.

Em termos metodológicos, trabalharemos com dois grupos focais, de alunos do Ensino Médio (entre 15 e 18 anos), de uma escola pública. Cada grupo será composto de aproximadamente doze alunos, com os quais teremos dois encontros, cada um com duração de aproximadamente uma hora e meia. O conteúdo a ser trabalhado nos dois encontros será, basicamente:

a) Apresentação de vinte e oito fotografias de jovens. Cada estudante receberá três questionários, onde será solicitado que responda a diversas impressões acerca desses jovens como forma de obtenção de alguns dados mais objetivos sobre os alunos, bem como de suas percepções, idéias e julgamentos, baseados nas foto-imagens. Meu intuito foi o de inicialmente fazer com que aqueles jovens sugerissem qualidades para definir aquelas imagens, para de algum modo entender o quanto elas teriam ou não a ver com suas opiniões, preconceitos e diferenças e, até, formas de racismo.

b) Apresentação de um trecho do filme *Elefante*, em que o diretor Gus Van Sant mostra a experiência de uma jovem estudante, deslocada dos demais pela sua aparência,

na aula de Educação Física. Também será Apresentado trechos do filme *Aos Treze*, dirigido por Catherine Hardwicke, que trata de uma jovem discreta e tímida. Na narrativa, um dia ela se torna amiga da garota mais “popular” da escola. Os trechos mostram o modo como a personagem Tracy deseja mudar sua aparência, seu estilo, como uma forma de obter acesso aos olhares do mundo, dos outros, do grupo de garotas consideradas “populares”. Após a apresentação será realizado um grupo de discussão para refletir e questionar sobre situações semelhantes na vida deles, se isso acontece na escola, como se sentiram ao ver o trecho do filme, etc.

Termo de Consentimento Informado (se o/a aluno/a tem 18 anos ou mais)

Eu, _____, RG nº _____, concordo em participar da pesquisa “Corpo e juventude: a nomeação do outro na escola”, do mestrando Marcelo Slomka, sob orientação da Profª Drª Rosa Maria Bueno Fischer, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Autorizo o uso dos dados das sessões de debate gravadas, bem como o uso de minha imagem, desde que minha identidade seja preservada.

Assinatura do(a) participante

Contatos com o pesquisador responsável:

Fone: _____

E-mail: _____

Dados do(a) aluno/a para contatos posteriores:

Nome Completo: _____

Endereço: _____

Fone: _____

E-mail: _____

Termo de Consentimento Informado (se o/a aluno/a for menor de idade)

Eu, _____, RG nº _____, responsável pelo aluno _____, concordo com sua participação na pesquisa “Corpo e juventude: a nomeação do outro na escola”, do mestrando Marcelo Slomka, sob orientação da Profª Drª Rosa Maria Bueno Fischer, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Autorizo o uso dos dados das sessões de debate gravadas, bem como o uso da imagem do/da depoente, desde que sua identidade seja preservada.

Assinatura do(a) responsável

Contatos com o pesquisador responsável:

Fone: _____

E-mail: _____

Dados do(a) responsável para contatos posteriores:

Nome Completo: _____

Endereço: _____

Fone: _____

E-mail: _____

